

TÓPICOS EM EDUCAÇÃO

Docência, Tecnologias e Inclusão



Organização
Jader Luís da Silveira


Editora
MultiAtual

Volume
7
2022

TÓPICOS EM EDUCAÇÃO

Docência, Tecnologias e Inclusão



Organização
Jader Luís da Silveira


Editora
MultiAtual

Volume
7
2022

© 2022 – Editora MultiAtual

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Editor Chefe e Organizador: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/MultiAtual

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587e Silveira, Jader Luís da
Tópicos em Educação: Docência, Tecnologias e Inclusão - Volume 7 / Jader Luís da Silveira (organizador). – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2022. 127 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-89976-24-0
DOI: 10.5281/zenodo.5816082

1. Educação. 2. Docência. 3. Tecnologias. 4. Inclusão. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 370
CDU: 37

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoramultiatual.com.br
editoramultiatual@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

AUTORES

**ANDRESSA ALMEIDA DOS SANTOS
CÁSSIA DA SILVA
CLEIDIANNE COSTA DA SILVA
ELISBERTA DE OLIVEIRA ARAUJO
FABRÍCIA RAQUEL DE OLIVEIRA ARAÚJO
FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA
GILSON BRANDÃO DA ROCHA FILHO
JÉSSICA GIRLAINE GUIMARÃES LEAL
JONATAN DOS SANTOS SILVA
JOSÉ ALMIRO ALVES DA SILVA
JOSÉLIA CARVALHO DE ARAÚJO
JULIANA NAYARA BRASIL DE MORAIS
LENINA LOPES SOARES SILVA
MARCOS CÉSAR SOARES RAMALHO
MARIA HELENA BEZERRA DA CUNHA DIÓGENES
MARLON MESSIAS SANTANA CRUZ
MÍRIA HELEN FERREIRA DE SOUZA
NATÁLIA DE OLIVEIRA GOMES
PRISCILA FREITAS CONCEIÇÃO
TATIANA DANTAS DOS SANTOS**

APRESENTAÇÃO

O título da obra “Tópicos em Educação: Docência, Tecnologias e Inclusão - Volume 7” apresenta como eixo comum a Educação, com temas interligados que fazem o processo de ensino-aprendizagem acontecer de forma efetiva e eficaz, abrangendo a docência, as tecnologias e a inclusão.

Assim, a Educação pode e deve ser entendida como um processo em constante movimento, que evolui diariamente com necessidade de participação contínua de todos os envolvidos: os professores, os gestores, os estudantes, os pais e toda a comunidade escolar. A participação de todos proporciona um processo dinâmico, integrador e capaz de mudar uma nação.

Vale ressaltar a participação das práticas docentes para a viabilização do efetivo processo de ensino-aprendizagem, principalmente em tempos de pandemia do novo coronavírus, que fez revolucionar a forma de ensinar, bem como aproximar as tecnologias digitais de comunicação e informação. Se antes da pandemia as tecnologias já eram essenciais para o processo pedagógico, hoje são ferramentas essenciais para docentes e discentes.

Tudo isso ainda com a missão de promover a inclusão, seja ela digital, social, cultural, bem como de alunos integrantes da Educação Especial e Inclusiva. Promover a inclusão mais do que nunca é fator importante, de alto impacto e essencial para a Educação que transforma, que muda vidas e leva a melhoria de um país como um todo.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos da área de Educação, aliados às temáticas das práticas ligadas a a inovação e aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

SUMÁRIO

Capítulo 1 A PERSPECTIVA CRÍTICO-SUPERADORA E A CULTURA CORPORAL NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA <i>Marlon Messias Santana Cruz; Jonatan dos Santos Silva; Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	9
Capítulo 2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DE NÍVEL MÉDIO NO BRASIL E O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE LETRAMENTO DIGITAL <i>Maria Helena Bezerra da Cunha Diógenes; Tatiana Dantas dos Santos; Lenina Lopes Soares Silva</i>	27
Capítulo 3 UMA VISÃO GEOGRÁFICA ACERCA DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DE CONSUMO: IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DO FAST-FOOD <i>Natália de Oliveira Gomes; Gilson Brandão da Rocha Filho</i>	48
Capítulo 4 CURIOSIDADES HISTÓRICAS DA MATEMÁTICA E DA ESTATÍSTICA <i>Marcos César Soares Ramalho; José Almiro Alves da Silva; Priscila Freitas Conceição; Josélia Carvalho de Araújo</i>	70
Capítulo 5 LER PARA A CRIANÇA CRESCER <i>Fabírcia Raquel de Oliveira Araújo; Juliana Nayara Brasil de Moraes; Míria Helen Ferreira de Souza</i>	83
Capítulo 6 LETRAMENTO LITERÁRIO: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA FEMININA EM SALA DE AULA <i>Andressa Almeida dos Santos; Cássia da Silva</i>	96
Capítulo 7 OS DESAFIOS DOS SURDOS NO SÉCULO XX: ENTRE PERCALÇOS E CONQUISTAS <i>Cleidianne Costa da Silva; Elisberta de Oliveira Araujo; Jéssica Girleine Guimarães Leal</i>	104
Biografias CURRÍCULOS DOS AUTORES	121

Capítulo 1

**A PERSPECTIVA CRÍTICO-
SUPERADORA E A CULTURA
CORPORAL NAS AÇÕES
PEDAGÓGICAS DE
PROFESSORES E
PROFESSORAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Marlon Messias Santana Cruz
Jonatan dos Santos Silva
Felipe Eduardo Ferreira Marta**

A PERSPECTIVA CRÍTICO-SUPERADORA E A CULTURA CORPORAL NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Marlon Messias Santana Cruz

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil.

Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia - Campus XII.

E-mail: mmscruz@uneb.br

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9618-848X>

Jonatan dos Santos Silva

Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil.

Docente na rede estadual de Educação da Bahia (SEC/BA).

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

E-mail: jonatandon@gmail.com

Ordid: <http://orcid.org/0000-0002-5251-0948>

Felipe Eduardo Ferreira Marta

Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Pós-doutorado pela Virginia Polytechnic Institute and State University (Virginia Tech/USA). Docente permanente no Programa de Pós-graduação em Memória:

Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: fefmarta@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0501-4298>

Resumo

Neste trabalho, busca-se refletir de que modo a aplicação da metodologia de análise de discurso permite estabelecer diálogos de entendimento a respeito do funcionamento dos discursos e seus interlocutores dentro do debate sobre a tendência

pedagógica crítico-superadora. Esta, não é, simplesmente, um manual didático, mas sim de uma proposta educacional ampla que articulou discursos, que se constituiu em um momento histórico com o qual tem ligações, que pressupôs uma interação com os interlocutores e impactou de modo relevante no desenvolvimento pedagógico da Educação Física. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática em textos publicados no Caderno de Formação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte com a finalidade de identificar os sentidos atribuídos à Cultura Corporal nos textos analisados. A partir da análise foi possível perceber que a concepção pedagógica crítico-superadora, não pode ser concebida na perspectiva da Análise de discurso fora do sujeito e nem da ideologia que a constituiu. Enfim, por meio do estudo realizado, foi possível confirmar que a Educação Física como área do conhecimento apresenta diferentes concepções de objeto de estudo, a sua especificidade deve se relacionar de forma direta com a sua função social, ou seja, a variedade de objetos é determinada pelas bases epistemológicas que fundamentam suas ações.

Palavras-chave: Cultura Corporal. Educação Física. Prática Pedagógica. Escola.

Abstract

In this work, we seek to reflect on how the application of the discourse analysis methodology allows establishing dialogues of understanding regarding the functioning of the discourses and their interlocutors within the debate on the critical-overcoming pedagogical tendency. This is not simply a didactic manual, but rather a broad educational proposal that articulated speeches, which constituted a historical moment with which it has connections, which presupposed an interaction with the interlocutors and had a relevant impact on pedagogical development. of Physical Education. To this end, a systematic review was carried out on texts published in the Training Notebook of the Brazilian Journal of Sport Sciences in order to identify the meanings attributed to Corporal Culture in the analyzed texts. From the analysis, it was possible to perceive that the critical-overcoming pedagogical conception cannot be conceived in the perspective of Discourse Analysis outside the subject or the ideology that constituted it. Anyway, through the study, it was possible to confirm that Physical Education as an area of knowledge presents different conceptions of the object of study, its specificity must be directly related to its social function, that is, the variety of objects is determined by the epistemological bases that support their actions.

Keywords: Body Culture. Physical Education. Pedagogical practice. School.

Resumen

En este trabajo, buscamos reflexionar sobre cómo la aplicación de la metodología de análisis del discurso permite establecer diálogos de comprensión sobre el funcionamiento de los discursos y sus interlocutores dentro del debate sobre la tendencia pedagógica crítica-superadora. No se trata simplemente de un manual didáctico, sino de una propuesta educativa amplia que articuló discursos, lo que constituyó un momento histórico con el que tiene conexiones, que presupuso una interacción con los interlocutores y tuvo un impacto relevante en el desarrollo pedagógico. de Educación Física. Para ello, se realizó una revisión sistemática de los textos publicados en el Cuaderno de Entrenamiento de la Revista Brasileña de Ciencias del Deporte con el fin de identificar los significados atribuidos a la Cultura Corporal en los textos analizados. A partir del análisis se pudo percibir que la concepción pedagógica crítica-superadora no puede concebirse en la perspectiva del Análisis del Discurso fuera del sujeto o de la ideología que lo constituye. De todos modos, a través del estudio, se pudo constatar que la Educación Física como área de

conocimiento presenta diferentes concepciones del objeto de estudio, su especificidad debe estar directamente relacionada con su función social, es decir, la variedad de objetos es determinada por las bases epistemológicas que sustentan sus acciones.

Palabras clave: Cultura del Cuerpo. Educación Física. Práctica Pedagógica. Escuela.

INTRODUÇÃO

A atuação docente é um elemento fundamental para a construção do lugar social do professor, assim, a mesma deve sempre ser problematizada, analisada e modificada de acordo os sujeitos que dela usufruem, e das demandas sociais. A atuação profissional, em especial, para o exercício docente deverá sempre revisitar as suas bases teórico-práticas.

A construção de alicerces teóricos para a Educação Física é um empreendimento coletivo e de grande esforço, especialmente quando as dificuldades têm se avolumado sob o peso da paralisação, quase generalizada, das ações em relação à área (TAFFAREL e ESCOBAR, 2007). Desta forma, a reestruturação do campo teórico estabelece necessidades de ajustes nos campos profissionais que se expressam em uma organização da produção científica, a qual deve propor um diálogo estreito com diversas áreas do conhecimento, entre elas o campo da Memória.

Ao discutir a Memória enquanto área do conhecimento e objeto multifocal do saber, é possível encontrar diversas abordagens teóricas reveladas em cada momento histórico da sociedade, as quais são desenvolvidas por vários estudiosos. Segundo Cordeiro (2015), os estudos sobre memória constituem-se, desde seu surgimento, na Grécia antiga, como um problema filosófico, o que permanece até os dias de hoje dentro das discussões de diversas áreas do conhecimento como a psicologia, as neurociências cognitivas, a filosofia, a história e a sociologia, tornando-a um campo interdisciplinar de estudo com suas variadas dimensões. Podemos tomar como exemplo as dimensões da Memória nos estudos de Halbwachs. Segundo Halbwachs (2013), a memória é um processo de reconstrução e deve ser analisado considerando dois aspectos. O primeiro é o fato de não se tratar de uma repetição linear dos acontecimentos no contexto atual; e o segundo é se diferenciar dos acontecimentos que podem ser localizados em um tempo ou espaço que se envolve num conjunto de relações sociais. Para o autor, a lembrança advém das relações sociais desenvolvidas no cotidiano, sendo assim a memória individual só pode ser estabelecida a partir de memórias coletivas.

Neste trabalho, busca-se refletir como a metodologia de análise de discurso permite estabelecer diálogos de entendimento a respeito do funcionamento dos discursos, e seus interlocutores, dentro do debate sobre o conceito de Cultura Corporal na Educação Física Escolar brasileira. Cabe salientar que a Educação Física desenvolvida na escola é concebida como discurso na medida em que produz sentidos dentro de um determinado contexto social, histórico e em certas condições de produção.

Para entender a Educação Física para além de um componente curricular, devemos necessariamente nos apropriar de seu contexto histórico, de seus objetivos sociais e políticos, para assim traçarmos seus reflexos e suas possibilidades e posteriormente, resgatá-la e dar sentido para a sua prática no âmbito escolar.

O objeto de estudo da educação física é, “O conjunto de práticas corporais construídas historicamente pelo homem em tempos e espaços determinados historicamente, sistematizadas ou não, que são passadas de geração em geração” (TAFFAREL Et al. 2005 p. 03), ou seja, a cultura corporal, sendo a Educação Física, “Uma disciplina escolar destinada ao ensino de conteúdos selecionados do universo da cultura corporal e ou, esportiva da humanidade, orientada pela teoria pedagógica que procura as regularidades ou o que há de comum no ensino das diversas disciplinas escolares” (TAFFAREL Et al. 2005 p. 09).

A cultura corporal tratada na escola pública exprime uma compreensão de mundo na qual são estabelecidas relações dialéticas entre os objetivos do homem e as intenções da sociedade que se quer formar. Por isso ela deve ser entendida como uma área de conhecimento construída sócio historicamente pela atividade humana e ser apropriada por todos os sujeitos, pois é dever do poder público a promoção social da cultura, do esporte e do lazer como direito de todo sujeito (CRUZ; BARBOSA NETO, 2010).

Assim, a proposta de Cultura Corporal como objeto de estudo da Educação Física parte da concepção Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Publicado em 1992 o livro Metodologia do Ensino de Educação Física não se trata de um manual didático, mas sim de uma proposta educacional ampla que articulou discursos, a concepção didática delineada na referida obra constituiu-se em um momento histórico de renovação pedagógica da Educação Física na escola, portanto pressupôs uma interação com os interlocutores (professores) e impactou de modo relevante no desenvolvimento pedagógico da Educação Física. Chamado

popularmente de “Coletivo de Autores”, o livro Metodologia do Ensino de Educação Física tornou-se, ao passar dos anos, uma referência importante no campo da produção do conhecimento em Educação Física, bem como no auxílio ao desenvolvimento da prática pedagógica do professor de Educação Física.

Portanto, o objetivo deste estudo consiste em verificar o efeito ideológico acerca do objeto de estudo da Educação Física na perspectiva Crítico-Superadora e, desta forma, identificar os sentidos atribuídos à Cultura Corporal na prática pedagógica concreta, ou seja, analisar a proposta de construção da compreensão epistemológica do termo Cultura Corporal atribuído pelos seus locutores e os sentidos atribuídos pelos professores no desenvolvimento de uma prática pedagógica na escola. Assim, discutiremos sobre as possibilidades e desafios do desenvolvimento de aulas de Educação Física que apresentam os elementos da Cultura Corporal como indicador de conteúdos para o currículo escolar.

DELINEAMENTO DO ESTUDO

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo de revisão sistemática, uma abordagem de estudo que recorre a fonte de dados já publicados sobre um tema em especial, assim busca selecionar, avaliar e caracterizar estudos e pesquisas, busca também identificar conceitos relevantes e analisá-los criticamente (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

Assim sendo, a proposta é analisar trabalhos publicados em um periódico nacional, Caderno de Formação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (ISSN 2175-3962), a opção pelo referido periódico é pelo fato deste publicar trabalhos que contemplam experiências de práticas de ensino da Educação Física na escola. Buscou-se elencar o que foi produzido e publicado no periódico supracitado, especificamente as práticas de ensino que tiveram como fundamento teórico a Cultura Corporal como baluarte das ações pedagógicas, para assim, propor uma interlocução com o conceito de Cultura Corporal no Coletivo de Autores (1992).

Esta análise busca responder a seguinte questão norteadora: Há efeito, ou deslocamento, ideológico no conceito de Cultura Corporal apropriado e desenvolvido pelos professores, publicados no Caderno de Formação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte em relação ao que está presente no Coletivo de Autores? O Caderno de Formação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte é uma publicação

oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), a mais expressiva entidade científica da Educação Física e Esportes no Brasil.

A opção por buscar as produções no referido periódico, se deve ao fato que estas produções são, em grande medida, mais representativas e estabelecem uma qualidade necessária para a análise. Tal método é bastante comum em estudos deste tipo, uma vez que os artigos selecionados para a análise possibilitam novas hipóteses, surgidas a partir das leituras criteriosas. Dessa forma o investigador tem um estudo em constante desenvolvimento, uma vez que seus pressupostos surgem apenas como uma iniciação para o tema, e ao desenvolver as leituras, buscam evitar a fuga do assunto proposto, entretanto novas ideias e possibilidades podem surgir à medida que a análise se desenvolve.

O recorte temporal para análise dos artigos compreendeu entre os anos de 2009 a 2019, a opção de tomar este período como tem relação com o início das atividades do periódico. O Caderno de Formação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte é publicado semestralmente, traz em média oito artigos por edição. A seleção dos estudos, objeto da análise deste trabalho, foi realizada em duas fases. A primeira fase, foi feito um levantamento, a partir da ferramenta de busca na página do periódico, executou a busca por descritores utilizando os termos: “Cultura Corporal” e “Crítico-Superadora”. Como resultado desta busca chegamos ao total de 16 artigos publicados.

A segunda fase, buscou filtrar nos artigos encontrados, a relação estreita com o objetivo deste estudo. Assim, foi feita a leitura dos títulos dos artigos, bem como realizamos a análise dos resumos e das palavras-chave. Ao selecionar os artigos que atendiam aos critérios de inclusão, foi realizada a leitura do artigo completo. Ao concluir esta fase chegamos ao número de três artigos selecionados para a análise, estes atenderam ao critério de inclusão, estabelecer a Cultura Corporal como fundamento base para a seleção dos conteúdos para as aulas de Educação Física na escola. Excluiu-se os textos que mencionavam os termos Cultura Corporal de Movimento, Cultura do Movimento, Movimento Humano, Motricidade Humana e Psicomotricidade.

A revisão sistemática empreendida neste estudo propôs leituras minuciosas dos artigos, sustentando uma práxis que culmine com a identificação dos efeitos de sentidos conferidos ao conceito de Cultura Corporal e de Educação Física com base nos pressupostos da Análise de Discurso, de Linha Francesa. A leitura dos textos

selecionados buscou identificar as abordagens metodológicas empreendidas dos estudos, e também, os critérios de seleção dos conteúdos desenvolvidos nas aulas.

Conforme Maingueneau (2006), a escola francesa de Análise de Discurso é uma concepção sinalizada pela associação de uma prática filológica, acadêmica, e de uma conjuntura intelectual da França dos anos 1960. Esta, sob os comandos do estruturalismo da época, dialoga com as concepções linguísticas de Saussure, com a psicanálise de Freud e com o materialismo histórico marxista.

Diante desta ideia, a investigação será incidida na materialidade e historicidade dos enunciados nos textos (relatos dos professores). Abordaremos a indissociabilidade destes aspectos implícitos na prática pedagógica relatada, seus aspectos subjetivos e os componentes que forjaram a concepção pedagógica em questão, pois o entendimento de Cultura Corporal na Educação Física, como uma concepção teórica, a qual materializa diferentes discursos, não pode ser concebida na perspectiva da Análise de Discurso fora do sujeito e nem da ideologia que a constituiu.

Logo, é necessário elucidar o processo de constituição do sujeito, professor, em sujeito ideológico. O desenvolver da prática pedagógica está imbricado entre o discurso, a história e linguagem do professor, assim coloca-se em questionamento a possível relação entre discurso e memória. É relevante trazer a ressalva que esta relação entre discurso e memória acontece não em um grau de hegemonia, ou seja, um espaço epistemológico neutro e estável, mas acontece dotado de uma correlação de forças que, de um lado, busca conservar o que há de regular já preexistente, entretanto, por outro lado, um sentido de desestabilização para desregular o já posto (PÊCHEUX, 1999).

A Análise de Discurso empreendida neste estudo contraria a prática da leitura como simples decodificação e busca uma análise da leitura no campo da subjetividade, da interpretação próxima às teorias da ideologia e do discurso.

A CULTURA CORPORAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Na análise pormenorizada dos textos, lidos na íntegra, percebe-se a diversidade de temas das publicações. Nesse emaranhado, as concepções e conceitos de Cultura Corporal aparecem evidentes em alguns artigos, e, em outros,

justapostas a outras questões, como por exemplo, a concepção de currículo, e outras propostas de objeto de estudo da Educação Física.

Para entender a Educação Física para além de um componente curricular, devemos necessariamente nos apropriarmos de seu contexto histórico, bem como, dos seus objetivos sociais e políticos, para assim traçarmos seus reflexos e suas possibilidades, e posteriormente resgatá-la, e dar sentido para a sua prática no âmbito escolar. No fim da década de 1980 e início de 1990 do século XX acirraram-se os debates progressistas na área e surgiram trabalhos que marcaram época. Surgem propostas na luta pela sistematização da Educação Física crítica, buscando a razão de ser e estar na escola, de vê-la como uma prática pedagógica, que no âmbito escolar, tematiza formas de práticas corporais e expressivas. Saem em busca da resolução da crise paradigmática e epistemológica. De acordo com Daolio (2004), o grande salto qualitativo do movimento foi considerar a dimensão cultural, visto que, até poucos anos antes da década de 1990, o referencial quase exclusivo provinhas das ciências naturais, mais designadamente da ciência biológica.

Neste contexto, em 1992 foi publicado o Livro Metodologia do Ensino de Educação Física, o Coletivo de Autores (1992) traz a reflexão de que diferentes respostas têm sido historicamente construídas sem, contudo, contribuírem substancialmente para a superação da prática conservadora existente. Para os autores, algumas respostas a esta provocação precisavam na época de uma teorização mais ampla sobre os fundamentos da Educação Física escolar.

O conceito de Cultura Corporal foi preconizado na referida obra, na qual foi sistematizada uma proposta de ensino para a Educação Física na escola, denominada “Crítico-Superadora”. A perspectiva defende que, por meio das práticas corporais pode se desencadear mudanças de hábitos, ideias e sentimentos. Afirma-se a ressignificação do movimento humano como meio de formação e secundarização da transmissão de conhecimentos (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Para Daolio (2004), o grande mérito dessa abordagem foi justamente deslocar o centro de preocupação da área da Educação Física escolar de dentro para fora do indivíduo. Assim, teria como prioridade contemplar a expressão corporal como linguagem, como conhecimento universal criado pelo homem.

A Cultura Corporal, nos artigos selecionados para este estudo, agrupa conteúdos que tratam o desenvolvimento da atividade profissional em Educação Física em alguns âmbitos. Para isso, os autores lançam mão de diversos aspectos

relacionados a esta questão, com distintos enfoques, olhares e trilhas diferenciadas. Conforme a análise, reunimos três textos:

Quadro 01: Artigos selecionados para análise

Artigos	Autores	Ano
Texto 01 ATIVIDADES DE AVENTURA NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	Bruno Allan Teixeira da Silva, Daniel Teixeira Maldonado, Valdilene Aline Nogueira, Vera Lucia Teixeira da Silva, Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva	2016
Texto 02 CÍRCULO DE CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REFLEXÕES DE UM DOCENTE SOBRE A SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA.	Claudio Aparecido de Sousa, Peterson Amaro da Silva, Daniel Teixeira Maldonado	2017
Texto 03 QUESTIONANDO A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA A PARTIR DO “CAÇADREZ”: UMA BOA PRÁTICA EDUCATIVA NO ENSINO MÉDIO?	Weslei da Mota, João Pedro Lezan	2018

Fonte: Autores (2020)

Nos artigos selecionados no quadro acima, a concepção de Cultura Corporal aparece articulada com os estudos que se apropriam da Cultura Corporal como objeto de ensino da Educação Física, ou seja, os conceitos dialogam com as concepções imbricadas em estudos da área. O debate acerca da cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física não é consenso na área, isto remete à uma defesa de classe e de projeto de educação e sociedade. As tendências teórico-metodológicas da Educação Física continuaram em constantes embates porque travam disputas de classes distintas, os interesses tanto imediatos quanto históricos são antagônicos e nunca chegaram a uma posição homogênea.

Oredenes, et al (2016) destacam que as construções de uma memória para as ações didáticas em Educação Física contribuem para uma edificação de uma memória pedagógica do referido componente curricular na escola. Diante disso, entende-se que a principal função da escola é a socialização do conhecimento, produzido historicamente e consolidado nos diversos conteúdos escolares, o que implica ao professor ter domínio destes conteúdos, bem como dos meios para torná-los acessíveis aos estudantes. Partimos da concepção de que as relações sociais humanas estruturadas ao longo da história interferem diretamente no trabalho

pedagógico do professor em sala de aula, trabalho pedagógico este que deve objetivar a emancipação humana dos sujeitos envolvidos no processo.

No texto 01, Silva et al (2016) desenvolvem um estudo sobre o esporte de aventura em um curso de Licenciatura em Educação Física, portanto o objetivo do estudo foi “discutir amplamente as atividades de aventuras e esportes radicais na formação profissional em EF e capacitar os alunos para o desenvolvimento de técnicas e possibilidades pedagógicas para ensinar os esportes radicais nas aulas de EFE” (SILVA Et al. p. 73). Ao desenvolver este objetivo, os autores compreendem os esportes de aventuras como uma possibilidade de conteúdo na Educação Física Escolar e traça o entendimento de esporte como uma das manifestações da Cultura Corporal “As estratégias didáticas utilizadas nas aulas foram vivências das modalidades radicais, discussões e pesquisas sobre a inserção dessa manifestação da cultura corporal nas aulas de Educação Física Escolar (EFE)” (SILVA Et al. 2016, p. 69).

O discurso sobre Cultura Corporal está envolto em um conceito estabelecido e anexado às memórias discursivas, demonstrando um conflito entre o dito e o não-dito que, ao longo do tempo, são abarcadas pela lógica educacional que é dinâmica e contraditória simultaneamente, desta forma os autores desenvolvem uma percepção de Cultura Corporal alinhada ao conceito estabelecido no Coletivo de Autores (1992), pois desenvolveram as ações pedagógicas da Educação Física em uma perspectiva crítica e emancipatória “As aulas de EFE possuem a finalidade de formar pessoas com consciência crítica para agir com autonomia em relação às manifestações da cultura corporal e munir os alunos de possibilidades para se tornarem cidadãos críticos a respeito das diferentes práticas corporais ensinadas na escola” (SILVA Et al 2016, p. 72). Nessa compreensão, percebe-se que as ações pedagógicas desenvolvidas e relatadas no estudo, são atravessadas por sentidos pré-existentes. O conceito de Cultura Corporal empreendido no trabalho está repleto de sentido histórico. Os discursos materializados nas representações reformulam e reproduzem sentidos e esses devem ser popularizados, massificados, posto que são constituídos de ideologias e servem a uma determinada conjuntura histórica, posto que “[...] os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas dos homens” (ORLANDI, 2015, p. 14).

A produção analisada neste trabalho, trata, em alguma medida, não apenas das interpretações históricas sobre o conceito dos elementos da Cultura Corporal,

mas buscam discutir sobre o processo de construção de identidades, a partir da memória das práticas corporais tratadas nos artigos. Buscam, por meio de distintos referenciais e diversificada metodologia, problematizar as bases conceituais de Cultura Corporal em diálogo com o tema específico de cada produção. Ou seja, o processo de análise dos textos levou em consideração não apenas o que estava explícito, mas também o “não dito”, o pré-construído nos discursos transversos, nas referências utilizadas, entre outros indicadores. Logo, importante frisar que a memória discursiva restaura as considerações ocultas à primeira vista.

No texto 02, Souza et al (2017) destacam em seu estudo, que a concepção de Cultura Corporal compreende as tendências culturais que a Educação Física está associada. Ao traçar as ambivalências existentes no debate acerca da Cultura Corporal e a Educação Física na escola, os autores afirmam que o estudo não propõe dar receitas pedagógicas acerca da temática desenvolvida nas aulas, mas propõe uma reflexão quanto ao conteúdo desenvolvido e as nuances que este conteúdo traz em seu bojo. O estudo descreve uma prática pedagógica sobre o tema Jogos e Brincadeiras e para isso “...o embasamento teórico desta prática pedagógica foi amparado em alguns pressupostos teóricos da Perspectiva Cultural da Educação Física” (Souza et al, 2017 p. 11). A Perspectiva Cultural da Educação Física que tem como base os Estudos Culturais e o Multiculturalismo Crítico. Segundo essa perspectiva, não há conhecimentos considerados mais ou menos legítimos, adequados ou inadequados, válidos ou não válidos. Isso significa que todas as formas de manifestação e expressão corporal devem ter espaço no currículo, uma vez que a validação de certos conhecimentos em detrimento de outros contribui para a legitimação de determinados interesses e para a constituição da identidade dos sujeitos que frequentam a escola.

Segundo Bracht (2003), as distintas concepções de objeto de estudo da Educação Física asseveram que estes objetos devem relacionar-se com a função social da escola. Portanto, pensar a prática pedagógica da Educação Física na escola remete às práticas corporais entendidas como discurso que desenvolvem a cultura e é influenciada por ela. Desta forma o trabalho de Souza Et al (2017), propõe uma compreensão de Cultura Corporal que não dialoga com a concepção do Coletivo de Autores, pois o componente curricular Educação Física na perspectiva crítico-superadora, deixa explícito a defesa de um projeto histórico socialista, e tece críticas

radicais ao sistema vigente com base em uma proposta transformadora e contextualizada com a realidade concreta.

Nessa compreensão, percebe-se que o conceito de Cultura Corporal na Perspectiva Cultural da Educação Física exprime um discurso não revelado, contudo, está presente, no intercalo do que não foi dito, para negar a senilidade e seus constituintes, pois para compreender o currículo Cultural da Educação Física como um território político, a perspectiva cultural, além de questionar as relações de poder subjacentes às decisões curriculares, qual o projeto educativo, social e identitário a que elas servem, também desvela os marcadores sociais presentes nas práticas corporais, tais como as questões de classe social, gênero, sexualidade, religião, raça e etnia (NEIRA, 2011). Portanto, sem esses, conforme aponta Orlandi (2015, p. 88) “[...] não há texto, não há discurso, que não esteja em relação com outros, que não forme um intrincado nó de discursividade”.

A partir deste ponto de vista, a leitura e análise dos escritos está diretamente relacionada com o significado do texto e, especialmente, com a função de gestão das ações que as instituições exercem podendo intimamente o efeito de sentido verdadeiro do discurso. Neste sentido, a Cultura Corporal sinalizada neste trabalho surge, não da “...leitura de um texto enquanto texto, mas enquanto discurso, isto é, na medida em que é remetido a suas condições, principalmente institucionais, de produção” (POSSENTI, 2009, p. 13). Assim, entende-se que a Cultura Corporal estampada nesse trabalho não apresenta sentidos literais, pré-estabelecidos (em outra concepção), e sim, apresenta-se possibilidades distintas de entendimento, pois “os sentidos são da ordem do simbólico e constituem-se em processos discursivos, na relação entre interlocutores” (VARGAS 2009).

A relação entre a escola, a Educação Física, e o projeto de cultura, deve ser de complementaridade, apontando para a formação omnilateral vislumbrando a superação qualitativa da sociedade atual, uma sociedade para além das relações voltadas para o lucro. Contrapondo-se a formação de ideias e valores intrínsecos à ideologia capitalista e que são, também, inerentes à prática pedagógica da escola atual, por isso a necessidade da análise da Concepção de Cultura Corporal e o seu desenvolvimento nas aulas de Educação Física escolar.

O texto 03 de Mota e Lezan (2018), relata uma experiência pedagógica que surgiu a partir da variação do conteúdo de jogos populares, assim o trabalho pretende “refletir sobre a possibilidade de a Educação Física escolar guiar-se na

busca da humanização das relações sociais, utilizando momentos de conflito entre os alunos e alunas - em especial quando relacionados ao 'marcador social' de gênero - na formação para a diversidade e o respeito" (p. 24 e 25).

Na análise desta produção, constata-se a preferência em delinear a Cultura Corporal fincada em um contexto em que os estudantes, sujeitos das ações relatadas, atribui um sentido ao conteúdo desenvolvido, carregado de um significado social extremamente relevante, pois, ao desenvolver o jogo os autores compreenderam "...que a masculinidade hegemônica é um conceito analítico central para nos ajudar a compreender as relações conflituosas existentes no contexto de participação dos/das estudantes" (MOTA e LEZAN, 2018 p. 25). A proposta do Coletivos de Autores (1992) acerca das proposições didáticas fundamentadas na Cultura Corporal, deve proporcionar aos estudantes uma aprendizagem crítica da realidade. O estudo de TAFARREL e ESCOBAR (2007) entende a Cultura Corporal como o fenômeno em que seu conteúdo e estrutura são determinados pela materialização em forma de atividade que surge criativamente da observação da natureza e seus fenômenos, ou imitativas de ações humanas geradas pela necessidade de sobrevivência ou transformação da natureza, que resultam das experiências anteriores do ser humano.

Para Mota e Lezan (2018), as aulas de Educação Física são entendidas como uma forma de intervir nos corpos dos/das estudantes, que trazem consigo uma síntese da cultura, pois a prática pedagógica apresentada constituiu-se como uma prática educativa que auxiliou na transformação da sociedade a partir da busca da humanização das relações sociais. Portanto, o conceito de cultura corporal desenvolvido nas aulas relatadas, dialoga com a concepção de Cultura Corporal do Coletivo de Autores. Pois, conforme Escobar (1997), a denominação, Cultura Corporal, surge na Educação Física, para designar o amplo e riquíssimo campo da cultura, que abrange a produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente subjetivas, que, como tal, externalizam-se pela expressão corporal, e se constituem, em objetos de estudo da Educação Física. Desta forma, a prática educativa é um ato político, na medida em que as ações pedagógicas estão vinculadas a determinada concepção, advinda das memórias entrelaçadas com as vivências pessoais do educador. Isso traduz a prática pedagógica em um determinado sentido, para que isso se torne realidade o professor deve ter consciência de suas responsabilidades como educador.

Todo esse emaranhado de discursos, permite compreender que as relações sociais humanas estruturadas ao longo da história interferem diretamente no trabalho pedagógico do professor em sala de aula, trabalho pedagógico que forja e é moldado pela memória discursiva. Nas palavras de Linhales et al (2017), a memória permite identificar trajetórias distintas e questionar a presença dos sujeitos no próprio processo de organização do campo pedagógico e acadêmico da Educação Física.

O discurso está imerso na memória, nos acontecimentos, este é marcado pelo momento histórico, social e econômico de uma sociedade. Para Pêcheux (1999, p.46), “[...] a memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.)”.

Os estudos analisados neste texto, insere-se entre os que investigam as relações Educação Física, sociedade e Práxis Pedagógica. Especificamente buscam contribuir com respostas científicas das problemáticas significativas correspondentes às experiências das práticas corporais que envolvem os elementos da Cultura Corporal. Analisam, avaliam e desenvolvem, especificamente, as propostas de desenvolvimento e apreensão da cultura pelos sujeitos e quais as relações são estabelecidas com a Educação Física, a escola e a sociedade.

Segundo Daólio (2004), a utilização de um conceito mais simbólico de cultura corporal propiciará à Educação Física a capacidade de convivência com a diversidade de manifestações corporais humanas e o reconhecimento das diferenças a elas inerentes. Na qual para este isso implicaria assumir como principal característica da área o princípio de alteridade, que pressupõe a consideração do outro a partir de suas diferenças e também levando em conta a intersubjetividade intrínseca às mediações que acontecem na área da educação física (DAÓLIO, 2004). Justamente porque nunca houve um olhar voltado para as diferenças, para a diversidade. O ser humano sempre foi considerado como um elemento de poucos “constituintes”. Ao sistema importava apenas que fôssemos aptos para o trabalho, porém com as complexidades do sistema que, com o processo de globalização apontou para a necessidade das especializações para o mercado de trabalho também culminou com uma maior demanda de pessoas pertencendo às universidades e os debates sobre o ser humano se acentuou. Neste contexto, as particularidades do ser passaram a ser conhecidas e a Educação Física precisou incorporar isso às suas práticas.

A Educação Física como área do conhecimento apresenta diferentes concepções de objeto de estudo, a sua especificidade deve se relacionar de forma direta com a sua função social, ou seja, a variedade de objetos é determinada pelas bases epistemológicas que fundamentam suas ações. Assim, Cultura Corporal, Cultura Corporal de Movimento, Cultura do Movimento Humano, Cultura Física, etc. não se trata de terminologias diferentes para os mesmos conceitos, são concepções diferenciadas de mundo, homem e sociedade, arraigadas em teorias do conhecimento muitas vezes antagônicas, que implicam em projetos de formação diferentes, de defender interesses e classes antagônicas. Portanto, na concepção da Análise do Discurso, pode-se afirmar que os processos de aprendizagens desenvolvidos nas distintas concepções de Educação Física são derivados dos discursos dos seus interlocutores, e serão desenvolvidos no subjetivo dos receptores pertencentes a mesma esfera da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do conhecimento em Educação Física tem especificidades da área, no caso das produções analisadas neste estudo, isso também se faz presente atribuindo identidade às contribuições das concepções críticas da Educação Física na prática pedagógica.

Ao observar as produções, nota-se que é preciso que haja mudanças significativas no cenário pedagógico, social e político da Educação Física como área de conhecimento e intervenção. E, diante dessa situação, é indispensável a formatação de um aporte teórico com uma aproximação mais consubstanciada entre a Educação Física e a Cultura Corporal como seu objeto de estudo, pois as produções delataram que as propostas pedagógicas coerentes com uma tendência crítica contribuem significativamente para o avanço teórico-metodológico da pesquisa e intervenção em Educação Física e Esportes. Deste modo, os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo dos anos e todas as concepções históricas ainda influenciam, de algum modo, o desenvolvimento das ações profissionais na área.

O esforço deve apontar para a superação da situação atual da educação em que as normas e diretrizes cada vez mais apontam para ações inclusivas, e cada vez menos são criadas condições verdadeiras para garantir o acesso ao conhecimento

qualificado e socialmente referenciado. E particularmente na Educação Física, as aulas de modo geral não correspondem às expectativas de formação esperadas para os estudantes em todos os níveis escolares, e especialmente no que diz respeito a sua relação com a cultura, estes ainda não fogem da moda imposta pela cultura hegemônica mesmo sendo pertencentes à classe trabalhadora que é mais desprovida dos bens básicos de sobrevivência. É necessário transformar a escola, e nela a Educação Física, assumindo uma outra perspectiva.

Portanto, destacamos a relevância e a necessidade de um acúmulo teórico que apresente os subsídios para uma prática pedagógica coerente com uma Educação Física voltada para a emancipação humana, e a consolidação de uma sociedade comprometida em contemplar as verdadeiras demandas sociais. Neste sentido, as concepções das teorias da memória colaboram para a consolidação das finalidades educacionais da Educação Física, pois a reflexão que os aspectos conceituais da memória trazem, implica em favor da historicidade, em determinada concepção de homem e sociedade que as intervenções pedagógicas podem formar. Isso tem relação com o fato de que a memória é um dos esteios das identidades, das singularidades e das particularidades de cada sujeito. Pois, essa possibilidade do uso da memória, como campo teórico, tem relação com a necessidade de conhecer formas de organização, experiências e desenvolvimento pedagógico de professores. Ao pensar em Memória como campo de pesquisa é importante analisar as instâncias do seu uso ideológico e das suas experiências relacionadas aos tempos e lugares na sociedade, além do entendimento do passado e do presente vinculado a realidades contraditórias, sem visibilizar memórias coletivas exigidas em dados momentos e que são apropriadas por determinados grupos sociais (MAGALHÃES, 2016).

A memória é, portanto, suporte do ser no mundo – nos países, nos estados, nas cidades, nas comunidades rurais, nos guetos, nas ruas –, ou seja, são referenciais que tornam os homens e as mulheres sujeitos de seu tempo e de seu espaço, de maneira que não há como desligar ou aniquilar a relação entre o espaço e a memória, já que os dois se supõem.

Destarte, o conceito de discurso, empreendido neste texto, foi considerado como uma prática, implicações de sentidos entre locutores em um determinado contexto e local. A análise e interpretação dos artigos considerou discurso como a forma de consolidar ideologias e, assim, este discurso determinado por estas ideologias.

Referências

BRACHT, V. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Unijuí, 2003.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORDEIRO, V. D. **Por uma sociologia da memória: análise e interpretação da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CRUZ, Marlon Messias Santana Cruz. BARBOSA NETO, João Narciso. **A relação dialética a educação inclusiva na atual conjuntura social**. In: *Lecturas EF y Deportes: revista digital*. Buenos Aires. Ano 14. Nº 131, 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd131/a-relacao-dialetica-da-educacao-inclusiva-na-atual-conjuntura-social.html>. Acesso em 10 jan 2020.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

ESCOBAR, Micheli Ortega Escobar. **Transformação da didática: construção da teoria pedagógica como categoria da prática pedagógica**. Tese de doutoramento. Campinas: UNICAMP, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LINHALES, Meily Assbú et al. **Arquivos pessoais de professores de educação física: organização arquivística e pesquisa histórica**. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Brasília*, v. 39, n. 3, p. 276 – 283, julho – Setembro 2017. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/pt-arquivos-pessoais-professores-educacao-fsica-articulo-resumen-S0101328916301822>>. Acesso em 20 fevereiro de 2020.

MAGALHÃES, L. D. R. **História, memória e a educação: relações consensuais e contraditórias**. In: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, nº 67, p. 165-174, mar 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MOTA, Wesley da; LEZAN, João Pedro. **QUESTIONANDO A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA A PARTIR DO “CAÇADREZ”**: uma boa prática educativa no ensino médio? In: *Caderno de Formação RBCE*. Brasília, v. 09 n. 2, p. 22 - 33, 2018.

NEIRA, M. G. **Educação Física** (Coleção A Reflexão e a Prática no Ensino). v. 8. São Paulo: Blucher, 2011.

ORDONHES, Mayara Torres et al. **A construção da memória em vida: a participação do professor Germano Bayer na história da educação física paranaense**. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 376-385, set. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/21758042.2016v28n48p376>>. Acesso em: 15 jan 2020.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Sobre a (des)construção das teorias linguísticas**. In: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: Pontes, pp. 07-31, 1999.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de revisão sistemática**: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SILVA, Bruno Allan Teixeira da. Et Al. **Atividades de aventura na licenciatura em educação física**: um relato de experiência. In: *Caderno de Formação RBCE*. Brasília, v. 07 n. 1, p. 69 – 80, 2016.

SOUSA, Cláudio Aparecido de. Et Al. **CÍRCULO DE CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**: reflexões de um docente sobre a sua prática pedagógica. In: *Caderno de Formação RBCE*. Brasília, v. 08 n. 2, p. 09 – 19, 2017.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; et al. **Cultura Corporal e Território**: uma contribuição ao debate sobre reconceptualização curricular. In: *Motrivivência*. Florianópolis, Ano XVII, Nº 25 p 17-35, 2005.

TAFFAREL, Celi Zulke. ESCOBAR, Micheli Ortega. **Mas, afinal, o que é Educação Física**: reafirmando o marxismo contra o simplismo intelectual. In: *Rascunho Digital*, 2007. Disponível em: http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital. Acesso em 15 jan 2020.

VARGAS, André Luís Campos. **Repetições, retomadas e deslocamentos no discurso de/sobre solidariedade**. In: *Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento*. Santa Maria, Volume II. p. 63 – 77, 2009.

Capítulo 2

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLOGICA DE NÍVEL
MÉDIO NO BRASIL E O
ESTADO DO CONHECIMENTO
SOBRE LETRAMENTO DIGITAL**

**Maria Helena Bezerra da Cunha Diógenes
Tatiana Dantas dos Santos
Lenina Lopes Soares Silva**

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DE NÍVEL MÉDIO NO BRASIL E O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE LETRAMENTO DIGITAL¹

Maria Helena Bezerra da Cunha Diógenes

Mestranda em Educação Profissional pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), na linha de pesquisa: Política e práxis em Educação Profissional, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Natal Central. Bolsista CAPES. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Educação, Ciência, Tecnologia e Trabalho (NECTTRA) - CNPq, e-mail: mhbc.helena@gmail.com

Tatiana Dantas dos Santos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) na linha de pesquisa: Política e práxis em Educação Profissional, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Natal Central. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Educação, Ciência, Tecnologia e Trabalho (NECTTRA) - CNPq. Bolsista-pesquisadora no convênio SEAD/FAPERN (03/2019), e-mail: tatiana_dantas@ymail.com

Lenina Lopes Soares Silva

Doutora em Ciências Sociais, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), na linha de pesquisa: Política e práxis em educação profissional, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), líder do Núcleo de Pesquisa em Educação, Ciência, Tecnologia e Trabalho (NECTTRA) – CNPq, Campus Santa Cruz/IFRN, e-mail: leninasilva@hotmail.com

¹ Esse capítulo é uma adaptação de um artigo que foi publicado originalmente nos Anais do VI Seminário Nacional do Ensino Médio e do IV Encontro Nacional de Ensino Interdisciplinar com o título: LETRAMENTO DIGITAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DE NÍVEL MÉDIO NO BRASIL. Link de acesso: <https://senacem.uern.br/files/users/luizaleite/GD09.pdf>

RESUMO: Nesse capítulo busca-se estudos antecedentes acerca de letramento digital na educação profissional e tecnológica de nível médio no Brasil. Ele é parte dos estudos bibliográficos de uma pesquisa acerca da reforma do ensino médio desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, intitulada: “A reforma do Ensino Médio (Lei no 13.415/2017): implicações para as redes estaduais e institutos federais da região Nordeste.” Trata-se nesse de uma investigação do tipo estado do conhecimento tendo como espaço de busca a internet em quatro repositórios de interesse dos pesquisadores, quais sejam: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); Scientific Electronic Library Online (SciELO); e no Memoria, repositório institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Os resultados apontam para distintas abordagens sobre o letramento digital na EPT de nível médio, principalmente estudos sobre as práticas com ferramentas digitais disponíveis em determinadas disciplinas e a formação docente qualificada. Diante dessa constatação foram selecionados para a análise 26 (vinte e seis) trabalhos. Foi possível mapear e localizar os trabalhos, bem como demonstrar os assuntos mais abordados sobre o tema. Considerando-se os objetivos da pesquisa, na análise, promoveu-se reflexões sobre formação humana integral em meio ao uso de tecnologias digitais para a integração do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia para formar um novo cidadão capaz de compreender e produzir conhecimentos para a sociedade, imerso em uma formação voltada diretamente para o mercado de trabalho, formação que encontra-se ameaçada pela reforma do ensino médio em implantação no Brasil.

Palavras-chave: Ensino Médio. Letramento Digital. Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio. Reforma do Ensino Médio.

ABSTRACT: In this chapter, we look for antecedent studies about digital literacy in high school professional and technological education in Brazil. It is part of the bibliographic studies of a research on the reform of secondary education developed in the Graduate Program in Professional Education of the Federal Institute of Rio Grande do Norte, entitled: "The reform of secondary education (Law no. 13.415/2017): implications for state networks and federal institutes in the Northeast region." This is a state-of-the-knowledge investigation having as a search space the internet in four repositories of interest to researchers, namely: Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) of the Brazilian Institute of Information in Science and Technology (IBICT); Scientific Electronic Library Online (SciELO); and in Memoria, institutional repository of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte (IFRN). The results point to different approaches to digital literacy in high school EPT, mainly studies on practices with digital tools available in certain disciplines and qualified teacher training. In view of this finding, 26 (twenty-six) works were selected for analysis. It was possible to map and locate the works, as well as demonstrate the most discussed subjects on the subject. Considering the research objectives, the analysis promoted reflections on integral human formation through the use of digital technologies for the integration of work, science, culture and technology to form a new citizen capable of understanding and producing knowledge for society, immersed in training aimed directly at the labor market, training that is threatened by the secondary education reform being implemented in Brazil.

Keywords: High School. Digital Literacy. Middle Level Professional and Technological Education. High School Reform.

INTRODUÇÃO

Há no Brasil, desde 2017, em implantação, uma reforma do ensino médio. Tal reforma na visão de vários intelectuais e pesquisadores de universidades e institutos públicos é uma contrarreforma, e por isso, têm feito críticas contundentes a essa, no sentido de que tal política negará aos jovens às condições necessárias à formação humana integral. A maioria desses autores consideram que a reforma atinge o currículo do ensino médio em todas as dimensões, inclusive na modalidade de educação profissional e tecnológica imprescindível à formação humana integral, naquilo que é uma necessidade ao exercício da cidadania no mundo atual, o acesso e uso de tecnologias digitais da informação e comunicação. Para alguns autores que serão citados ao longo do texto, a linguagem, complexa e cheia de códigos, é fruto da interação entre os indivíduos da espécie humana. Essa interação gera a ação de comunicar-se, produzindo, assim, a informação, instrumento necessário à produção do conhecimento e ao exercício da cidadania nas sociedades contemporâneas.

Gracioso e Saldanha (2018), concebem a informação como um processo ou um produto, que apresenta um registro, seja esse, uma unidade sintática e/ou semântica, independente do seu suporte, é, assim,

ao mesmo tempo, fenômeno humano que engloba a identificação, a análise, a sistematização e a interpretação de sinais, dados e fatos que, por sua vez, interferem nas estruturas cognitivas e redefinem-nas, além de possibilitarem e orientarem atividades comunicacionais (GRACIOSO e SALDANHA, 2018, p. 346-347).

A informação como uma comunicação, assim compreendida, pode ser transmitida por qualquer meio capaz de produzir um registro. Desse modo, a relação linguagem – informação – conhecimento é uma condição para o entendimento da relevância que as linguagens assumiram no decorrer do processo civilizatório, no sentido de possibilitar o diálogo e a sociabilidade entre os humanos. Considerar que o crescimento de cada sociedade ocorre em meio a um apanhado de informações agrupadas que conduziram à produção e transmissão de diversos conhecimentos é imprescindível para a percepção do desenvolvimento das tecnologias digitais que

pode ser compartilhado, cada vez mais, por mais pessoas, grupos e nações das sociedades definidas como em rede e do conhecimento.

Nesse contexto, tem-se as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) com recursos e meios capazes de armazenar, manusear, desenvolver e compartilhar informações e conhecimentos produzidos nessas sociedades, sejam essas tradicionais ou não, em larga escala e em tempo recorde, de forma síncrona e assíncrona. Na visão de Diógenes, Silva e Souza (2020) é justamente essa diversidade de ações proporcionadas pelas TDIC que dão novas direções ao processo de ensino e aprendizagem, com desafios ainda maiores que à época da Revolução Industrial “pois implicam em construção de novas narrativas para substituir as existentes até esse momento” (DIÓGENES, SILVA E SOUZA, 2020, p.204). Essa diversidade de ações tecnológicas e digitais/virtuais dimensiona cada vez mais a dependência dos sujeitos em conhecer tais recursos que lidam com variegadas informações na rede mundial de computadores e fora dela.

A habilidade de lidar com a informação ou letramento digital, ou simplesmente letramento, traz a concepção de formação de leitor com capacidade de compreender a escrita das diversas mídias digitais disponíveis à população. Desse modo, considerando que, a leitura sempre foi além do que está escrito no papel ou em outro dispositivo de registro não tecnológico, observa-se que a transferência de saberes e conhecimentos vai além de sua visualidade direta, verbal e sonora. Essa maneira de conceber o letramento digital, implica em pleno século XXI, defendermos tal letramento para todos, pois com tantos meios informatizados para agregar ainda mais toda produção científica, social e cultural, a interação e relação entre as mídias digitais são necessárias para promover o letramento digital do cidadão, tendo como premissa que são variadas as linguagens e equipamentos existentes em um mundo que é virtual e globalizado em todas as dimensões da vida humana em sociedade.

A imprescibilidade de lidar com informações se mostra fundamental ao desenvolvimento pessoal para a vivência em sociedade, porém é observada maior necessidade no momento histórico atual em virtude de estarmos em uma sociedade amplamente conectada, e como Castells nos lembra, “as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação moldando a vida, e ao mesmo tempo sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 2020, p.62). Isso corrobora a ideia de que as diversas comunidades virtuais aproximam e relacionam-se por diferentes interações, gerando conhecimentos

compartilháveis a cada nova interação disponível em domínio público, fazendo emergir as potencialidades das TDIC sociais. Esse autor ainda dispõe que as TDIC sociais são o “principal ingrediente da nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico” (p.561), pois vivemos em uma estrutura social informatizada e agregada instantaneamente umas com as outras.

Essas reflexões têm gerado novas formas de atuação do mercado de trabalho, e tem promovido novas formas de habilidades consideradas imprescindíveis para se inserir e se manter em um mercado de trabalho cuja acumulação do capital é sua ênfase e seu modo de sociabilidade, observando-se que

[...] no contexto global a fusão das tecnologias digitais, físicas e biológicas servirá para aumentar o trabalho e a cognição humana. Isso requer dos líderes sistêmicos empenho na preparação da força de trabalho e em modelos para formação acadêmica que desenvolvam habilidades de resolução de problemas complexos, competências sociais e de sistemas, objetivando o trabalho colaborativo com máquinas cada vez mais capazes, conectadas e inteligentes (FÜRL, 2019, p.117).

Diante de tal percepção, passa-se a entender que o novo cidadão deve compreender a linguagem própria do contexto tecnológico informacional no espaço no qual está instalado, seja no mundo físico ou virtual, assimilando a informação e a comunicação entre esses espaços através da utilização das mídias digitais, o que a nosso ver pode ser possibilitado na formação de nível médio no Brasil.

Nesse sentido, a legislação reverbera tal compreensão, posto que nela a educação profissional técnica de nível médio de acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, preceitua que:

Art. 36-D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008).

Parágrafo único. Os cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subseqüente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008) (BRASIL, 1996).

Diante do aparato legal regulamentador, problematiza-se sobre as ressonâncias acadêmicas em torno de habilidades digitais e o processo de letramento, desenvolvidas na educação profissional e tecnológica de nível médio no Brasil, questionando-se sobre a produção do conhecimento sobre esse tema/objeto no país. Tal questionamento tem sua justificativa pautada na reforma do ensino médio (EM), estabelecida pela Lei nº 13.415/2017, no que se refere às implicações dessa com a educação profissional técnica de nível médio (EPTNM) que se almeja tenha como premissa a formação humana integral dos jovens.

Para Moura e Lima Filho (2017, p.15, grifos no original): “a Lei nº 13.415/2017 encaminha o EM para uma concepção distinta da formação humana integral e do EMI, como veremos ao analisar quatro de seus aspectos, relacionados ao itinerário “formação técnica e profissional”: estabelecimento dos itinerários formativos específicos; profissionalização precoce, com foco no mercado e a certificação intermediária; professores; relação público x privado.”

Nesse capítulo, objetiva-se analisar o estado do conhecimento sobre letramento digital para alunos da educação profissional e tecnológica (EPT) de nível médio no Brasil, considerando que esses sujeitos estarão aptos a iniciar suas atividades profissionais ao concluir tal etapa de ensino, como novos cidadãos produtivos inseridos em um mundo e em uma sociedade que não pode prescindir da ciência e da tecnologia.

A metodologia e os procedimentos de análise têm como base estudos sobre estado de conhecimento encontrados em Morosini e Fernandes (2014, p.155) que o define como “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.”

A pesquisa teve a internet com local de busca e foi realizada tendo como descritor principal, letramento digital, nos repositórios: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); *Scientific Electronic Library Online* (Scielo); e no Memoria, repositório institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Esses foram selecionados por sua operabilidade e relevância no meio acadêmico nacional e regional, considerando-se que a pesquisa da qual deriva esse estudo tem como espaço a região Nordeste do país. Trata-se, portanto,

nesse capítulo, de estudos sistematizados como estudos antecedentes e bibliográficos de uma pesquisa acerca do ensino médio, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN. Para melhor apresentação e análise dos resultados foi utilizado o IRamuteq², que permite fazer análises estatísticas sobre *corpus* textuais e sobre tabelas, indivíduos e palavras. Dessa forma, foram analisados os resumos e palavras-chaves das produções resultantes da pesquisa, fazendo-se a filtragem a partir dos descritores “letramento digital”, “educação profissional e tecnológica” e “nível médio”.

O capítulo está estruturado em três tópicos, a partir dessa Introdução. No segundo tópico temos uma breve explanação sobre a EPT de nível médio; a seguir, temos os resultados do levantamento das produções científicas para demonstrar o estado do conhecimento construído objetivamente sobre o tema letramento digital, bem como suas análises, por fim, apresentamos as considerações finais e as referências deste estudo.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO NO BRASIL

No Portal do Ministério da Educação do Brasil, observa-se que a EPT de Nível Médio inclui desde as Qualificações profissionais técnicas de nível médio (EPTNM); Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio; Especialização Técnica de Nível Médio; Sistema Federal de Ensino; e Sistemas estaduais, distrital e municipais de ensino. Há uma gama de formações profissionais em nível médio, que atinge um público em formação prestes a integrar o grupo “almejado” pelo mercado de trabalho.

Para Lima, Silva e Silva (2015, p.120),

[...] A Educação Profissional no início do século XXI passou a ser um discurso central nos governos como àquela que deveria ser destinada, principalmente, aos jovens para formação e preparação para ingresso no mercado de trabalho, vista como garantia de desenvolvimento e crescimento econômico do país (LIMA, SILVA e SILVA, 2015, p.120).

À educação profissional e tecnológica de nível médio se credita o objetivo de formar para vida, no sentido de que, o trabalho é uma de suas finalidades o que

² *software* de fonte aberta e gratuito, desenvolvido na linguagem Python, que integra o pacote estatístico R (<http://www.r-project.org/>) para análise de conteúdo, lexicometria e análise do discurso.

justifica a gama de formações apresentada pelo MEC. Todavia, para isso é preciso que o ensino na última etapa da educação básica no Brasil, proporcione interações com as TDIC para que os alunos desenvolvam as habilidades e competências exigidas ao cidadão atual e contribuam para o desenvolvimento social e a economia do país. Fürl (2019) orienta que,

[...] As tecnologias digitais apresentam-se como um apoio ao ensino e são um eixo estruturante de uma aprendizagem criativa, crítica, empreendedora e personalizada e compartilhada para todos os profissionais da educação que apostam na inovação, em currículos abertos e metodologias ativas. Instituições de ensino deficientes em integrar o digital no currículo são espaços de aprendizagem incompletos, pois abortam uma das dimensões básicas na qual os humanos vivem no século XXI, ou seja, conectados, em rede, navegando em espaços híbridos, em que a sinergia de processos não distingue fronteiras físico-digitais (FÜRL, 2019, p.108).

Fürl (2019) não diverge do que concebe Kuenzer (2006) quando afirma que há duas situações e duas necessidades de aprendizagem condicionadas à situação do trabalhador, que, caso esteja em situação de empregado em uma empresa é considerada necessária uma formação teórico-prática, com características de flexibilidade, adequação a dinamicidade do mercado e suas necessidades, bem como a aprendizagem contínua. Porém, ao estar fora da empresa, a flexibilidade refere-se à sazonalidade e variabilidade das ocupações, com a alta capacidade de adequar-se ao novo, levando o trabalhador a aceitar um trabalho precário que necessita de pouca qualificação. Em ambas, as situações demonstram haver a necessidade de formação, mesmo que em níveis diferentes, considerando o caráter tecnológico como fundante para o processo mercadológico.

Nesse contexto, os jovens em processo de formação na educação profissional e tecnológica de nível médio devem ser preparados para o mercado globalizado e virtual, portanto, tal formação não pode prescindir de preparar os alunos para o mundo digital em sociedades em rede. Afinal, “não é possível estudar as instituições escolares como entidades deslocadas do contexto de produção social do indivíduo, mas como produto de embates, disputas e determinações exteriores da sociedade, mediado por ações que nelas chegam para execução para atendimento de demandas sociais” (SILVA, LIMA, SILVA, 2018, p.3).

2 Letramento digital na EPT de nível médio no Brasil

Foi realizado nos meses de junho e julho de 2021, o levantamento da produção acadêmica brasileira sobre letramento digital na EPT de nível médio nos repositórios já referidos.

O quantitativo por repositório e por descritores está apresentado no Quadro 1. Estes foram colocados na ordem em que estão apresentados, cujos resultados passaram por análise prévia em cada etapa por descritor, visando conferir se os listados já haviam sido computados. Com isso, chegou-se aos resultados apresentados na última linha do Quadro.

Quadro 1: Descritores e Repositórios da pesquisa

Repositório Descritores	BDTD	SciELO	Memoria	
	TD	AP	TD	AP
“Letramento digital”	341	41	3	4
“Letramento digital and “EPT”	2	0	73	52
“Letramento digital and “Nível médio”	2	1	5	36
Total PÓS ANÁLISE	2	1	5	5

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021), a partir dos resultados do Estado do Conhecimento.
TD- Teses e Dissertações, AP- Artigos de Periódicos

A seguir são apresentados os Quadros de Referências ³das produções científicas e as análises por repositório, considerando-se os títulos, resumos e suas palavras-chave com o auxílio do *software* de análise IRamuteq, organizados por repositório.

a) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

A BDTD é coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Faz parte dos sistemas de informação de teses e dissertações defendidas no Brasil, nas instituições de ensino e pesquisa. Sendo assim, é um repositório que estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico, em domínio público e com acesso gratuito, e pode ser considerado como um dos que, no país, apresentam de forma fidedigna as ressonâncias acadêmicas da produção científica fazendo uso das TDIC.

³ As Referências inseridas nos Quadros não serão repetidas ao final do artigo.

Como visto no Quadro 1, com o descritor “Letramento digital” houve um número considerável de produções acadêmicas, mas, com a inserção dos descritores “Letramento digital *and* “EPT” “Letramento digital *and* “Nível médio” se chegou ao resultado de 2 dissertações, apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2: Quadro de Referências das produções filtradas da BDTD

ID	REFERÊNCIA
1	ARAÚJO, Maria Elizabete de. Gestão do letramento digital em escolas estaduais de educação profissional . 2013. 161f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Juiz de Fora, 2013.
2	BORGES, Patrícia Ferreira Bianchini. Novas tecnologias digitais da informação e comunicação aplicadas ao ensino médio e técnico de uma escola da rede pública federal de Uberaba-MG . 2015. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2015.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021), a partir dos resultados do Estado do Conhecimento.

A Figura 1 é formada pelas palavras-chave das duas dissertações, nas quais a maior frequência e força está nas palavras: Digital, Educação e Letramento, indo ao encontro das propostas de cada trabalho referenciado no Quadro 2, porém, foi observada a ausência de palavras/termos como Língua Portuguesa e nível médio nas palavras-chaves, considerando-se que a informação e o conhecimento do que foi produzido está registrado nessa Língua, e que o público investigado está em uma perspectiva ontológica de pesquisa no nível médio.

Figura 1: Nuvem de palavras das palavras-chave das produções coletadas na pesquisa – BDTD



Fonte: Elaborada pelas autoras.

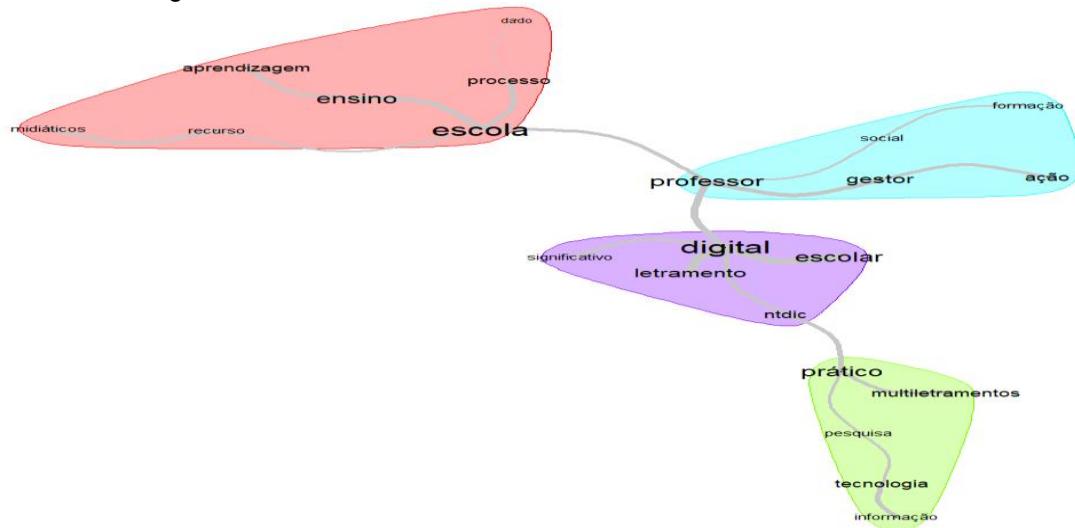
Gerada a partir da coleta das palavras-chave das produções coletadas na pesquisa na BDTD (2021)

Para analisar os resumos, usando o IRamuteq considerou-se as relações e frequências das palavras. Assim, foram preparados para constituir o *corpus* (conjunto de textos) de análise, que foi inserido no *software* e geraram informações, o que tornou a análise mais clara, para discussão do conhecimento gerado.

Na Figura 2 tem-se a estrutura que permite a Análise de Similitude, que se baseia na Teoria dos Grafos. Essa possibilita identificar e analisar as ocorrências das palavras e como elas se relacionam entre si. As principais ocorrências e relações das

palavras foram agrupadas em comunidades considerando-se suas interrelações, e ressaltando-se a espessura das linhas que representam o número de ocorrências.

Figura 2: Análise de Similitude nos resumos dos trabalhos do BDTD



Nesse caso, as principais relações foram entre escola, professor, digital e prático, sendo estas as palavras mais relevantes de cada comunidade. Conforme os resumos aqui sintetizados, percebe-se que o digital é o nó central e conector para as comunidades - professor e prático. Esse mostra o contexto no qual o letramento está ocorrendo no ambiente escolar, através das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (NTDIC). E ainda, que esse precisa ser melhor integrado nesse ambiente escolar para garantir um ensino significativo, bem como que os multiletramentos associados às práticas que promovem maiores possibilidades de pesquisa mediada pelas tecnologias não podem ficar dispersas. Perspectiva-se, dessa maneira, que o/s grafo/s gerados trazem informações para futuras análises, e que as formações dos professores e gestores em um contexto de letramento digital gera benefícios à escola, e que são presenciados em seus processos de ensino e aprendizagem através dos recursos midiáticos. Toda essa reflexão ocorreu por meio de uma visualização gráfica possibilitada por TDIC de um ambiente de educação profissional e tecnológica, com jovens e adultos, conforme o conhecimento produzido por Araújo (2013) e Borges (2015) de acordo com o Quadro 2.

b) *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*

A Biblioteca digital de livre acesso e modelo cooperativo para publicações acadêmicas nacionais e internacionais, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. Assim como a BDTD, também conta com um sistema que facilita a busca e exportação dos resultados em planilhas de diversos formatos.

Nesse caso, para os filtros aplicados, apenas um artigo foi contemplado (Quadro 1) e analisado, conforme apresentado no Quadro 3, o qual aborda a dimensão do jogo Olimpíadas Digitais para o ambiente escolar da 3ª série do ensino médio, como ferramenta de práticas para o letramento digital, na busca pelo desenvolvimento de uma visão crítica e ética dos usos desses recursos tecnológicos.

Quadro 3: Quadro de Referências das produções filtradas da SciELO

ID	REFERÊNCIA
1	PINHEIRO, Regina Cláudia, PINHEIRO, Bruna Maele Girão Nobre. Dimensões crítica e ética nas práticas de letramento digital em um jogo educativo digital. DELTA , ano 37, 2. ed., 2021 Disponível em: https://www.scielo.br/i/delta/a/KfzzVJSXzNysJp5ccKfJ7ND/?lang=pt . Acesso em: jul. 2021.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021), a partir dos resultados do Estado do Conhecimento.

As palavras-chave do artigo revelam a intencionalidade da pesquisa em analisar os recursos digitais com embasamento crítico e ético. Como a experiência se deu com alunos concluintes do ensino médio, o incentivo ao uso das ferramentas tecnológicas para envolver cada vez mais os alunos em um contexto de letramento digital, também fica claro durante a leitura. Por ser apenas um texto, não foi realizada a análise de similitude, para evitar um resultado semelhante demais a nuvem de palavras, apresentada na Figura 3.

Figura 3: Nuvem de palavras das palavras-chave das produções coletadas na pesquisa - SciELO



Fonte: Elaborada pela autora.

Gerada a partir da coleta das palavras-chave das produções coletadas na pesquisa no SciELO (2021)

c) Memória

O Memória é o repositório institucional do IFRN que apresenta duas categorias, análise das teses e dissertações resultantes da pesquisa e produções acadêmicas.

Curiosamente, após a inserção de todos os descritores e análise dos resumos, cada categoria ficou com cinco produções.

Por mais que usemos as aspas para especificar as palavras e/ou termos nos descritivos, é possível que a pesquisa ainda retorne resultados que apresentem parte desses descritores, foi o caso do repositório Memória, que apresentou produções de temáticas diferentes ou apenas um termo no resumo que faz retornar resultados equivocados, por isso, além da filtragem pelo sistema do repositório, foi preciso uma segunda filtragem, de forma que os resultados fossem os mais fiéis possíveis. Para isso, foi necessário verificar os títulos e resumos de todos os 52 artigos, depois dos 36, e como houve uma grande repetição, restaram 5 trabalhos cujas temáticas mais se aproximaram do objeto do presente estudo. As palavras-chave foram agrupadas em uma nuvem de palavras, na Figura 4, na qual as principais repetições estão posicionadas ao centro da nuvem, o que demonstra um teor mais institucional, baseado no processo de ensino-aprendizado, envolvendo as tecnologias digitais para um ensino mais humanizado.

Figura 4: Nuvem de palavras das palavras-chave das produções coletadas na pesquisa - Memória



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Gerada a partir da coleta das palavras-chave das produções coletadas na pesquisa no Memória (2021)

O Quadro 4 lista as produções da pesquisa, com trabalhos que mostram que no Memória são depositados trabalhos resultantes de parcerias do IFRN com instituições estrangeiras.

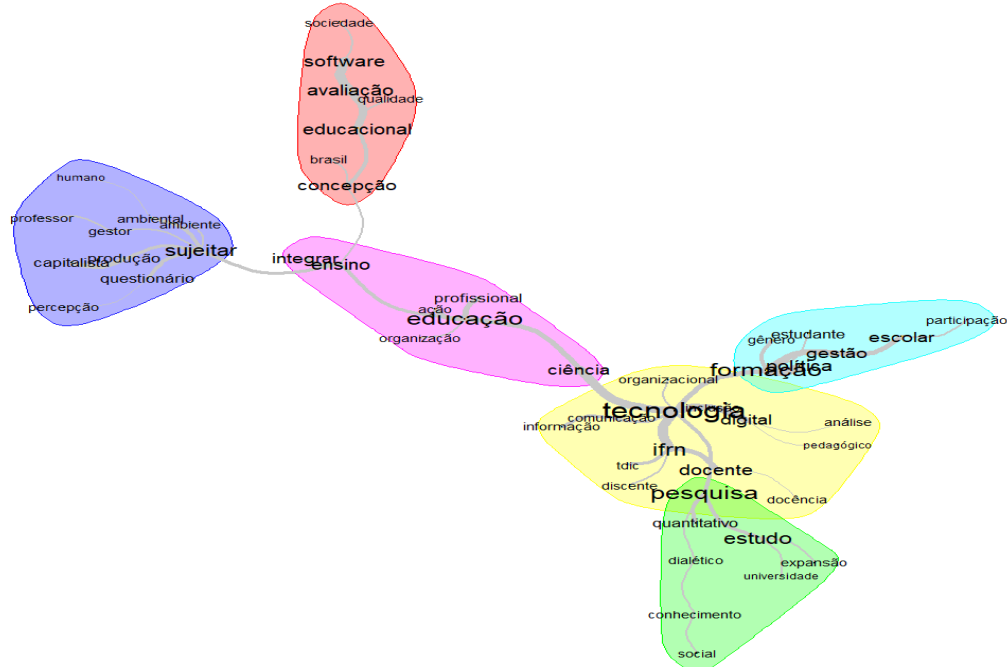
Quadro 4: Quadro de Referências das produções filtradas do Memória

ID	REFERÊNCIAS
1	MAGALHÃES, Ricardo Rodrigues. A formação política dos estudantes do ensino médio integral do IFRN – CNAT . 2016. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP). Natal, 2016.
2	ROCHA, Belchior de Oliveira. Uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na ação docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e TEC . 2018. 380 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade do Minho, Portugal, 2018.
3	PAULA, Joaracy Lima de. Educação ambiental como elemento necessário à formação humana integral: trilhando caminhos possíveis na educação profissional . 2018. 196f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação Profissional) - Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP). Natal, 2018.
4	MATTOS, Mára Beatriz Pucci de. Avaliação de software educacional nas escolas do Município de Natal, Brasil: concepção e desenvolvimento de instrumentos para certificação de qualidade . 2016. 420f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Minho, Portugal, 2016.
5	Oliveira, André Luiz Ferreira de. O IFRN no âmbito das políticas públicas de expansão dos Institutos Federais no Brasil: uma abordagem organizacional sobre o processo de democratização do Ensino Médio e Superior, a partir das representações de alunos, professores e gestores . 2016. 615f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade do Minho, Portugal, 2016.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021), a partir dos resultados do Estado do Conhecimento

A Análise de Similitude das Dissertações e Teses nos mostra um número maior de comunidades em um total de seis, e relações mais próximas entre elas, principalmente as de tecnologia fortemente conectada com a formação e a pesquisa, conforme a Figura 5.

Figura 5: Análise de Similitude nos resumos dos trabalhos do Memória - TD



As comunidades se mostram ramificadas em nós o que mostra a realização das pesquisas em temáticas bem específicas que se agregaram quando unidas pelo objeto desse estudo, trazendo o estado do conhecimento desse de forma dialética no processo de sua produção. O agrupamento Formação (Figura 5) nos faz refletir sobre

a necessidade não só do aluno ser formado no processo de letramento digital, mas comprometido com a gestão e com todo ambiente escolar nesse meio tecnológico, considerando ainda a diversidade expressa como gênero e participação.

O agrupamento Tecnologia (Figura 5) remete também à necessidade de uma análise pedagógica e organizacional para melhor integração das TDIC, em especial com os docentes, para aprimorar a inclusão em todos os quesitos. Nesse observamos a sigla TDIC de forma muito pequena e que o ramo (linha) tem excelente espessura quando parte para o agrupamento Educação, que mais uma vez possibilita refletirmos sobre integrar ensino e ciência na organização profissional do ambiente educacional. Os demais nós apresentam-se de certa forma, como de dependência, mas procuram envolver e relacionar todas as concepções tecno-educacionais, remetendo à palavras que permitem considerar os sujeitos daquele ambiente (estudante, gestor, professor, docente) como participantes do estudo interiorizado no contexto social e educacional às necessidades dos cidadãos em relação as novas percepções de mundo globalizado, em cuja escola como organização formativa deve considerar a integração ciência – tecnologia.

Ainda quanto às produções resultantes e que têm ressonâncias acadêmicas sobre o objeto de estudo desse artigo, presentes no Memoria/IFRN, observamos que há produções como artigos e livros, bem afinados à temática do presente estudo, como visto no Quadro 5:

Quadro 5: Quadro de Referências das produções filtradas do Memoria

ID	REFERÊNCIAS
1	AMORIM, Evelynne Marinho de; LIMA, Samuel de Carvalho. Ensino de língua inglesa e letramento digital: uma análise de atividades em sites gratuitos de idiomas. ARTEFACTUM - Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia , v. 15, n. 2, 2017.
2	PAULA, Joaracy Lima De et al.. Multiletramentos para a formação humana na educação profissional. Anais II CONEDU... Campina Grande: Memoria, 2015. Disponível em: http://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/411 . Acesso em: jul. de 2021
3	OLIVEIRA, João Paulo de; CAVALCANTE, Ilane Ferreira. As implicações dos processos de globalização na Educação Profissional e Tecnológica Brasileira. In: Actas do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação . Vila Real: UTAD, 2014. Disponível em: https://apps2.utad.pt/files/SPCE2_EIXOS_BOOK%20CC.pdf . Acesso em: jul. 2021.
4	SANTOS, Simone Costa Andrade dos; LEMOS, Elizama das Chagas; LEAL, Maria Conceição; CAVALCANTE, Ilane Ferreira. (Orgs.). Educação e sociedade: formação profissional, educação a distância e tecnologias . São Luís: Editora do IFMA, 2019.
5	PARENTE, Raimundo Nonato Camelo. Introdução à Informática . IFRN. 2016. Disponível em: http://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/882 . Acesso em: jul. de 2021.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021), a partir dos resultados do Estado do Conhecimento

As palavras-chaves dos artigos e livros quando organizadas em nuvem mostraram que suas temáticas seguem o processo de análise da sociedade para

apontar o que, como e por quê é imprescindível haver essa formação sobre letramento, seus tipos e estudos, como vistos na Figura 6.

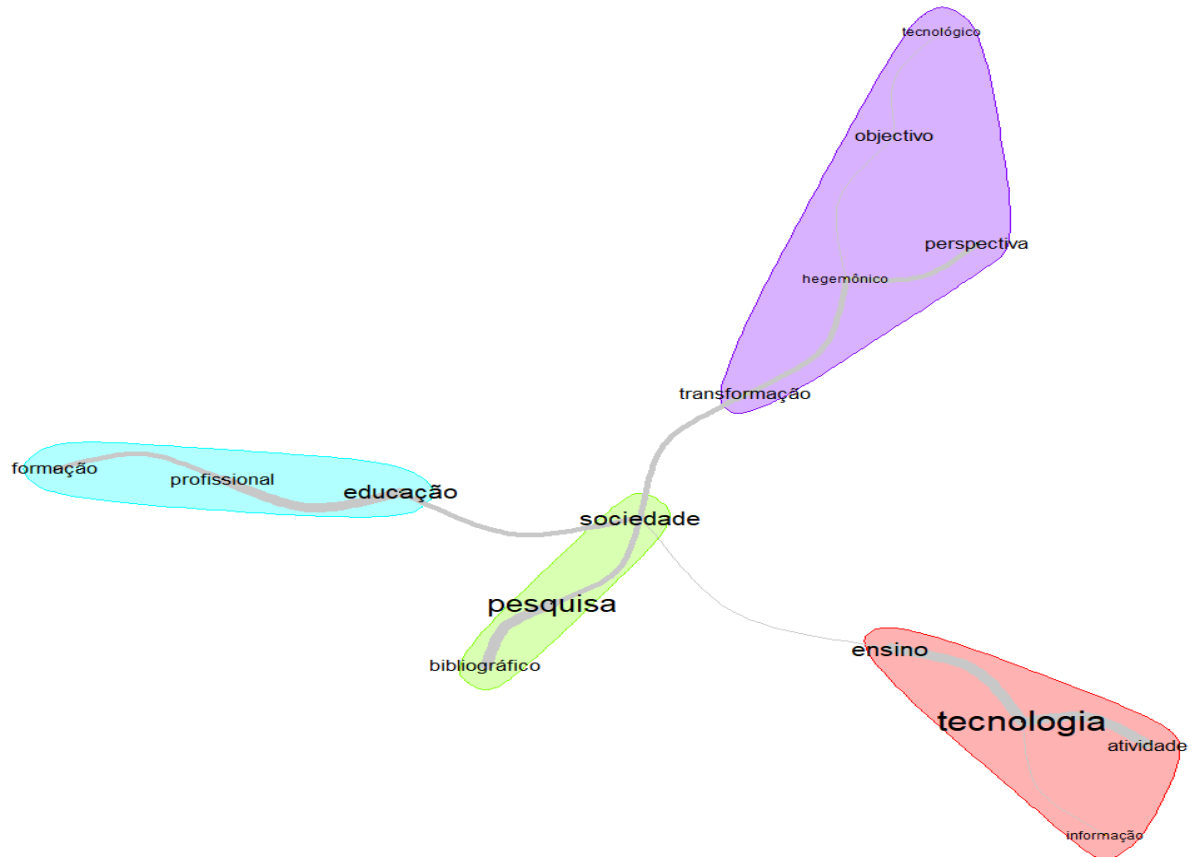
Figura 6: Nuvem de palavras das palavras-chave das produções coletadas na pesquisa - Memória



Fonte Elaborada pelas autoras.

A Análise de Similitude dos Artigos e Livros do Memória sobre o tema letramento digital traz de forma clara a educação, a pesquisa e a tecnologia como principais nós, considerando a espessura de seus percursos/ramos, porém de forma tênue o agrupamento de Tecnologia conecta-se à sociedade. Com a coocorrência da palavra tecnologia/tecnológico relacionadas, respectivamente a ensino e a transformação vemos o quanto a fala de Paulo Freire (2005) sobre a transformação da sociedade pela inserção do indivíduo na educação fica clara, pois são as relações tecnológicas que estão transformando os sujeitos em cidadãos, a partir da formação adequada.

Figura 7: Análise de Similitude nos resumos dos trabalhos do Memoria - AP



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a revolução tecnológica a centralidade da informação e da comunicação nas sociedades vem passando por constantes remodelações e influenciando questões sociais, econômicas, políticas, culturais e educacionais. Tal revolução levou o capitalismo a reestruturar seus meios e formas de atuação para obtenção de mais lucro. Isso tem afetado a sociedade e seus sujeitos. Algumas dessas alterações foram listadas por Manuel Castells como envolvidas em processos de gerenciamento flexíveis, movidos por descentralização de serviços e formação de redes de empresas, além do enfoque no capital financeiro e na concorrência econômica global. Com isso, a força de trabalho necessitou acompanhar as mudanças para se manter empregada e atuante na sociedade, ora globalizada em todos os aspectos. Essa necessidade implicou em mudanças na formação de novos cidadãos para atender o capitalismo agora flexível e neoliberal. Assim sendo, o novo cidadão deve compreender a linguagem própria do contexto tecnológico e conhecer o espaço no qual está instalado, seja no mundo físico ou virtual, assimilando a informação e a comunicação entre esses espaços a partir da utilização das mídias digitais. Logo, há uma nova

necessidade formativa, o letramento digital, para o trabalho e a construção do conhecimento, agregando-se no processo educativo de forma multissemiótica várias linguagens da sociedade contemporânea. Foi em busca de informações sobre letramento digital na formação em nível médio que empreendeu-se esse estudo. No estado do conhecimento realizado sobre o letramento digital na educação profissional e tecnológica de nível médio fica explícita a necessidade de maior investimento em pesquisas sobre o tema: letramento digital e educação profissional e tecnológica, considerando todos os aspectos da sociedade, e não só o ambiente escolar, porém, sendo este o precursor de todo um processo de integração, que leva à gestão, docentes e discentes a buscar e compartilhar seus conhecimentos e práticas aprendidas por intermédio da experiência formativa no ambiente escolar este deve ser sempre especificado como *locus* de formação em TDIC.

O uso da ferramenta para análise textual, IRamuteq, auxiliou na organização de novas reflexões, assim como possibilitou uma análise mais rápida e clara acerca da problemática o que nos permitiu promover novas reflexões sobre o ensino médio e sua integração à educação profissional e tecnológica. Por meio dele foi possível mapear e localizar os trabalhos, bem como demonstrar os assuntos mais abordadas sobre o tema em suas interpelações dentro dos agrupamentos. Diante dos objetivos da pesquisa maior, da qual esse capítulo é parte dos estudos bibliográficos, na análise, promoveu-se reflexões sobre formação humana em meio ao uso de tecnologias digitais para a integração do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia no ensino médio, para formar um novo cidadão capaz de compreender e produzir conhecimentos para a sociedade, imerso, sabemos, dada a dualidade da educação brasileira, em uma formação voltada diretamente para o mercado de trabalho. Sendo assim, considera-se que a formação humana integral encontra-se ameaçada pela reforma do ensino médio em implantação no Brasil.

Reconhecemos que o ensino médio ao longo de sua história no país, tem passado por problemas de descontinuidade, e é ofertado de formas e qualidades distintas entre instituições e seus currículos com pouco foco no ensino e aprendizagem sobre as novas tecnologias, e quando integrado à EPT privilegia-se a formação para o mercado de trabalho, e como o mercado globalizado exige um profissional que tenha domínio sobre recursos digitais é imprescindível que seja promovido o letramento digital dos jovens nesse nível de ensino.

Enfim, consideramos que o estado do conhecimento sobre o tema é ínfimo, pois mesmo dentro de uma instituição de educação profissional e tecnológica como o IFRN esse se apresentou com poucos resultados em seu principal repositório. Isso, implica considerar que há diversas barreiras para a formação digital dos jovens no país e para a sociedade, contudo, reverbera-se que nas sociedades atuais há a necessidade de agregar os diversos letramentos em seus ambientes escolares, e que isso pode fazer a diferença na vida de tantos estudantes que têm a escola como fonte de esperança de uma vida melhor, assim como, para gestores e professores que veem seu fazer docente se reinventando de forma inclusiva em ambientes tecnológicos sem condições de acesso para todos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cursos-da-ept/cursos-da-educacao-profissional-tecnica-de-nivel-medio>. Acesso em: jul. 2021.
- BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece a lei de diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: jul. 2021.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. 21 ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2020.
- DIÓGENES, M. H. B. da C.; SILVA, L. L. S.; SOUZA, A. A. de. **Educação Profissional no Ensino Superior à Distância e o papel da tutoria para a formação humana**. Revista Labor, v. 1, n. 23, p. 202-222, 16 jun. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/44401>. Acesso em: jul. 2021.
- FÜHR, R. C. **Educação 4.0 nos impactos da quarta revolução industrial**. 1 ed. – Curitiba: Appris, 2019.
- GRACIOSO, L de S; SALDANHA, S.S. Informação. Campinas. SP. Papyrus, 2018, p.346-347. In: **Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de Educação à Distância**. Campinas. SP. Papyrus, 2018p.346-347.
- KUENZER, A. Z. A educação profissional nos anos 2000: a dimensão subordinada das políticas de inclusão. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 877-910, out. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mX9xNN8HgH9YWLPySjXdPgQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: jul. 2021.
- LIMA, E. S.; SILVA, F. N. da; SILVA, L. L. S.. Educação profissional para os jovens nas políticas educacionais da 1ª década do século XXI. *Holos*, [S.l.], v. 4, p. 119-129, ago. 2015. ISSN 1807-1600. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3185>. Acesso em: jul. 2021.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 13 out. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/18875>. Acesso em: jul. 2021.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite. **A reforma do ensino médio Regressão de direitos sociais: Retratos da Escola**. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/760/pdf>. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 11, n. 20, p. 109-129, jan./jun. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SILVA, F. N; LIMA, E. R. S. de; SILVA, L. L. S.. Cenários históricos da oferta de educação profissional pelo brasil profissionalizado nas escolas estaduais de Mossoró/RN. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 2, n. 15, p. e7276, ago. 2018. ISSN 2447-1801. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/7276>. Acesso em: jul. 2021.

Capítulo 3

**UMA VISÃO GEOGRÁFICA
ACERCA DA EDUCAÇÃO NA
SOCIEDADE DE CONSUMO:
IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS
DO FAST-FOOD**

**Natália de Oliveira Gomes
Gilson Brandão da Rocha Filho**

UMA VISÃO GEOGRÁFICA ACERCA DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DE CONSUMO: IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DO *FAST-FOOD*

Natália de Oliveira Gomes

*Estudante de Licenciatura em Geografia na Faculdade de Ciências Humanas do
Sertão Central. natalia.gomes@fachusc.com*

Gilson Brandão da Rocha Filho

*Mestre em Gestão Ambiental pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco - MPGA/IFPE (2016.2) e atualmente professor da rede
Estadual de Ensino.*

Resumo: O produto até chegar ao consumidor final passa por um processo caracterizado por três etapas: a produção, circulação e consumo. No consumo os indivíduos buscam satisfazer suas necessidades. Porém, várias estratégias foram criadas ao longo do tempo para que o consumo por parte da população crescesse. O *fast-food*, produção industrial de comida desenvolvido inicialmente nos Estados Unidos, também se utiliza de estratégias para conquistar seu espaço. A famosa comida rápida, prática e eficiente, que é possível ingerir em qualquer lugar, em minutos, ganha diariamente mais espaço no mercado e a relação entre necessidade e desejo muitas vezes entra em conflito. Independentemente do que leva ao consumo desses alimentos, os impactos socioambientais do crescimento desse consumo afetam o planeta terra e seus recursos das mais variadas maneiras. Diante disso, esse trabalho tem como objetivo identificar a relação entre consumismo relacionado ao *fast-food* e os impactos socioambientais resultantes e ainda a importância de levar tais debates para a sala de aula, do uso das geotecnologias e das organizações nesse cenário. Para alcançar esse fim, a pesquisa é exploratória e descritiva, contando com pesquisa bibliográfica como fonte de informação e coleta de dados. A natureza da pesquisa qualitativa. É possível perceber que os impactos gerados por esse sistema alimentar ficam implícitos e está relacionado a algumas dos componentes incluídos nas refeições e sua maneira predominante de embalar. Por essas características, o meio ambiente vem sofrendo grandes desmatamentos e poluições diversas. A principal autora utilizada nos embasamentos teóricos é Silvia Aparecida Guarneri Ortigoza, que apresenta grandes trabalhos e reflexões no campo do consumo, *fast-food* e alterações na socioespaciais devido a existência desses padrões alimentares. Diante das conclusões geradas, é perceptível a existência de implicações relevantes, supondo a importância da reflexão sobre os hábitos de consumo alimentares e a responsabilidade de cada cidadão pelo que ingere, já que esses hábitos geram consequências e nem sempre positivas, que merecem atenção por parte dos

indivíduos e dos gestores. Deste modo, é possível constatar que o consumismo de refeições rápidas traz interferências negativas sobre o meio ambiente. Os impactos gerados para o meio natural também podem afetar a vida humana.

Palavras-chave: Consumismo. Degradação ambiental. Agropecuária. Políticas Públicas. Sociedade.

Abstract: El producto hasta llegar al consumidor final pasa por un proceso discontinuado en tres etapas: producción, circulación y consumo. En el consumo buscan satisfacer sus necesidades. Sin embargo, se han hecho varias tendencias a lo largo del tiempo para que el consumo de la población crezca. La comida rápida, producción industrial de alimentos elaborados en Estados Unidos, también utiliza una estrategia para conquistar su espacio. La famosa comida rápida, práctica y eficiente, que se puede comer en cualquier lugar, en minutos, gana cada día más espacio en el mercado y la relación entre necesidad y deseo a menudo entra en conflicto. Independientemente de lo que lleve al consumo de estos alimentos, los impactos sociales y ambientales del crecimiento de este consumo afectan al planeta tierra y sus recursos de las más variadas formas. Ante esto, este trabajo tiene como objetivo identificar la relación entre el consumismo relacionado con la comida rápida y los impactos socioambientales debidos y también la importancia de llevar dichos debates al aula, el uso de geotecnologías y asociaciones en este escenario. Para lograrlo, la investigación es exploratoria y descriptiva, con la investigación bibliográfica como fuente de información y recolección de datos. La naturaleza de la investigación cualitativa. Es posible ver que los impactos que genera este sistema alimentario están implícitos y relacionados con algunos de los componentes incluidos en las comidas y su forma predominante de envasado. Debido a estas características, el medio ambiente ha venido sufriendo una gran deforestación y diversas contaminaciones. La autora principal utilizada en las bases teóricas es Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza, quien presenta grandes trabajos y reflexiones en el campo del consumo, la comida rápida y los cambios socioespaciales debido a la existencia de estos patrones dietéticos. A la vista de las generadas, se nota la existencia de una consecuencia relevante, asumiendo la importancia de la reflexión sobre los hábitos de consumo de alimentos y la responsabilidad de cada ciudadano por lo que come, ya que estos hábitos generan consecuencias y no siempre positivas, que merecen atención por parte de nodos y gestores. Así, es posible comprobar que el consumo de comidas rápidas trae interferencias negativas en el medio ambiente. Los impactos generados en el medio natural también pueden afectar la vida humana.

Keywords: Consumismo. degradación ambiental. Agricultura. Políticas públicas. Sociedade.

INTRODUÇÃO

Incorporando princípios fordistas, que leva em consideração intensificação, economicidade e produtividade, nasce o *fast-food*: produção industrial de comida desenvolvido inicialmente nos Estados Unidos, comercializado por empresas transnacionais em grandes redes de franquias, que conquista várias pessoas diariamente. Essa comida rápida se baseia, de acordo com Oliveira e Freiras, em uma “alimentação industrializada à base de sanduíches cárneos, embutidos, queijos

amarelos e molhos cremosos, capitaneado pelo hambúrguer e pela batata frita, habitualmente acompanhados de refrigerante.” (OLIVEIRA; FREIRAS, 2008, p. 42).

O ritmo do urbano acaba impondo, principalmente nas grandes cidades, alguns comportamentos de consumo, devido a escassez do tempo. Essa realidade se torna cada vez mais comum. Ortigoza (2008) diz que “Temos então: um tempo que é mundial e uma vida cotidiana que se realiza no local”. Por outro lado, certos hábitos de consumo são guiados pelo desejo e não por necessidade. Nas duas realidades o *fast-food* atende. Enquanto há pessoas que buscam esses alimentos pela rapidez e eficiência, outros buscam pelo desejo e vontade. O contagiante mundo do consumo induz a um ritmo de compra excessiva, sem deixar espaço para reflexão. Os símbolos, signos, a moda, a marca, a imitação do outro emitem uma ordem, convencendo consumidores a comprarem para assim se sentirem parte do todo e integrantes da sociedade (ORTIGOZA, 2010).

Apesar da sensação de satisfação diante desses alimentos, agregam um baixo valor nutricional e o preço que se paga por eles vai além do entregue ao caixa do estabelecimento. Os alimentos enquadrados como *fast-food*, utilizam componentes que para chegarem até o consumidor, afetam o meio ambiente de maneira relevante. Esse sistema alimentar considerado como moderno e marcado pelo consumo preferencial de alimentos industrializados e pelo comer fora de casa deixa rastros que estão desde desmatamento até a poluição dos corpos de água.

O modelo de alimentação dominante hoje, por vezes, é caracterizado como insustentável (ROWLAND, 2019). Diante disso, esse trabalho tem como objetivo identificar a relação entre consumismo ligado ao *fast-food* e os impactos socioambientais decorrentes, através de uma pesquisa exploratória e descritiva, contando com pesquisa bibliográfica como fonte de informação e coleta de dados.

Ferreira (2006, p.12) diz que “a preocupação com o meio ambiente data do século XIX; somente no século XX e principalmente, a partir dos anos 70 passou a ter repercussão na sociedade”. Os indivíduos têm buscado se posicionar diante da degradação ambiental, já que tem compreendido a importância da mesma para a nossa permanência na terra e saber das implicações dos padrões de consumo é imprescindível.

É de suma importância trazer tais debates e reflexões para a sala de aula no intuito de tornar os estudantes ainda mais conscientes sobre sua responsabilidade social até nos momentos em que fazem a escolha dos alimentos que consomem e,

dessa forma, contribuir para que cada vez mais os indivíduos se conscientizem do quão forte e presente são as relações entre sociedade e natureza e da dimensão dos impactos das suas atitudes. As geotecnologias e a existências das organizações também contribuem para a defesa do ecossistema.

Fundamentação Teórica

Durante um certo período a Geografia direcionou seus estudos para questões referentes à dinâmica ambiental, sem incluir o homem nestas análises. Posteriormente novas correntes de pensamento surgiram. Dentre as correntes que existiram, surgiu a Geografia Crítica para introduzir novas análises, principalmente direcionadas a aspectos econômicos das relações socioambientais, contribuindo, dessa forma, para essa ciência. Nesse contexto é que as análises geográficas passam a considerar o consumo como elemento relevante para compreensão da dinâmica geográfica (ALVES; SAHR, 2009).

Na década de 1960 Pierre George publicou em Paris a “Géographie de la consommation”, na obra ele buscava compreender as modalidades de consumo. Desde a publicação do autor até os dias de hoje as relações de consumo se transformaram expressivamente, tornando-se mais complexas e diversas. No panorama atual existem diferentes intercâmbios econômicos entre as mais variadas regiões do mundo, incentivando discussões a respeito de fluxos econômicos, circulação de produtos e pessoas, redes e globalização.

De acordo com Vilar (2011, p. 08) “A partir da Revolução Industrial registra-se um conjunto de transformações da natureza em consequência do trabalho humano com expressivos impactos territoriais.” Nesse período, avanços aconteceram no campo do conhecimento científico e também tecnológico. Esses avanços contribuíram para a existência de novas máquinas, equipamentos e meios de transporte. Permitiu o aproveitamento de diferentes fontes de energia e contribuiu para variação e ampliação da produção. Grandes mudanças nas relações sociais, nas formas de trabalho, na paisagem geográfica, nas formas de explorar os recursos ambientais, foram resultado dessas inovações, contribuindo para a expansão da produção capitalista mundial.

Para o capitalismo contemporâneo, a produção não é o mais importante, há a preocupação em garantir que os produtos cheguem rapidamente para os consumidores. Villar (2011, p.09) ainda declara que as grandes mudanças que ocorreram a partir da segunda metade do século XX, destacadamente nos últimos anos deste século a realidade da produção, circulação e consumo sofreram mudanças. O novo panorama mundial que vinha se configurando era responsável por essas alterações. A competitividade e velocidade passam a ser valorizadas. Ambas demonstram que o lucro se torna o objetivo em si. As pontes, os portos, a pavimentação e os caminhos, tornam-se suportes da competitividade. A informação também mostra sua potencialidade. Vilar corrobora:

A partir da segunda metade do século XX e principalmente das últimas décadas do milênio, a situação muda sensivelmente e as redes, a competitividade, o poder da informação e a necessidade de fluidez territorial se impõe e criam uma nova geografia da produção, da circulação e do consumo que se caracteriza, entre outras coisas, pela seletividade, pela concentração territorial e ao mesmo tempo pela dispersão espacial ou geográfica. (VILLAR, 2011, p.09).

Já para Ortigoza (2009, p. 17) “A velocidade é outro aspecto importante das novas tecnologias que faz com que o capital ganhe maior fluidez, conseguindo circular no menor tempo possível entre os países, unindo e excluindo as diversas economias”. O espaço passa a ser valorizado, pois a velocidade depende dos espaços percorridos.

Para Vilar (2011) o consumo muda de acordo com o tempo e o espaço geográfico considerado, ou seja, não pode ser considerado estático e por isso há uma tendência à imposição das formas distorcidas de consumo, conhecida como consumismo. Inicialmente, a publicidade era usada para “criar a necessidade” de um produto ou bem. Hoje, várias mercadorias se sustentam com apoio de propagandas insistentes e, por vezes, enganosas. Muitas vezes a maior preocupação está na criação de um perfil consumidor do que em apresentar e reforçar a utilidade do produto existente. Esse fato contribui para reforçar a valorização da marca e do poder atribuído a quem possui e usa esses bens.

O consumidor deve ser percebido a partir do todo que o compõe. Primeiramente existe um momento contemplativo; entretanto, não dura muito, as mercadorias envolvem seus possíveis compradores através de comerciais, promoções, diversas formas de pagamento, da moda, da vibração e cor dos bens, produtos e serviços. Desse modo, a experiência de consumo acontece (ORTIGOZA, 2010). A autora ainda diz que “uma das considerações importantes é o

reconhecimento de que as relações de consumo são dialéticas em sua essência, estando nelas envolvidas várias contradições, entre as quais estão os conflitos entre o desejo e a necessidade” (ORTIGOZA, 2010, p. 215).

A divisão espacial do trabalho, que se intensifica na fase atual do processo de desconcentração industrial, da mundialização da economia, compreendida como um processo que torna as economias mundiais cada vez mais compactadas e unidas. O aprofundamento das trocas de mercadorias e a fronteira refere-se a um estado, este também define limites como sendo as linhas divisórias ou de separação, que geograficamente definem a extensão precisa do território do Estado. Esses são processos que influenciam os hábitos de consumo da população, ao passo que altera os fluxos de informações. O espaço urbano se adequa a essa dinâmica, tornando-se mais fluido. Portanto, o fluxo de informação e as funções urbanas direcionadas para expansão do setor terciário, reproduzem o espaço frequentemente.

A intensificação da divisão espacial do trabalho, a mundialização do comércio, o aprofundamento das trocas de mercadorias e a abstração das fronteiras entre os Estados, entre outros, são processos em constituição, os quais exercem influência direta na sociedade urbana, alterando os fluxos de informações e, conseqüentemente, os hábitos de consumo. Nesse processo, o espaço urbano, pela pressão da técnica global, vai se tornando fluido e passa, gradualmente, a atender à velocidade imposta pelas novas relações sociais de produção. Esses fluxos de informações e as funções urbanas, cada vez mais centradas no terciário, reproduzem o espaço continuamente (ORTIGOZA, 2010, p. 18).

Durante as fases que o produto passa: produção, distribuição e consumo, a materialização da reprodução capitalista se dá na última delas e o marketing é o campo de estudo que contribui para a renovação constante. Nesse crescimento pelo consumo, caracterizado como setor terciário foi o que mais se destacou na economia. Devido essa realidade, a urbanização Brasileira foi chamada por Milton Santos de urbanização terciária, em função do crescimento rápido das atividades desse setor paralelamente a urbanização brasileira.

A sociedade urbana, que tende a se generalizar, causa mudanças nos modos de vida dos indivíduos. Os limites existentes se tornam irrelevantes e passa a existir uma forte tendência à mundialização, que se configura como trocas contínuas de valores e comportamentos entre culturas. Essas trocas também acontecem no campo do consumo. A mercadoria, à vista disso, se generaliza, criando identidades que

ultrapassam a identidade local, nacional, e fica cada vez mais próximo da identidade mundial (ORTIGOZA, 2010).

De acordo com Bauman (2008) consumo é uma atividade essencialmente cotidiana e algumas vezes é direcionada para fins festivos. O ato de consumir é uma ação que ultrapassa os limites temporais e é um elemento inerente a sobrevivência de todos os seres humanos e os organismos vivos em geral. Destarte, Bauman (2008) afirma que após a revolução paleolítica, na qual o homem era caracterizado como coletor, veio a sociedade que passou a produzir excedentes e atos de estocagem. Milênios mais tarde o consumo começa a ser nomeado como consumismo. De acordo com o autor, essa passagem poderia ser caracterizada como “Revolução consumista”. Bauman (2008) faz uma declaração acerca do consumismo:

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais (BAUMAN, 2008, p. 41).

Para Bauman (2008) consumismo é um tipo de organização social dependente das vontades, desejos e anseios constantes e rotineiros das pessoas. Também pode ser caracterizado como a força que impulsiona, produz a sociedade e reproduz o sistema capitalista, a integração e a estratificação da sociedade - classificação que envolve indivíduos em grupos de acordo com suas condições socioeconômicas. Representa um papel importante nos processos de identidade dos indivíduos e grupos.

Bauman (2008, p. 41) afirma que “De maneira distinta do consumo, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade”. Diferente do consumo, o consumismo é uma característica dos indivíduos e um atributo da sociedade. Para que a sociedade seja considerada consumista o querer, almejar e desejar de cada indivíduo deve ser igual a capacidade de trabalho na sociedade de produtores. Ortigoza (2009, p. 49) alega que “o consumismo pode ser definido como o ato de consumir de forma incontrolável e sem limites”. As pessoas são induzidas a comprar de maneira consecutiva e compulsiva, sem muitas vezes existir a necessidade ou falta

daquela mercadoria adquirida, já que na lógica consumista, para se viver bem, deve-se consumir excessivamente.

A mundialização acontece também no comércio da alimentação, porém, de maneira mais intensa. Os hábitos de consumo são incorporados mais rapidamente no dia a dia urbano, padronizando comportamentos de compra. (ORTIGOZA, 2009). Ortigoza (2009, p. 71) afirma que “Este processo se desenvolve de maneira sutil, com a incorporação de ideologias de consumo e práticas socioespaciais, que podem até passar despercebidas num primeiro momento.” Essa padronização dos comportamentos de compra acontece de maneira sutil ao longo do tempo, a partir da criação de necessidades, influenciando a população a adquirir bens e produtos, por vezes, desnecessários.

Dentro do consumo, o *fast-food* cria um novo tipo de consumidor. Fuhrman e Phillips (2017) afirmam que *fast-food* faz referência a uma alimentação rápida. O *fast-food* produz uma “alimentação industrializada à base de sanduíches cárneos, embutidos, queijos amarelos e molhos cremosos, capitaneado pelo hambúrguer e pela batata frita, habitualmente acompanhados de refrigerante.” (OLIVEIRA; FREIRAS, 2008, p. 242).

Essas comidas prontas demonstram que a mundialização é um processo que vem avançando progressivamente. No campo da alimentação, o modo de vida americano sempre esteve presente de maneira sistemática. A forma de vida americano contribui para elaboração de novas estratégias comerciais de vendas, incluindo hábitos de consumo de acordo com sua ideologia, e também introduzindo sempre novos produtos. Ortigoza (2001, p. 91) afirmou que “Hoje essa dinâmica ganha ainda mais profundidade, pois os produtos tendem a uma homogeneização mais intensa e não é preciso importá-los para que eles sejam mundiais.” Para obter certos bens e produtos não é mais necessário a importação, já que com a flexibilização da produção, esses bens e produtos podem ser produzidos em qualquer lugar do mundo. (ORTIGOZA, 2001). A disponibilização de mercadorias nas diversas regiões do planeta é reconhecida como uma estratégia norte-americana para difundir sua cultura do *fast-food*, demonstrando forte influência, como confirma Ortigoza:

As grandes cadeias mundiais de lanches foram idealizadas nos EUA, e, ao venderem seus produtos nos diferentes países, transformam as culturas alimentares. Na Índia, por exemplo, o McDonald's substituiu a carne bovina por carne de cabra ou outros produtos. Mesmo assim, com a matéria prima substituída e o sabor modificado, a crítica que se faz é que o produto (hambúrguer) e o formato (americano) do *fast-food*

é o mesmo e, portanto, consegue exercer grande pressão para conseguir impor toda a ideologia americana num território ainda muito preso à manutenção de sua cultura tradicional (ORTIGOZA, 2009, p. 73).

Um elemento gastronômico que causou revolução nos hábitos de consumo e serviços foi o hambúrguer, trazendo velocidade no preparo e consumo, sendo viável para as pessoas por essa praticidade diante dos dias preenchidos por obrigações e atividades. A carne bovina é uma das principais matérias utilizadas para fazer esses alimentos. Para isso, a pecuária é uma atividade muito importante.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2013) “A Pecuária é o conjunto de processos técnicos usados na domesticação de animais para obtenção de produtos com objetivos econômicos. Também é conhecida como criação animal.” Essa atividade dedica-se a aplicar técnicas para criação de animais para fins econômicos. A pecuária não inclui somente a criação de gado, também faz parte a criação desde abelhas a búfalos. Como fonte de proteína para a população, a produção animal é a principal e tem expressivo valor econômico e estratégico para os países. Ainda de acordo com o IBGE (2013) o Brasil está entre os maiores produtores e exportadores mundiais de carne.

De acordo com Ferreira (2006, p.12) “a preocupação com o meio ambiente data do século XIX; somente no século XX e principalmente, a partir dos anos 70 passou a ter repercussão na sociedade”. Dentre as preocupações relacionadas ao meio ambiente, está o impacto do consumo de certos tipos de alimentos. Um documentário lançado em 2014, com a produção-executiva de Leonardo DiCaprio tomou grandes repercussões devido a forma de abordar os hábitos de consumo e os danos ao meio ambiente, colocando a pecuária frente a várias discussões. Foi intitulado como “Cowspiracy: The Sustainability Secret” (Cowspiracy: O Segredo da Sustentabilidade) expõe, de maneira detalhada, os impactos ambientais da agropecuária, que é a união da agricultura e da pecuária. A agricultura compõe o conjunto de técnicas de cultivo do solo resultando em matérias-primas e alimentos para a sociedade e os animais. Esse documentário deixa claro a ideia de que o sistema que coloca a carne, principalmente bovina, no mercado mundial é um dos maiores causadores de impactos ambientais. A indústria da carne fornece bilhões de animais ao ano, sobretudo os bovinos para o consumo alimentício mundial, porém, essa demanda não é sustentável. Vários fatores estão envolvidos na cadeia produtiva desse sistema é que levam aos prejuízos ambientais resultantes, já que é necessário diversos recursos

e processos para que a carne animal seja produzida e chegue ao consumidor. Portanto, há uma grande demanda por superfície terrestre, para abrigar os animais e ainda para a produção de grãos que serão utilizados como ração para esses. Também é imprescindível uma grande quantidade de água, que será consumida pelos animais e utilizada na produção. Os combustíveis fósseis contribuem principalmente no transporte dos animais vivos, da carne, dos grãos e da ração (COWPISRACY, 2014).

A expansão da pecuária extensiva, na qual os animais são criados livres em grandes extensões de terras, e o plantio de soja para fabricação de ração animal são realidades atenuantes a desencadear desmatamentos nos biomas nativos do Brasil. No país, existem cerca de 200 milhões de hectares de pastagens nativas ou implantadas. Estima-se que do total hectares calculado, aproximadamente 130 milhões estejam degradados e precisem de alguma de medidas para reverter o estado em que se encontram. De acordo com outra fonte, em 2019, o Brasil contava com mais de 182 milhões de hectares. No tocante as plantações de soja vinculadas a pecuária também no país, os valores giram em torno de 31 milhões de hectares (EMBRAPA, [201-?]; LAFIG, 2019; HEINRICH BOLL FOUNDATION, 2016).

A pecuária extensiva continua a ser o principal agente do desmatamento da floresta amazônica. De acordo com as conclusões de Barreto (BARRETO et al., 2008) os índices de desmatamentos costumam acompanhar o valor de mercado do gado e da soja. Portanto, quando o valor do gado e da soja aumentam, o desmatamento segue crescendo, já quando ocorre o caimento desses valores, o desmatamento tende a cair. Segundo estudos do MapBiomas, iniciativa do SEEG/OC (Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa do Observatório do Clima), apontam que mais da metade da perda de vegetação nativa no Brasil aconteceu na Amazônia. A diminuição no cerrado foi de 28,5 milhões de hectares (Mha). Outro bioma afetado pela elevação da taxa de diminuição da cobertura vegetal remanescente foi o pampa, perdendo em torno 2,3 Mha. No Pantanal, a subtração da vegetação foi de 12%, com um aumento de 4,7 vezes da área total de pastagens plantadas. Já a queda de área de vegetação remanescente na caatinga foi de 11%, existente também uma alta de 26% para agropecuária. Na mata atlântica as extensões direcionadas para agricultura dobrou, de acordo com a mesma fonte. Todo esse cenário contribuiu para o crescimento da agropecuária em 43% desde 1985. Destarte, a compreensão é de que de toda a perda de vegetação natural do país, contemplando mangue, floresta, savana e campos, pelo menos 90% foram utilizadas para atividade

agropecuária, gerando uma expansão de 78 milhões de hectares (MAPBIOMAS, 2020). De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE(2020), todos os animais do Brasil cresceram em quantidade no ano de 2018, salvo o rebanho bovino, que decresceu em 1,5 milhão de cabeças a menos quando comparado com 2017. Apesar da diminuição, com números atuais aproximadamente de 213,5 milhões, o país possui o maior rebanho comercial bovino. Desse modo, é possível perceber que o país ainda tem mais bois e vacas do que seres humanos, já que a população brasileira está em torno de 210, 1 milhões (ESTATISTICAS ECONOMICAS, 2020).

Para desenvolver os animais criados para fins comerciais é necessário entender que a alimentação desses é essencial. Para suprir a demanda alimentícia de todos esses seres, que ultrapassam a quantidade de seres humanos, é fundamental o cultivo de monoculturas de grãos para fabricação de ração animal. O Brasil vem perdendo boa parte da sua vegetação devido os milhões de hectares utilizados para o plantio de soja e milho para servir, em primeiro lugar, para ração (SCHUCK et al., 2018). O Cerrado Brasileiro é o bioma mais afetado com o avanço dessas monoculturas. Entre os anos de 2000 e 2016, o cultivo de grãos na região passou de 7,4 milhões para 20,5 milhões. A soja é a monocultura agrícola que mais se cultiva mundialmente, por conta do aumento do consumo de carne pelos países emergentes e, conseqüentemente, ser o principal alimento presente na ração destinada a porcos, aves e bois (SCHLESINGER et al., 2006; HEINRICH BOLL FOUNDATION, 2016). Essa expansão acaba gerando diversos problemas ambientais, dentre eles a degradação do solo, desmatamento, perda de biodiversidade e crise hídrica (FUNDAÇÃO HEINRICH BOLL, 2018).

A alimentação que serve de ração para animais de corte é produzida com a presença de sementes transgênicas e de agrotóxicos nas monoculturas (CURY, 2016). Os agrotóxicos quando utilizados de maneira incorreta e irresponsável podem gerar conseqüências não só para o meio ambiente, mas também para população. No meio ambiente esses componentes podem atingir espécies que não causam riscos à lavoura e extinguir determinados organismos essenciais para o equilíbrio do ambiente natural, contribuindo para o desequilíbrio. Pode também contaminar solo, rios, lagos e os lençóis freáticos, desencadeando a morte de seres que vivem em alguns desses ambientes. O solo pode perder sua fertilidade (REHMER et al., 2018). Os agrotóxicos ainda tem potencial para exterminar abelhas, borboletas, maribondos, aves e

morcegos. Esses extermínios devem ser levados em consideração, já que é capaz de afetar a biodiversidade e a produção de alimentos agrícolas (BRASIL, 2014; NETO, 2014).

As emissões do setor agropecuário aumentaram 165% entre 1970 e 2016. Especificamente em 2016, o rebanho bovino do Brasil emitiu 392 milhões de toneladas de gases de efeito estufa. Esses milhões equivalem a 17% de todas as emissões de gás carbônico no ano já citado. Representa 79% de tudo o que foi emitido no setor de agropecuária. Para os cálculos foi considerado apenas as emissões diretas, eliminando o desmatamento e levando em conta a implantação de pastagens na maior parte dos estudos (OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2018). Krantz (2019) afirma que a agropecuária também foi considerada como principal fonte poluidora dos recursos hídricos, de acordo com a Agência de Proteção Ambiental. O escoamento de dejetos provenientes da criação de animais afeta o meio ambiente, ao passo que enche as superfícies e as águas subterrâneas de nitrogênio e fósforo. Conseqüentemente, milhões de mortes ocorrem anualmente.

Os produtos da pecuária que são originados dos animais vivos, são classificados como produtos primários, são eles: leite, ovos, mel, cera de abelhas e fibras de origem animal. Os produtos processados são aqueles derivados da produção primária, ou seja, industrializados, como leite em pó, ovo desidratado, dentre outros. Já os gêneros originados de animais abatidos são divididos em produtos primários, por sua origem ser diretamente dos animais abatidos, incluindo os miúdos, a carne, as gorduras cruas, couro cru e peles. (IBGE, 2013). Dos animais abatidos também é gerado os produtos que passam por processamento, por exemplo, charque, presunto, mortadela, salsichas, linguiças, salames, etc.

O *fast-food* gera seus alimentos com forte presença de produtos provenientes da pecuária. Para essa produção são necessárias vastas quantidades de produtos originários da agropecuária, tornando essa atividade de suma importância para esse modelo de produção. Porém, devido sua importância e demanda, seu impacto é gigantesco. De acordo com o documentário *Cowspiracy* (2014) um hambúrguer exige 660 litros de água para ser produzido, equivalendo a dois meses de banhos de chuveiro. Outro dado obtido através o documentário é que são necessários 2500 litros do mesmo recurso para produzir um quilo de carne.

As grandes redes de alimentação como McDonald's, Bob's e Burger King e outras, ganham seus clientes com facilidade, gerando o consumo exagerado por parte

da população. Outro ponto que chama atenção nesse mercado de comida rápida são os resíduos sólidos gerados. O lixo produzido em função da forma como as refeições são servidas, em embalagens descartáveis, composta, boa parte das vezes, pelo plástico e papel.

Devido a demanda por parte da população, as indústrias passam a produzir cada vez mais, tornando o modelo atual insustentável, já que as matérias primas são retiradas da natureza. O mundo imediatista, no qual a praticidade e velocidade são atributos indispensáveis, induz os cidadãos a buscar alimentos que sejam de fácil e rápido preparo. Para embalar os produtos, as embalagens plásticas acabam sendo escolhidas pelo consumidor, uma vez que tem como característica a leveza e resistência suficiente. O uso e descarte inadequado acaba causando diversos problemas ambientais. As embalagens plásticas representam cerca de 4 milhões de quilos de plástico lançados todos os anos nos mares, trazendo consequências para os seres que lá vivem (LORENZETT, 2013).

De acordo com a WWF (2019) “Estima-se que 87% do plástico introduzido em uma cadeia de resíduos mal administrada em 2016 tenha sido despejado na natureza e virado poluição plástica.” Análises indicam que 90% dos resíduos plásticos frutos da mal administração poluiu o solo e os corpos de água potável. Sobre o restante se deduz que chegou ou chegará aos oceanos. A ingestão de plástico por animais e seres humanos, o enredamento causado por materiais de pesca abandonados, a alteração causada solo, água e recifes de corais, impactos na qualidade do ar e o descarte inadequado são alguns dos vários impactos negativos percebidos (WWF, 2019).

A sociedade deve estar consciente dos impactos dos seus hábitos alimentares e por meio da educação e dentro da geografia escolar isso pode ser possível. De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional de Geografia, essa matéria escolar deve ajudar o estudante a reconhecer a sua importância dentro das relações entre a sociedade e natureza e também perceber a dimensão das suas ações individuais e coletivas. A geografia da sala de aula agrega conhecimentos para ajudar os alunos a compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico no qual se encontram inseridos e ainda perceber a importância de um posicionamento ativo, responsável, solidário e de comprometimento com o destino das futuras gerações (BRASIL, 1998).

Dentro desse contexto, Berté (2013, p.39) diz que responsabilidade social significa “O envolvimento de todas as pessoas e de todos os setores na gestão ambiental.” É importante o envolvimento de diferentes setores para contribuir com o estilo de desenvolvimento em que a sustentabilidade é o fim procurado, visto que o crescimento em harmonia com o meio ambiente implica na qualidade de vida dos seres.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é considerada exploratória, pois pretende-se uma maior familiaridade com a problemática apresentada. Nesse sentido, busca-se obter maiores conhecimentos sobre a dinâmica do consumismo ligado ao *fast-food* e os impactos ambientais gerados. Esse estudo ainda pode ser enquadrado como descritivo, em razão da exposição dos impactos causados fruto dessa realidade. Para Gil (2016, p. 42) a pesquisa descritiva “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então o estabelecimento de relação entre variáveis”. Quanto a abordagem a pesquisa é qualitativa, justificada por ser a forma mais adequada para compreender a natureza de um fenômeno social (RICHARDSON, 1999). Já os procedimentos utilizam a pesquisa bibliográfica, que engloba a revisão da literatura contemplando as principais informações e conceitos para construção do trabalho. A principal autora utilizada foi Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No mundo capitalista, a falta de tempo é uma realidade de muitos. Nesse mesmo mundo, o consumismo também é valorizado e potencializado através de estratégias que induzem o consumidor a comprar cada vez mais, para que assim se sinta parte de um mundo globalizado.

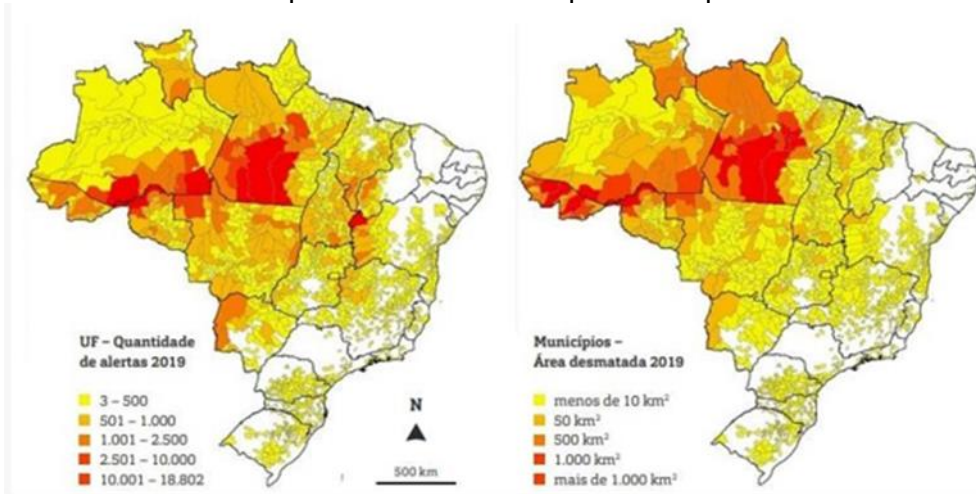
A indústria da carne fornece bilhões de animais ao ano, sobretudo os bovinos para o consumo alimentício mundial, porém, essa demanda não é sustentável, devido seu processo produtivo, já que é necessário vários recursos e processos para que a carne animal, processados e embutidos sejam produzidas e cheguem ao consumidor. A pecuária extensiva continua a ser o principal agente no desmatamento da floresta

amazônica. O cultivo de monoculturas para alimentar esses animais também tem se mostrado fortes aliados da degradação ambiental. A utilização exacerbada de embalagens plásticas se configura como problema, devido seu descarte incorreto ainda existir.

O processo para fornecimento desses componentes alimentares presentes nas refeições *fast-food* engloba desmatamento, monoculturas, transgênicos e agrotóxicos, poluição das reservas aquáticas e dos solos. Ainda contribuem para a perda da biodiversidade e mudanças climáticas. Visto isso, é possível constatar que o consumismo de refeições rápidas traz interferências negativas sobre o meio ambiente. Os impactos gerados para o meio natural também podem afetar a vida humana. As geotecnologias podem atuar nesse cenário e contribuir para controle e intervenções.

Com o surgimento das informações espaciais, via satélite, diversos conhecimentos a respeito do espaço terrestre começaram a existir. O Sensoriamento Remoto, o Sistema de Sistema de Posicionamento Global e o Informações Geográfica são geotecnologias que favorecem a análise de um número grandioso de dados ao mesmo tempo. O sensoriamento pode ser classificado como a técnica que se encarrega da obtenção de imagens dos objetos da superfície terrestre. As imagens de satélites atuam facilitando a identificação e o monitoramento de acontecimentos naturais, queimadas, desastres ambientais, desmatamento, condições meteorológicas, entre outros. A tecnologia em questão permite a coleta de informações em épocas diferentes, ajudando nos estudos forma dinâmicos de determinada área. Possibilita ainda a obtenção de informações em diferentes escalas, desde as regionais até locais (ALBUQUERQUE, 2008; INSTITUTO PRISTINO, 2019; COSTA, 2020).

Figura 01: Área desmatada e quantidade de alertas por município no Brasil em 2019.



Fonte: Mapbioma(2019).

A figura acima (Figura 01) demonstra como essas tecnologias podem auxiliar no monitoramento dos impactos causados pelas diversas atividades antrópicas. A partir da figura é possível perceber que a Amazônia e Cerrado juntos representaram 96,7% da área desmatada, de acordo com as análises realizadas em 2019. De toda a perda de vegetação natural no Brasil, aproximadamente 90% foram ocupados pelo uso agropecuário.

Outra alternativa para direcionar atitudes em prol do meio ambiente são as organizações não governamentais e movimentos. Essas organizações geram estratégias e projetos para preservar os recursos naturais, melhorar a qualidade de vida, desenvolvem caminhos para educar ambientalmente os indivíduos, algumas fiscalizam e exigem dos órgãos competentes tomada de decisão nas questões que envolvem os recursos naturais, dentre outras ações.

A WWF (Fundo mundial para a Natureza) é atuante vários países e busca mudanças no cenário de destruição ambiental. Já a Sociedade Vegetariana Brasileira é uma organização sem fins lucrativos, que visa promover vegetarianismo como escolha sustentável. O Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (IMAFLOA) busca o uso sustentável dos recursos naturais. Existe também o Instituto Chico Mendes de Conservação da biodiversidade, é uma autarquia em regime especial. Está vinculada ao Ministério do meio ambiente e executa ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Também incentiva programas de pesquisa, preservação e conservação da biodiversidade (BIOMANIA, 2020; WWF, 2020; SVB, 2017; IMAFLORA, 2020).

Existem várias outras iniciativas em defesa do meio ambiental e animais. Além das geotecnologias e das Organizações, a escola também pode contribuir para um mundo sustentável, através da educação. Os conhecimentos e percepções agregados através da ciência geográfica são importantes para a vida em sociedade e ainda para a compreensão das relações não só em nível local, mas também global. Através da geografia o professor deve buscar despertar nos seus alunos o desejo de participação, ser solidário e comprometido com a vida das atuais e futuras gerações (BRASIL, 1998). Diante do exposto sobre a responsabilidade do professor, dos estudantes enquanto cidadãos e dos impactos causados pelo consumismo ligado ao *fast-food*, é de suma importância trazer tais debates e reflexões para a sala de aula no intuito de tornar esses ainda mais conscientes sobre sua responsabilidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar sobre questões relacionadas ao consumo alimentar, envolve pensar nas implicações desse consumo para o meio ambiente, já que esse meio fornece os recursos para a produção da nossa alimentação. O objetivo desse estudo foi analisar e descrever as consequências ambientais do consumo de certos alimentos. Diante do percebido, surge reflexões e questionamentos sobre certos padrões de consumo que estão presentes na sociedade e se esses podem ser sustentados.

A indústria percebe as implicações ambientais, porém boa parte dos consumidores não tem acesso à informação e nem dimensão da realidade por trás desses produtos. Essas informações devem fazer parte da realidade das pessoas, já que todos os indivíduos são responsáveis pela construção de um futuro melhor e sustentável. Para isso, conhecer as implicações da sua relação com o meio é de suma importância. Várias organizações não governamentais já se posicionam sobre o consumo de *fast-food*. As geotecnologias também podem ser utilizadas no intuito de agir mais intensivamente na preservação do meio.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. C. G. Desastres Naturais e Geotecnologias. GPS Cadernos didáticos, n. 3, São José dos Campos, SP: INPE, 2008.

ALVES, Ana Paula Aparecida Ferreira; SAHR, Cicilian Luiza Löwen. Geografia ensinada – geografia vivida? Conceitos e abordagens para o ensino fundamental no Paraná. **Revista Discente Expressão Geográficas**, Florianópolis, ano 5, n. 5, p. 49-60, maio 2009.

Atlas das pastagens brasileiras. **LAPIG**, 2019. Disponível em: <<https://www.lapig.iesa.ufg.br/lapig/index.php/produtos/atlas-digital-das-pastagens-brasileiras>>. Acesso dia: 14 de nov. de 2020.

AZEVEDO, Tasso Rezende. Relatório Anual do Desmatamento no Brasil. Disponível em: <<https://s3.amazonaws.com/alerta.mapbiomas.org/relatorios/MBI-relatorio-desmatamento-2019-FINAL5.pdf>>. Acesso dia: 15 de nov. de 2020.

Atuações das ONGs sobre o Meio Ambiente. BIOMANIA, 2020. Disponível em: <[https://biomania.com.br/artigo/atuacoes-das-ongs-sobre-o-meio-ambiente#:~:text=As%20Organiza%C3%A7%C3%B5es%20N%C3%A3o%2DGovernamentais%20\(ONGs,pesquisas%2C%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental%2C%20etc.&text=Outra%20forma%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9,que%20envolve%20a%20Meio%20Ambiente.](https://biomania.com.br/artigo/atuacoes-das-ongs-sobre-o-meio-ambiente#:~:text=As%20Organiza%C3%A7%C3%B5es%20N%C3%A3o%2DGovernamentais%20(ONGs,pesquisas%2C%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental%2C%20etc.&text=Outra%20forma%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9,que%20envolve%20a%20Meio%20Ambiente.)> Acesso dia: 15 de nov. de 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

BARRETO, Paulo; PEREIRA, Ritaumaria; ARIMA, Eugênio. **A pecuária e o desmatamento na Amazônia na era das mudanças climáticas**. Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia. Belém, 2008.

BERTÉ, Rodrigo. **Gestão socioambiental no Brasil** / Rodrigo Berté. - Curitiba: InterSaberes, 2013.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Polinizadores em risco de extinção são ameaça à vida do ser humano**. 2014. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/informma/item/9976-polinizadores-em-risco-de-extin%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-amea%C3%A7a-%C3%A0-vida-do-ser-humano.html>>. Acesso: 08 de set. De 2020.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Geografia. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

Brasil perdeu área de vegetação nativa equivalente a 10% do território nacional entre 1985 e 2019. **MAPBIOMAS**, 2020. Disponível em: <<https://mapbiomas.org/noticias>>. Acesso dia: 14 de nov. de 2020.

CURY, Anay. **Transgênicos são 93% da área plantada com soja, milho e algodão**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2016/08/transgenicos-sao-93-da-area-plantada-com-soja-milho-e-algodao.html>>. Acesso em: 08 set. 2020.

COSTA, Nara. **Sensoriamento Remoto**: diagnóstico e planejamento de áreas e processos. Disponível em: <<http://geoeduc.com/2020/01/29/sensoriamento-remoto-diagnostico-e-planejamento-de-areas-e-processos/>>. Acesso dia: 15 de nov. de 2020.

CORTEZ, Ana Tereza; ORTIGOZA, Sílvia Aparecida G. **Da produção ao consumo**: impactos socioambientais no espaço urbano [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/n9brm/pdf/ortigoza-9788579830075.pdf>>. Acesso: 20 de agosto de 2020.

COWSPIRACY. **O segredo da sustentabilidade**. Direção de Kip Andersen. Produção de Leonardo DiCaprio. Roteiro: Keegan Kuhn. Los Angeles: Sn, 2014. Son., color. Legendado.

FERREIRA, Aracéli Cristina de Sousa. **Contabilidade ambiental**. 2 ed, São Paulo: Atlas, 2006.

FUNDAÇÃO HEINRICH BÖLL. **Atlas da carne**: fatos e números sobre os animais que comemos. 2016. Fundação Heinrich Böll. Disponível em: <https://br.boell.org/sites/default/files/atlas_da_carne_2_edicao_-_versao_final_bollbrasil.pdf>. Acesso dia 25 de agosto de 2020.

FUHRMAN, Joel; PHILLIPS, Robert B. **Fast-food genocide**. Canada: Harper One, 2007. Disponível em: <<https://b-ok.lat/book/3381702/5992ae>>. Acesso: 20 de agosto de 2020.

Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Key Facts and Findings**. FAO, 2020. Disponível em: <<http://www.fao.org/news/story/en/item/197623/icode/>>. Acesso: 30 de agosto de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PESQUISAS TRIMESTRAIS DE PECUÁRIA. **Manual Técnico**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc3558.pdf>. Acesso: 23 de agosto de 2020.

Imagens de satélite: Como são obtidas e utilizadas? INSTITUTO PRISTINO, 2019. Disponível em: <<https://institupristino.org.br/imagens-de-satelite-como-sao-obtidas-e-utilizadas/>>. Acesso dia: 15 de nov. de 2020.

KRANTZ, Rachel. **Novo estudo da ONU mostra que poluição do ar e da água causa milhões de mortes anualmente**. MERCY FOR ANIMALS, 2019. Disponível: <<https://mercyforanimals.org.br/hamburguer-vegano-que-imita-carne-de-verdade>>. Acesso dia 01 de set. de 2020

LORENZETT, Juliana Benitti et al. **Sacolas plásticas**: uma questão de mudança de hábitos.

2013. Disponível em: < >. Acesso dia 10 de agosto de 2020.

NETO, Walter Costa et al. **Água e polinização: qual a importância dessa relação para a vida na terra**. 2015. Ministério do meio ambiente. Disponível em:<<http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/57-polinizadores.html>>.

Acesso dia: 08 de set de 2020.

Nossas raízes. **IMAFLOA, 2020**. Disponível em: <<https://www.imaflora.org/quem-somos/sobre-nos>>. Acesso dia: 15 de nov. de 2020.

O instituto. **ICMBIO, 2020**. Disponível

em:<<https://www.icmbio.gov.br/portal/oinstituato>>. Acesso dia: 14 de nov. de 2020.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **GEOGRAFIA E CONSUMO: DINÂMICAS SOCIAIS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO**. 2009. 283 f. Tese (Livre docência) –

Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

ORTIGOZA, Silva Aparecida Guarnieri. **ALIMENTAÇÃO E SAÚDE: AS NOVAS RELAÇÕES ESPAÇO-TEMPO E SUASIMPLICAÇÕES NOS HÁBITOS DE CONSUMO DE ALIMENTOS**. 2008. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/14247>>. Acesso: 04 de set. 2020.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **O tempo e o espaço no centro da metrópole paulista**. 2001.208 f. Tese (graduação). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, SP,2001.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **Paisagens do consumo**: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579831287. Disponível em:

<<http://hdl.handle.net/11449/109158>>. Acesso dia 27 de agosto de 2020.

Pastagens. **EMBRAPA**, [201-?]. Disponível em:

<<https://www.embrapa.br/agrobiologia/pesquisaedensolvimento/pastagens#:~:text=No%20>

Brasil%20existem%20aproximadamente%20200,estado%20em%20que%20se%20encontram.

>. Acesso dia: 14 de nov. de 2020.

Quem somos. **SVB, 2017**. Disponível em: <<https://www.svb.org.br/svb/quem-somos>>. Acesso dia: 15 de nov. de 2020.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

ROWLAND, Michael Pellman. **Empresas de fast-food: o inimigo agora é outro.** FORBES, 2019. Disponível em: <<https://forbes.com.br/negocios/2019/04/empresas-de-fast-food-o-inimigo-agora-e-outro/>>. Acesso 05 de set. de 2020.

Rebanho bovino reduz em 2018, em ano de crescimento do abate e exportação. **ESTATÍSTICAS ECONÔMICAS**, 2020. Disponível em: <<https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/25483-rebanho-bovino-reduz-em-2018-em-ano-marcado-por-altas-no-abate-e-exportacao.html>>. Acesso dia: 14 de nov. 2020.

SCHUCK, Cynthia. LUGLIO, Alessandra; CARVALHO, Guilherme. **Maior parte dos grãos vira ração, e não alimento humano.** 2018. Época negócios. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/colunas/noticia/2018/04/maior-parte-dos-graos-vira-racao-e-nao-alimento-humano.html>>. Acesso dia 30 de agosto de 2020.

SHARMA, Shefali. **A ascensão dos gigantes da carne: a indústria extrativa do Brasil.** 2017. Fundação Heinrich Böll. Disponível em: <https://br.boell.org/sites/default/files/gigantes_da_carne_fundacao_boll_brasil_.pdf.pdf>. Acesso dia 25 de agosto de 2020.

Uma Organização Nacional. **WWF, 2020.** Disponível em: <https://www.wwf.org.br/wwf_brasil/>. Acesso dia: 15 de nov. de 2020.

VILAR, José Wellington Carvalho. **Geografia da produção, circulação e consumo.** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

VOCÊ SABE QUAIS ALIMENTOS SÃO EMBUTIDOS. **HOSPITAL SIRIO-LIBANES, 2019.** Disponível em: <<https://www.hospitalsiriolibanes.org.br/imprensa/noticias/Paginas/Voce-sabe-quais-alimentos-sao-embutidos.aspx>>. Acesso dia 06 de set. de 2020.

WWF. **Solucionar a poluição plástica: transparência e responsabilização.** 2019. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?70222/Brasil-e-o-4-pais-do-mundo-quemais-gera-lixo-plastico#>>. Acesso: 07 de set. de 2020

Capítulo 4

CURIOSIDADES HISTÓRICAS DA MATEMÁTICA E DA ESTATÍSTICA

**Marcos César Soares Ramalho
José Almiro Alves da Silva
Priscila Freitas Conceição
Josélia Carvalho de Araújo**

CURIOSIDADES HISTÓRICAS DA MATEMÁTICA E DA ESTATÍSTICA

Marcos César Soares Ramalho

Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, marcoscsramalho72@gmail.com.;

José Almiro Alves da Silva

Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, josealmiro18@gmail.com.;

Priscila Freitas Conceição

Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, prycilafreitas@gmail.com

Josélia Carvalho de Araújo

Professora Adjunta IV, Departamento de Geografia, Campus Mossoró da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, joseliacarvalho@uern.br.

Resumo

Encontramos a matemática em todos os ambientes escolares, universitários e no dia a dia. Porém, são evidenciados os cálculos, as fórmulas, as figuras geométricas e o raciocínio matemático através de resoluções de problemas. Sabemos que poucos chegam a se questionar como se obteve tais raciocínios, fórmulas e maneiras de resolução de problemas. Diante desse contexto, neste trabalho, temos o objetivo de mostrar, através da história da matemática, as curiosidades que levaram as descobertas das fórmulas, símbolos e teoremas, que até os dias atuais proporcionam muitas discussões e embates sobre problemas matemáticos e estatísticos. A metodologia que foi utilizada para a realização do referido trabalho foi a revisão bibliográfica, pois através dela facilitou o amplo conhecimento da história da matemática e da estatística com suas fórmulas e conjecturas. Portanto, esperamos que o trabalho consiga proporcionar satisfação aos leitores em conhecer os episódios marcantes das curiosidades históricas matemática e da estatística que contribuíram para o desenvolvimento das mesmas influenciando nos dias atuais.

Palavras chave: Aprendizado. História da Matemática. Curiosidades.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a Matemática foi sendo construída e aperfeiçoada, se consolidando e estabelecendo relações com o nosso cotidiano e com outras disciplinas. Segundo grande filósofo René Descartes “A Matemática apresenta invenções tão sutis que poderão servir não só para satisfazer os curiosos como, também para auxiliar as artes e poupar trabalho aos homens. ” Nota-se que tal pensamento é válido até os dias de hoje, sobre a matemática poupar o trabalho do homem, vemos a matemática se relaciona com diversas áreas do conhecimento, ela está definitivamente presente no nosso dia a dia, quando negociamos, construímos ou reformamos.

Conforme o Parâmetro Curricular Nacional do Ensino Médio: “A Matemática no Ensino médio tem um valor formativo, que ajuda a estruturar o pensamento e o raciocínio dedutivo, porém também desempenha um papel instrumental, pois é uma ferramenta que serve para a vida cotidiana e para muitas tarefas específicas em quase todas as atividades humanas ”. O que nos mostra que com a matemática tomamos decisões mais assertivas durante nossa vida, conseqüentemente também na nossa vida profissional.

Pensando nesses fatores, que impressionam, não somente matemáticos, mas também os leigos no assunto, neste trabalho reunimos alguns fatos históricos e descobertas interessantes que se manifestam ao longo da história, durante o estudo de alguns conceitos da matemática. Com o objetivo de mostrar que a matemática não é somente uma disciplina cheia de regras e fórmulas a serem decoradas, muito mais do que isso, em verdade, nada na Matemática foi pensado apenas para resolver uma equação. Este trabalho está dividido em duas partes, sendo a primeira destinada às discussões em torno do uso e da criação de alguns símbolos matemáticos, e como algumas cobertas desencadearam curiosidades interessantes que se aplicam em diversas áreas do conhecimento. Na segunda parte falamos um pouco sobre a história da probabilidade, como a estatística se torna algo muito importante na coleta e organização da informação, como também no estudo de dados.

DESENVOLVIMENTO

Na antiguidade a matemática que conhecemos hoje era muito diferente, pois num passado distante a humanidade não sabia contar, porém com o passar dos

tempos e com várias descobertas realizadas por inúmeros estudiosos e pessoas comuns foram sendo criados métodos de contagem, simbologias e registros da matemática que temos até hoje, contudo esses passos dados foram feitos no decorrer de muitas civilizações para encontrar as estruturas que temos na matemática e na estatística.

Eves (2011) vem nos disser que houve na matemática antiga o esforço de direcionar a ideia de encontrar grandezas, formas e os números pelos primeiros homens que habitaram a terra, assim organizar a ideia de contar e dos números. Os números, vem de acordo com registros históricos que o homem a mais de 50000 anos já tinha noção deles e da contagem, onde não é difícil de se imaginar como isso tudo aconteceu, pois mesmo nos tempos mais longínquos o homem primitivo tinha o senso numérico, assim identificando o mais básico que era o mais e o menos diante de populações onde ele conseguia observar em agrupamentos pequenos quando se acrescia ou retirava uma certa quantidade do todo, senso quantitativo esse que também é identificado em alguns animais, portanto com o passar dos tempos foram criando uma sistemática de contagem simples.

Com essa possível evolução as civilizações começaram aos poucos se diferenciando na escrita, na fala e também nas descobertas dos números e associação entre eles como nos informa Eves (2011, p. 26) nos mais remotos estágios do período de contagem vocal, usavam-se sons (palavras) diferentes para, por exemplo, *dois* carneiros e *dois* homens. (Considere, por exemplo, em português: *parelha* de cavalos, *junta* de bois, *par* de sapatos, *casal* de coelhos).

Então a medida que o tempo foi passando foram surgindo os sistemas de numeração, e em especial o nosso, que é o indo-arábico tem esse nome devido aos hindus, que o inventaram, e devido aos árabes, que o transmitiram para a Europa Ocidental. E conforme Eves(2011) a palavra algoritmo que significa “arte de calcular de uma maneira particular” e álgebra sinônimo de ciência das equações vem do matemático hindu Al-Khowarizmi.

Um ponto importante que temos que ressaltar aqui é a descoberta de onde veio a palavra dígito que é do “dedo”, pois era o instrumento que os povos antigos começaram a fazer as primeiras contas matemáticas, utilizando a contagem de 1 até 9 inicialmente.

Assim os homens utilizando os dedos como meio convenientemente não é de estranhar que o 10 acabasse sendo escolhido frequentemente o número base. Considerem-se, por exemplo, as palavras-números atuais na língua inglesa, formadas tomando-se 10 como base. Há os nomes especiais one (um), two (dois), ..., ten (dez) para os números 1, 2, 10. Quando se chega a 11 a palavra usada é eleven, que, segundo os filólogos, deriva de ein lifon, cujo significado é “um acima de dez”. Analogamente, twelve (doze) provém de twe lif (“dois acima de dez”). Depois se tem thirteen (“três e dez”) para 13, fourteen (“quatro e dez”) para 14, até nineteen (“nove e dez”) para 19. Chega-se então a twenty (two-tig, ou “dois dez”), twenty-one (“dois dez e um”) e assim por diante de acordo com Eves(2011).

Conforme Boyer (1974) que nos diz que Heródoto mantinha que a geometria se originava no Egito, pois acreditava que tinha surgido da necessidade prática de fazer novas medidas de terra após cada inundação anual no vale do rio.

Chegando agora na civilização grega com sua numeração cifrada, conhecida como jônico ou alfabético composta por 24 letras, observa-se que há algumas mais utilizadas até hoje, com uma sequência de importância 1º alpha (alfa), 2º beta, 3º gamma (gama), 4º delta, 5º épsilon, e assim por diante, e com essa sequência se chegou a creditar a alguns matemáticos essas nomenclaturas, que foram o caso de Eratostenes (beta), pois era sempre o segundo em relação a Platão, e a Apolônio de Perga, com a nomenclatura de Epsilon por estudar a lua onde tem o símbolo “ ϵ ”(Epsilon).

Segundo Eves(2011) a respeito das cônicas

Os nomes elipse, parábola e hipérbole foram introduzidos por Apolônio e foram tomados da terminologia pitagórica antiga referente a aplicação de áreas. Quando os pitagóricos aplicavam um retângulo a um segmento de reta (isto é, colocavam a base do retângulo ao longo do segmento de reta, com um vértice do retângulo sobre uma extremidade do segmento), eles diziam que se tinha um caso de “ellipsis”, “parabole” ou “hyperbole”, conforme a base do retângulo ficava aquém do segmento de reta, coincidia com ele ou o excedia. (EVES, 2011, p. 199)

Então no decorrer dos tempos vemos alguns matemáticos se destacando com contribuições numerosas e bem relevantes como é o caso Euler que deu implantação a algumas notações tais como:

$f(x)$ para funções;

e para a base dos logaritmos naturais;

a, b, c para os lados de um triângulo ABC ;

s para o semiperímetro do triângulo ABC ;

r para o raio do triângulo ABC ;

R para o circunraio do triângulo ABC ;

Σ para somatórios.

Com o declínio da matemática grega, a matemática chinesa surgiu com descobertas substanciais que provocaram uma evolução no estudo da matemática que temos hoje, pois foram eles que primeiro vieram a criar um sistema de numeração posicional decimal, obter valores precisos de π , reconhecer os números negativos, desenvolver as frações decimais, desenvolver a regra de três.

Os números de Fibonacci

Por volta do século XIII surgiu um dos matemáticos mais importantes da idade média, conhecido como Leonardo Fibonacci, nasceu na cidade de Pisa, na Itália por volta do ano de 1175, conhecido também como Leonardo de Pisa ou Leonardo Pisano. Fibonacci era filho de Guglielmo dei Bonacci, um próspero mercador. Foi portanto por conta de seu pai que surgiu o Leonardo Pisano passou a ser conhecido por Fibonacci o que seria a forma reduzida de *filius Bonacci*, ou seja, "filho de Bonacci".

Figura 8 - Leonardo Fibonacci



Fonte: Eves. H.

Na época, sua Cidade natal, Pisa, era um centro comercial muito importante e como o seu pai era um homem de negócios mercantis, Leonardo fez muitas viagens, das quais acabou se interessando pela aritmética, viajando por várias regiões onde

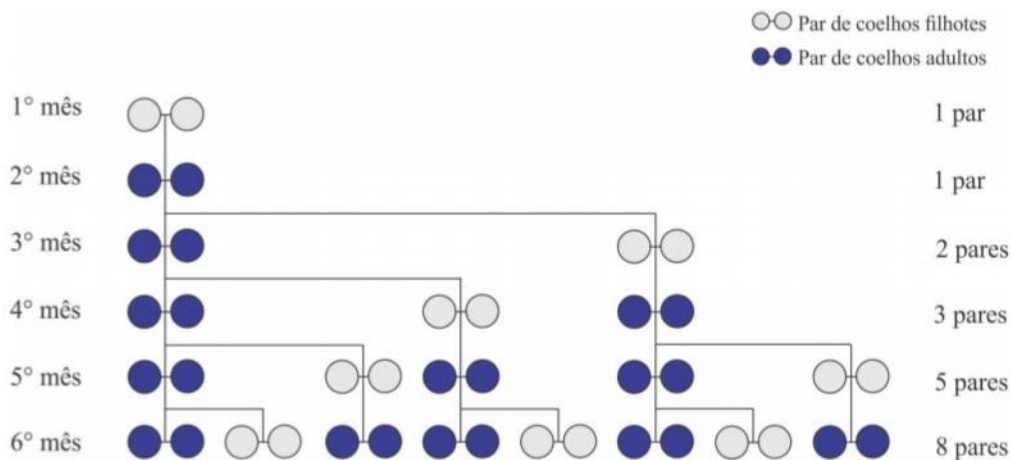
estudou outros sistemas numéricos, um deles foi o sistema numérico hindu-arábico, que acreditava ser superior ao sistema numérico romano.

Convencido dessa superioridade prática dos métodos indo-arábicos, Fibonacci, em 1202, retorna a sua terra natal, publica sua obra famosa intitulada *Liber abacci*. O resumo, livro apresenta os algarismos arábicos que utilizamos hoje em dia, mas esse trabalho também continha uma vasta coleção de problemas, um deles deu origem ao que hoje conhecemos como Sequência de Fibonacci, onde os termos da sequência são chamados números de Fibonacci.

O problema que originou a sequência de Fibonacci era o seguinte: Quantos pares de coelhos serão produzidos num ano, a partir de um único casal, onde cada casal procria a cada mês um novo casal que se torna produtivo apenas no segundo mês?

Considerando as condições do problema conseguimos chegar no seguinte esquema como mostra a figura 2.

Figura 2 – Produção de coelhos



Fonte: RAMOS, M. G. O

A partir desse esquema, podemos notar que no primeiro mês temos 1 casal de coelhos no segundo mês continuamos com o mesmo casal de coelhos, portanto novamente 1 casal de coelhos, no terceiro mês temos 2 casais de coelhos, no quarto mês, 3 casais de coelhos, no quinto mês, 5 casais de coelhos e no sexto mês 8 casais de coelhos. Formando assim a sequência que leva o nome do seu criador Fibonacci. No qual cada termo seguinte corresponde a soma dos dois anteriores. Logo denomina-se sequência de Fibonacci a sequência definida pelos números inteiros:

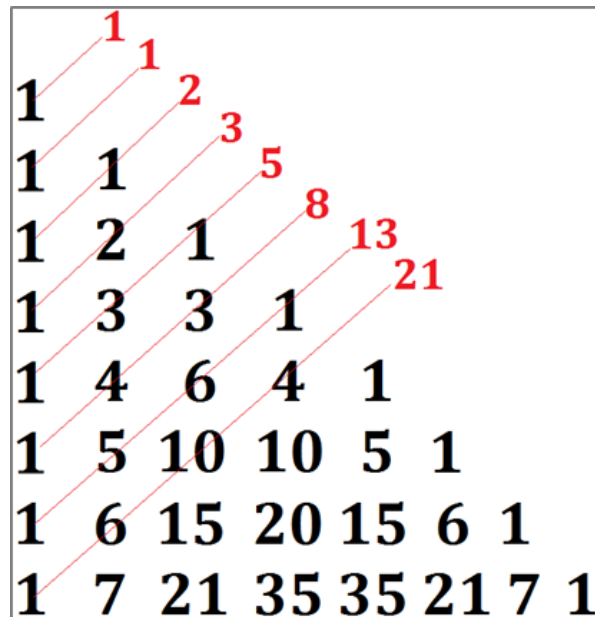
(1, 1, 2, 3, 5, 8...)

O interessante desta sequência é que ela é bastante rica em suas aplicações, possui uma relação interessante com o número de ouro, um número considerado por muitos matemáticos como um representante da harmonia e perfeição.

O número de ouro também conhecido como razão Áurea é um número irracional representado pela letra grega Φ (phi) cujo valor aproximado 1,61803398874989 e que pode ser obtida por meio da divisão de um segmento em média e extrema razão. Se dividirmos um número de Fibonacci qualquer $F(n)$ por seu antecessor $F(n - 1)$, para $n > 1$, o resultado tende a Φ à medida que n aumenta.

Outro ponto interessante onde encontramos a sequência de Fibonacci é no triângulo de Pascal, a soma dos números das diagonais é sempre o número de Fibonacci.

Figura 3 - Triângulo de Pascal



Fonte: Site Saber matemática⁴

Se somarmos um número ímpar de produtos de números de Fibonacci sucessivos, então essa soma será igual ao quadrado do último número de Fibonacci usados no produto. Por exemplo: Utilizamos os quatro primeiros números da sequência 1, 1, 2 e 3 e multiplicamos $1 \times 1 + 1 \times 2 + 2 \times 3 = 9$, que é igual ao quadrado do último número da sequência é 3, isto é $3^2 = 9$.

A sequência de Fibonacci também tem uma curiosidade relacionada com o número 11, se somarmos 10 números consecutivos quaisquer de Fibonacci o

resultado é sempre divisível por 11. Por exemplo: somando os dez primeiros números que são $1+1+2+3+5+8+13+21+34+55=143$ que é divisível por 11 ($143 : 11 = 13$).

Os números de Fibonacci também se relacionam com as triplas pitagóricas (triplas pitagóricas são os inteiros que cumprem a equação de Pitágoras $a^2 + b^2 = c^2$. Por exemplo, os números 3, 4 e 5). Essa relação foi descoberta pelo matemático Charles Raine. Tomando quaisquer quatro números consecutivos da sequência de Fibonacci, como 1, 2, 3 e 5 o produto dos termos extremos $1 \times 5 = 5$ e duas vezes o produto dos termos internos $2 \times 2 \times 3 = 12$, e a soma dos quadrados dos termos internos $2^2 + 3^2 = 13$ forma mais três pernas da tripla pitagórica 5, 12, 13 ($5^2 + 12^2 = 13^2$).

Probabilidade

A estatística é um ramo muito conhecido da matemática, ela é muito importante na coleta, organização e no estudo de dados. Além de ser utilizada em diversas áreas como a medicina, biologia e no setor financeiro. A estatística é usada para coletas de dados a muitos anos, em meados do século 3000 a.c. já existiam censos em algumas regiões como o Egito, Babilônia e principalmente na China onde já eram feitos levantamentos estatísticos.

Pelo que fala Lopes e Meirelles (2005),

Em 3000 a.C., já se realizavam censos na Babilônia, China e Egito. Há registros de que o rei chinês Yao, nessa época, mandou fazer uma verdadeira estatística agrícola e um levantamento comercial do país. (LOPES E MEIRELLES, 2005, P.1)

Outro país que sempre utilizou a estatística para a relação de censos é a Grécia que em meados do ano 3000 a.c. faziam censos sobre a agricultura da região. Um dos primeiros levantamentos estatísticos foi feito na Inglaterra. Esse levantamento foi chamado de "Doomsdays Book" e foi criado no século XI com o intuito de organizar as informações do território. No Doomsdays Book tinha a informação de todas as terras do país e os seus proprietários. Esses documentos também eram usados para calcular os impostos.

De acordo com Memória(2004)

Os balancetes do império romano, o inventário da posse de Carlos Magno, o Doomsdays Book, registro de Guilherme, o conquistador, envasou Normando da Inglaterra, no século 11, mandou levantar das propriedades rurais dos conquistados anglo-saxões para se inteirar de suas riquezas. (MEMÓRIA, 2004, P. 11).

No século XIII, a igreja havia introduzido a inscrição obrigatória de matrimônios dos nascidos e das mortes. Por isso faziam levantamentos estatísticos frequentemente.

No século XVII foram criadas tábuas para contabilizar o número de nascimento e mortes na Inglaterra. Essas tábuas eram chamadas de "tábuas de mortalidade" e foram criadas por John Graunt. Esses registros foram feitos por conta da peste negra que castigava a Europa na época.

No século XIII, na Itália, registros estatísticos foram realizados com frequência, quando a igreja introduziu a inscrição obrigatória dos matrimônios, dos nascimentos e das mortes. No século XVII, na Inglaterra, por ser uma época de epidemia de pestes, surgiram as Tábuas de Mortalidade, desenvolvidas por John Graunt (1620-1674), que consistia em muitas análises de nascimentos e mortes, de onde concluiu-se que a porcentagem de nascimentos de crianças do sexo masculino era ligeiramente superior à de crianças do sexo feminino. Por ter sido a primeira pessoa a fazer inferências estatísticas a partir da análise de dados, Graunt tornou-se importante referência na história da Estatística. (LOPES E MEIRELLES, 2005, P.2)

Algumas seguradoras ainda usam o mesmo sistema das tabuas de mortalidade que criadas por Graunt para organizar os dados e assim facilitar o seu trabalho, atualmente também são conhecidas como tabuas de vida. Essas tabuas são tabelas que são usadas principalmente para calcular a probabilidade de um indivíduo de uma certa população morrer.

Figura 1 - Breslaw Table

Age.	Per-sons.	Age.	Per-sons.	Age.	Per-sons.	Age.	Per-sons.	Age.	Per-sons.	Age.	Per-sons.	Age.	Per-sons.
1	1000	8	680	15	628	22	586	29	539	36	481	7	5517
2	855	9	670	16	622	23	579	30	531	37	472	11	4581
3	798	10	661	17	616	24	573	31	523	38	463	21	4270
4	760	11	653	18	610	25	567	32	515	39	454	28	3964
5	732	12	646	19	604	26	560	33	507	40	445	35	3604
6	710	13	640	20	598	27	553	34	499	41	436	42	3178
7	692	14	634	21	592	28	546	35	490	42	427	49	2709
												50	2194
												63	1694
43	417	50	346	57	272	64	202	71	131	78	58	70	1204
44	407	51	335	58	262	65	192	72	120	79	49	77	692
45	397	52	324	59	252	66	182	73	109	80	41	84	253
46	387	53	313	60	242	67	172	74	98	81	34	100	107
47	377	54	302	61	232	68	162	75	88	82	25		
48	367	55	292	62	222	69	152	76	78	83	23		
49	357	56	282	63	212	70	142	77	68	84	20		
													34000
													Sum Total.

Fonte: https://www.wikiwand.com/pt/T%C3%A1bua_de_mortalidade

A palavra estatística já teve diversos significados teve diversos significados que variavam de país para país, mas a palavra veio ganhar o significado que conhecemos hoje após o registro do livro "Introdução à ciência política" que aconteceu entre 1748 e 1749 pelo alemão Gottfried Achenwall.

O emprego da palavra estatística, no sentido que ela tem hoje, deve-se ao economista alemão Gottfried Achenwall que, entre 1748 e 1749, registrou em seu livro "Introdução à ciência política" a palavra alemã "statistik", que vem de "status" que, em latim, significa "estado". (LOPES E MEIRELLES, 2005, P.2)

O ensino da estatística teve início na Europa em 1660 na disciplina "Estudo da ciência do estado" Segundo Lopes e Meirelles (2005, p. 2): " Entendemos melhor essa etimologia ao olharmos para a história do ensino da Estatística que começou em 1660, na Alemanha, como estudo da ciência do Estado ".

Mesmo com toda a importância que a estatística tinha na época ela só começou a aparecer em disciplinas dos cursos que existiam na América séculos depois, quando foi introduzido em diversas disciplinas nos Estados Unidos por conta do seu uso para estudos sobre aspectos morais e intelectuais do homem.

A primeira disciplina com o nome de estatística surgiu em 1854 na França, essa disciplina fazia parte do curso "Administração e negócios estatísticos". O que desencadeou no surgimento de outro curso na Europa que foi o curso "Ciência Econômica e Estatística" que teve início cinco anos depois da disciplina como o nome estatística ter sido colocado na grade do curso francês.

Na França, em 1854, iniciou-se a primeira disciplina com o nome "Estatística", no curso "Administração e Negócios Estatísticos". No Reino Unido, foi em 1859 que se iniciou o primeiro curso "Ciência Econômica e Estatística". (LOPES E MEIRELLES, 2005, p. 2)

Esse grande avanço se deu em parte por conta da revolução francesa que havia acontecido alguns anos antes, como a estatística sempre esteve envolvido com as disciplinas de política, a área ficava mais conhecida a cada ano que passava, como ela era utilizada para analisar e descrever a situação política dos países.

A estatística teve um grande destaque no mundo acadêmico entre os anos de 1875 e 1900, mesmo sendo criticados muitas vezes pelo método que era abordada na faculdade de leis pois não existia um aprofundamento na teoria da estatística.

No fim do Século XIX aconteceu uma grande evolução da estatística pois começou a ser usado na biologia com algumas aplicações matemáticas. Segundo

Lopes e Meirelles (2005, p. 3): “Na última década do século XIX, a evolução da Estatística tomou uma nova direção no Reino Unido, pois o conceito dessa ciência proporcionou um uso mais amplo da Matemática e sua aplicação para a Biologia. ”

A estatística evoluiu gradualmente a cada ano que se passava para se torna essa área da matemática que conhecemos hoje, mas a maior evolução ocorreu na transição que ocorreu entre 1900 e 1915 que foi quando realmente surgiu uma nova visão estatística, após essa mudança a estatística precisava de técnicas de outras áreas da matemática para resolver problemas mais complicados.

CONCLUSÃO

A matemática tem diversas curiosidades em todas as suas áreas, principalmente na história onde ainda existem diversos mistérios ainda não provados. O que pode ser utilizados nas aulas para que ela fique mais lúdica, chamando a atenção dos alunos para a aula. A matemática se desenvolveu gradualmente com o passar dos anos e assim foram se desenvolvendo formulas diferentes que foram sendo estudadas e modeladas para chegar na matemática que é conhecida atualmente.

Essas curiosidades são uma parte importante da matemática, muitas delas são desconhecidas por boa parte das pessoas. Na história nós vemos uma infinidade de curiosidades na grande maioria das áreas da matemática sejam elas no seu surgimento ou durante os anos com novos estudos sobre aquele determinado conteúdo.

REFERENCIAS

BOYER, C. B., História da matemática; tradução, Elza F. Gomide. São Paulo, Edgard Blucher, Ed da Universidade de São Paulo, 1974.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf Acesso em 10 jun. 2021.

EVES, H., Introdução à história da matemática; tradução Hygino H. Domingues. 5a ed. – Campinas, sp: Editora da Unicamp, 2011.

LOPES, C. E; MEIRELLES, E. O Desenvolvimento da Probabilidade e da Estatística. In: XVIII ENCONTRO REGIONAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA – LEM/IMECC/UNICAMP, 18., 2005, Campinas. ESTOCÁSTICA NAS SÉRIES INICIAIS. Campinas: Imecc, 2005. p. 1 – 8.

MEMÓRIA, J. M. P. **Breve história da estatística** / José Maria Pompeu Memória - Brasília, DF: Embrapa informação tecnológica, 2004. 111 p.

RAMOS, M. G. O. A Sequência de Fibonacci e o Número de Ouro. 2013. 113f. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, 2013. Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201160277D.pdf&ved=2ahUKEwii9pa74M_xAhU2IbkGHRiVAAAQFjAAegQIAxAC&usg=AOvVaw1PfCnANu2YYBm-67YSQn_R . Acesso em 06 Jul. 2021

SABER MATEMÁTICA. Disponível em <https://sabermatematica.com.br/sequencia-de-fibonacci.html> acesso em 10 Jun 2021.

ZAHN, M. Sequência de Fibonacci e o Número de Ouro. 1. ed. Bagé - RS: Ciência Moderna, 2011.

WIKIWAND. Tábua de mortalidade. Disponível em: https://www.wikiwand.com/pt/T%C3%A1bua_de_mortalidade. Acesso em 05 jul. 2021.

Capítulo 5

LER PARA A CRIANÇA CRESCER

**Fabrícia Raquel de Oliveira Araújo
Juliana Nayara Brasil de Moraes
Míria Helen Ferreira de Souza**

LER PARA A CRIANÇA CRESCER

Fabrcia Raquel de Oliveira Araújo

Graduanda no curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. E-mail: fabriciaraquel@alu.uern.br

Juliana Nayara Brasil de Moraes

Graduanda no curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. E-mail: juliananayara@alu.uern.br

Míria Helen Ferreira de Souza

Professora mestre do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Coordenadora do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Orientadora do trabalho. E-mail: miriahelen@uern.br

RESUMO

Ler é uma prática que está presente desde os primórdios da humanidade e liga-se diretamente ao desenvolvimento cognitivo humano, tendo em vista que estimula diversas áreas do cérebro, além de construir o senso crítico. Quando iniciada na infância, através da contação de histórias, a leitura acarreta benefícios que transcendem por toda a vida, os quais vão desde um melhor desenvolvimento na aprendizagem à formação social das crianças. Essa pesquisa objetiva apresentar os benefícios que a leitura ocasiona no desenvolvimento da criança, a fim de disseminar essa prática na escola e no ambiente familiar, a partir de estudos realizados no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID, da Faculdade de Educação/FE da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. É uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, respaldada nos estudos teóricos de Cesar (2014), Freire (2003), Villardi (1999) e documentos legais como a Política Nacional de Alfabetização/PNA e a Base Nacional Comum Curricular/BNCC. O artigo discorre a respeito de como a contação de histórias produz o interesse pelos livros, desenvolve a imaginação e o ato de espelhar-se nos personagens, contribuindo, assim, para a formação leitora e social do indivíduo. Posteriormente, há o levante das contribuições que a ação de ler promove na Alfabetização, já que, quanto mais cedo for inserida na vida da criança, mais rica e satisfatória sua trajetória escolar será. As discussões são finalizadas com a abordagem da importância do incentivo dos pais e as funções essenciais da escola e dos professores no processo de formação leitora.

Sendo assim, a leitura, quando oportunizada logo no início da formação da criança, é crucial para o progresso escolar, pessoal e social, pois reflete benefícios por toda a vida.

Palavras-chave: Criança. Formação leitora. Leitura. PIBID.

1 ERA UMA VEZ... O INÍCIO DE TUDO

A leitura está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo humano. O ato de ler estimula diversas áreas do cérebro humano e, devido a isso, está extremamente atrelada ao bom desenvolvimento do indivíduo, trazendo como contribuições a construção do pensamento crítico, o enriquecimento do vocabulário e os múltiplos conhecimentos de mundo. Sendo assim, os benefícios que esse ato gera na vida, tanto da criança como do adulto, reverberam em todos os aspectos dessa trajetória, desde o pessoal ao profissional (LIMA, 2019).

A respeito dessa prática na infância, Cesar (2014) afirma que a partir do primeiro contato com a leitura – que se dá pela contação de histórias – a criança começa a interessar-se pelos livros e a inspirar-se nos personagens para construir o seu comportamento. Vale ressaltar que a prática da leitura no início da formação do indivíduo também garante um bom desenvolvimento escolar, que vai desde a concentração e aprendizado de novas palavras até o estímulo da imaginação e criatividade.

Para que a leitura seja desenvolvida adequadamente, é necessário que haja estímulo e mediação adequados, os quais são encontrados na escola e no ambiente familiar. Conforme está descrito na Política Nacional de Alfabetização (PNA), o incentivo à leitura que a criança recebe desde o início de sua formação (literacia emergente), produz nela o interesse por essa prática como algo prazeroso, logo, começa a realizá-la de forma autônoma. Mas, para isso acontecer, a escola deve proporcionar o contato com os livros e é necessário exercitar a leitura com os pais ou responsáveis (literacia familiar).

Ademais, a era digital residente na contemporaneidade é um dos grandes desafios para o desenvolvimento infantil. Essa nova era influi diretamente no comprometimento da criatividade, recurso crucial para a evolução humana, uma vez que reduz, na criança, a vontade de explorar a imaginação, pois os aparelhos eletrônicos já entregam tudo pronto. Dessa forma, ações que são inegáveis para a

experiência com o mundo imaginário, despertado pela leitura, são substituídas pelos recursos digitais e, assim, essa prática essencial, por vezes, tem sido secundarizada.

Pautado nisso, este trabalho visa apresentar os benefícios que a leitura acarreta no desenvolvimento da criança, mediante os aspectos da sua aprendizagem no meio escolar e familiar, e no decorrer de sua vida. Configura-se numa pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, tendo em vista que o interesse é refletir acerca de apontamentos teóricos do objeto pesquisado (GIL, 2008). Os estudos realizados pautam-se em documentos oficiais como a Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019), e autores como Botini; Farago (2014), Caldin (2003), Cardoso; Faria (2009), Cesar (2014), Chagas (2015), Failla (2020), Freire (2003), Lima (2019), Milioli; Boone (2018), Nascimento (2017), Neta; Silva (2008) e Villardi (1999), entre outros, os quais salientam a pertinência de práticas com a leitura que culminem no desenvolvimento das crianças.

O texto organiza-se em momentos interrelacionados entre si. No primeiro, discorre-se acerca das contribuições da leitura no processo alfabetizatório do sujeito. No segundo, reflete-se sobre o ato de contar histórias com o fim de promover a formação social. No terceiro momento, aborda-se a relevância do envolvimento da família e, em seguida, da escola, para o processo leitor. No final, estão dispostas as considerações acerca das aprendizagens emergentes no decurso da pesquisa.

2 LER, ALFABETIZA?

Não há registros datados de como o homem começou a prática da contação de histórias, entretanto, a origem de alguns contos infantis data-se desde a Grécia Antiga com Esopo e, anos depois, com o francês Jean de La Fontaine em forma de fábula, gênero caracterizado por dar características humanas aos animais.

Já no período conhecido por Belle Époque (início do século XX), o continente europeu ganhou movimentos de evidenciar crenças e costumes do meio rural através das narrativas de Hans Christian Andersen e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que ficaram conhecidos pelos contos de fada que ganharam adaptações feitas por Walt Disney séculos depois. Os diferentes autores e épocas citados tinham uma característica em comum: se basear em suas vivências pessoais para ensinar valores morais às crianças por meio da contação de histórias fantasiosas.

O envolvimento do sujeito com a contação de histórias pelas vias orais remete

a concepção de que foi ouvindo que a humanidade passou a ler, iniciando assim a construção de uma formação leitora autônoma e de uma própria visão de mundo criada por meio da identificação com determinados personagens, espaços, temporalidades e a aquisição de valores morais e éticos. Muito embora a constituição da moralidade não deva ser o principal motivo para aprender a ler na infância, é algo que acontece sem relativizações, pois, ao mergulhar nas entrelinhas de uma narrativa, é impossível mensurar o que será aprendido ou não. Isso dignifica a função social da leitura, a qual é

[...] facilitar ao homem compreender – e, assim, emancipar-se - dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionados pela leitura. Se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá de se concentrar na infância para atingir esse objetivo. (CALDIN, 2003, p.51)

Nesse sentido, as histórias contadas, lidas ou ouvidas, passam a ter personagens e situações que referendam uma mudança de conduta, tendo em vista os resultados de suas ações. Diante disso, as crianças em formação leitora aprendem as regras básicas para se viver em sociedade, o respeito pelas outras pessoas, além de construírem, desconstruírem e reconstruírem os saberes de uma maneira lúdica. Isso está descrito nas palavras de Cesar et. al (2014, p. 34), ao observar que

Por meio da contação de histórias, os alunos se identificam com os personagens (com as fadas, as bruxas, seus super-heróis, entre outros) e diferenciam o bem do mal, o certo do errado e nesta dinâmica vão construindo valores morais e éticos, de autoconhecimento e reflexão, ou seja, naturalmente vão sendo inseridos princípios importantes, nesta fase primordial em que estão desenvolvendo sua visão de mundo.

Diante disso, torna-se notório os resultados que a prática de ler, de forma prazerosa, traz para o desenvolvimento da criança e, portanto, faz-se necessária a presença de diversos aportes de leitura desde cedo, a fim de que esses indivíduos transformem-se em bons leitores. Favorecer o contato com a obra, permitir a criação/recriação da narrativa e sentir/viver a história nela contida, constitui a descoberta pelo gosto de ler (VILLARDI, 1999).

Nesse sentido,

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico; outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando. (LIPPI e FINK *apud* CESAR et. al., 2014, p. 35).

A analogia expressa pela autora, quando se refere a pensar a leitura como alimento, é surreal, pois, de modo figurado, ler sacia a alma sedenta por querer mais. Quando presente desde o início da formação da criança, a leitura auxilia na concentração e no interesse por aprender e reproduzir novas palavras, seja de modo falado, ouvido ou escrito. Nessa perspectiva, essa prática pode contribuir para o êxito no processo de aprender a ler, escrever e pensar, ou seja, no processo de alfabetização.

Conforme mostra um estudo realizado por Hart e Risley (1995) *apud* Ministério da Educação e Cultura - MEC (2019, p. 22) e intitulado de Efeito Mateus, quanto mais estímulo à leitura a criança recebe, mais amplo será o seu vocabulário e maior o seu interesse pelos livros, que serão vistos como algo prazeroso. Portanto, a leitura iniciada desde cedo é essencial para a construção pessoal e acadêmica dos indivíduos.

Uma estratégia para atrelar a leitura ao processo de alfabetização da criança é apresentá-la a livros com histórias que gosta de escutar e que contenham seus personagens e gênero favoritos, produzindo assim o interesse de conhecer outras histórias e novos livros. É importante salientar que esse interesse se dá pelo respeito ao gosto da criança e do acesso que ela terá com as obras. Nas palavras de Chagas (2015, p. 3),

Para aprender a ler, etapa considerada decisiva no processo de alfabetização/letramento, é preciso uma prática constante de leitura de textos diversificados. Porém, ele deve ter liberdade de escolher a leitura com a qual ele se identificou, pois sentirá mais vontade de ler (CHAGAS, 2015, p. 3).

Sob esse ponto de vista, a leitura quando conduzida de maneira inadequada pelo adulto, pode gerar desprazer às crianças. Tais atitudes, como inserir essa prática por meio de imposições de gêneros que a criança não se interessa ou veja

sentido, de acordo com sua realidade, salientam a assimilação da prática de ler como algo ruim. (MILIOLI; BOONE, 2018).

Ademais, há uma concepção errônea a respeito da formação de verdadeiros leitores. A ideia de ler apenas para decodificar palavras, sem compreender o que está escrito, não faz parte desse processo da formação leitora, pois, são necessárias a interpretação e a compreensão do que está lendo. Assim sendo, a escola possui um papel crucial, através da mediação docente, para a produção dessas capacidades nas crianças, haja vista que a ação de ler e a atribuição de sentido ao lido, alfabetizam.

Sobre isso, Cardoso; Faria (2009, s/p.) enfatizam que aspectos como “a oralidade, a espontaneidade, a socialização e a coordenação motora da criança” são aliadas do desenvolvimento da fala, da leitura e da escrita, uma vez que correspondem a uma ação humana natural iniciada no âmbito da família, onde o modo de olhar e sentir o mundo em que vivem antecede à leitura convencional trabalhada no cerne escolar, denominada pela Política Nacional de Alfabetização/PNA de literacia familiar.

2.1 NAS TRAMAS DA IMAGINAÇÃO: O ato de contar histórias

A contação de história é o primeiro contato que a criança tem com a leitura e torna-se um hábito crucial para a formação de um bom leitor, pois, é através desse momento que ela passa a conhecer os conteúdos dos livros, a vida que neles reside e, com isso, interessa-se em ler. Segundo Cardoso; Faria (2009, s/p.), este ato:

[...] é um instrumento muito importante no estímulo à leitura, ao desenvolvimento da linguagem, é um passaporte para a escrita, desperta o senso crítico e principalmente faz a criança sonhar. E os contadores de histórias são os mediadores desse processo, tendo uma tarefa muito importante que é de envolver a criança na história, dando vida aos sonhos, o despertar das emoções, transportando para o mundo da fantasia.

Cesar et. al (2014) afirma que contar histórias é uma fonte educativa que proporciona diversos aspectos positivos na criança, desde proporcionar mais conhecimento de novas palavras, a promover o desenvolvimento de sua imaginação. Em suas palavras:

Uma história bem contada é um importante estímulo para o desenvolvimento pleno das crianças, pois atua no campo cognitivo, social e emocional. Percebe-se que, quando dispõem de acesso à leitura, desenvolvem um vocabulário mais rico, são mais curiosas e criativas e articulam melhor as ideias. (CESAR et. al, 2014, p. 35).

A partir do pensamento dos autores, percebe-se que a contação de história é uma ação lúdica que desperta a curiosidade, estimula a imaginação e proporciona a vivência com diversos sentimentos e emoções, ensinando a criança a trabalhar com seus próprios conflitos emocionais. Tais revelações corroboram a ideia que “o ato de ouvir histórias é valioso para o desenvolvimento pessoal, auxilia na compreensão do mundo e a de si mesmo, expande referências e a capacidade de comunicação, estimula a criatividade e faz a imaginação fluir, emociona e causa impacto” (BRASIL, 2013, *apud* CÉSAR et al, 2014, p. 34).

A respeito da imaginação, quando o primeiro contato com a história se dá por meio de uma contação bem articulada, proporciona à criança a motivação de conhecer lugares e personagens – de acordo com a época em que o fato narrado acontece e se são fantasiosos ou não - de forma idealizada, a qual varia de acordo com a sua interpretação. Nas palavras de Cesar et. al (2014), “a partir do estímulo de narrativas bem selecionadas e adequadas à faixa etária, os educandos experimentam saudáveis reações que ampliam suas experiências de vida”. Sendo assim, o incentivo à leitura através da contação de história abre espaço para desenvolver na criança uma interpretação própria e o interesse por mais conhecimentos.

Nesse sentido, retoma-se a reflexão de Cardoso; Faria (2009), citada anteriormente, quando destacam a mediação leitora assumida pelos contadores de histórias. Em sua fala, os autores assentam que são eles os sujeitos responsáveis em mostrar criativamente as especificidades dos elementos que constituem a história, com o intuito de enlaçar o ouvinte à trama literária e, com isso, dispor-se a mergulhar no mundo inimaginável, que só existe no universo da leitura.

2.2 LITERACIA FAMILIAR: Formar-se leitor começa em casa

A respeito do processo de formação do indivíduo, é evidente a importância que o ambiente familiar possui, visto que esta é sua primeira instituição social de contato. Sendo assim, o processo de incentivo à leitura deve ser realizado por pais

ou responsáveis da criança, antes mesmo dela ingressar na escola, pois é através desses adultos que ela vai ouvir histórias pela primeira vez, ter contato com os mais diversos aportes literários e, assim, interessar-se por eles. Conforme afirma Neta; Silva (2014, p. 62): “É importante que a família tenha consciência que é na primeira infância que a criança obtém os principais vínculos necessários para o seu desenvolvimento”. Sendo assim, a literacia familiar é uma ação crucial no despertar que a criança vai adquirir pelos livros.

A PNA destaca que a literacia familiar compreende um conjunto de práticas e experiências com a linguagem, a leitura e o processo de escrita, recorrentes no ambiente familiar (BRASIL, 2019). Práticas simples que constituem a literacia familiar, como a narração de história, marcam a criança de modo que sente-se motivada a aprender a ler e escrever construindo, assim, seu gosto literário. Assim sendo, faz-se necessário que os pais adquiram a consciência que são responsáveis por esses primeiros passos tão cruciais na trajetória de um futuro leitor e desenvolvam esses hábitos no âmbito familiar, com a finalidade de não só contribuir na evolução desses, mas também para o fortalecimento do próprio vínculo familiar. De acordo com Raimundo (2007) *apud* Botini; Farago (2014, p. 50):

Dentro do seio familiar a leitura é mais leve, prazerosa, criando um vínculo maior entre pais e filhos, num primeiro momento com a observação das ilustrações dos livros lidos pelos pais, com a audição de cantigas de ninar, de histórias para dormir, até que a criança se sinta com vontade de retribuir e contar ou ler suas próprias histórias.

Portanto, é de suma importância que os pais ou responsáveis entendam que são os responsáveis em inserir a prática da leitura, pois a introdução desse ato está estritamente ligado ao ambiente familiar e não ao ambiente escolar, como muitos ainda têm em mente.

2.3 FORMAR-SE LEITOR NO AMBIENTE DA ESCOLA

A escola é um espaço social e cultural propício à formação do leitor, uma vez que, ao adentrá-la, a criança passa a perceber, de modo mais estruturado, as diversas áreas do conhecimento e os diversos tipos de leitura. Na contramão disso,

algumas pesquisas, como a Retratos da Leitura no Brasil⁵, têm sinalizado que a instituição escolar é sentida como o ambiente em que o aluno mais associa o exercício da leitura a algo desagradável e enfadonho.

Voltando ao exemplo do Efeito Mateus (HART e RISLEY, 1995), evidencia-se o fato de que a falta de incentivo à leitura faz com que a criança veja essa prática como algo tedioso, pois, por vezes, é obrigada a fazer isso na escola unicamente para cumprir atividades curriculares. No entanto, é preciso esclarecer que isso não é uma regra, pois, há o docente leitor que se configura no articulador do gosto pela leitura. A preocupação incide quando, no cenário escolar, o docente mediador de leitura não tem prazer em ler, por isso, não possui competência para ensinar tal habilidade, levando-o a pensar na leitura como suplemento para o aprendizado de conteúdos meramente técnicos.

A estratégia de ofertar a leitura como algo prazeroso no cotidiano escolar, faz com que o aluno adote-a espontaneamente em sua vida extracurricular. Portanto, a utilização de atividades lúdicas associadas à leitura, como jogos e brincadeiras, auxiliam a despertar o interesse pelo teor do livro e compreender o que está ao redor, ou seja, aquilo que está posto como conteúdo didático ovacionado pela escola. Nascimento (2017, p. 20) afirma:

Além do mais, pode-se utilizar as paredes da escola para se afixar diferentes textos, criar uma estante de livros na sala de aula e implementar diversas atividades, como: recontação das histórias lidas pela turma e debate posterior. Essas dinâmicas não precisam ser avaliadas formalmente, apenas ter o intuito de estabelecer um vínculo com a literatura e um momento de descontração.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em suas 5ª edição, aponta que um dos principais contatos da criança com a leitura no ambiente escolar se dá pela presença de uma biblioteca, pois, nesse local é possível um maior contato com os livros, e a variedades destes proporciona o acesso a diferentes gêneros literários, inclusive, os da preferência do aluno (FAILLA, 2020). A presença viva desse espaço nas escolas é fundamental para despertar nas crianças a curiosidade pelos livros e, por meio desse sentimento, gerar o gosto de ler, percebendo-o como um momento

⁵ A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é um dos principais estudos sobre o comportamento leitor no país e tem subsidiado as políticas de leitura e formação leitora em âmbito nacional. Os dados estão disponíveis em: <http://plataforma.prolivro.org.br>

descontraído e sem obrigação. Logo, a biblioteca deve ser um acervo de livros e um local onde o aluno possa realizar suas práticas de leitura de maneira autônoma, livre e divertida.

Entretanto, a associação errônea de que este espaço está diretamente atrelado a mesma maneira de ler que se configura na sala de aula, faz com que a criança veja a leitura como uma atividade obrigatória que deve ser realizada apenas pela recomendação dos professores. Nascimento (2017) alega que isso dar-se pelo fato de que a maioria dos professores levam as turmas para as bibliotecas unicamente para realizar tarefas de cunho curricular, acentuando a criação da concepção de que ler na escola é obrigatório. Diante disso, vale ressaltar que

Se à escola foi dado o objetivo de formar leitores, o professor é o principal executor desse projeto, e dele será o dever de apresentar o mundo da leitura ao aluno. A maneira como o professor realizar essa tarefa será decisiva para despertar ou não o interesse pela leitura (BOTINI; FAGARO, 2013, p. 46).

Por esse ângulo, aos professores cabe a responsabilidade da inserção da leitura na educação infantil escolar e, por isso, possuem uma função decisiva nessa trajetória. Ademais, devem incentivar a leitura literária desvinculando-a de uma ação afeita ao aprendizado das matérias curriculares, de caráter obrigatório e restrito à sala de aula. Logo, o interesse pelos livros deve ser incentivado como algo distante da monopolização dos professores, para que os alunos tenham a liberdade de ler os gêneros de sua preferência e desfrutem a leitura como algo prazeroso (NASCIMENTO, 2017).

Tratada nessa ótica, a leitura ultrapassa a condição de artifício utilizado para representar respostas prontas no texto e a escola reafirma-se como um ambiente em que a formação leitora acontece de modo natural, pois, como já afirmou Freire (1981, p. 9); "A leitura do mundo precede a leitura da palavra".

3. ÚLTIMAS PALAVRAS...

No decorrer deste artigo, observou-se o quanto a leitura é imprescindível para o desenvolvimento do sujeito, desde a sua formação social até o seu progresso acadêmico. Quando iniciada na infância, por meio da contação de história, essa prática contribui no processo de alfabetização, bem como proporciona o interesse

pelos livros ao longo de toda a sua vida. Vale salientar que nesse processo, o papel dos pais é crucial para definir se a formação leitora terá êxito ou não, uma vez que o incentivo à ler deve-se fazer presente antes mesmo dos anos escolares.

Esse estudo almejou tecer uma discussão prévia acerca da importância da existência de uma formação leitora, a qual faz-se necessária para um melhor desenvolvimento da criança. Nessa perspectiva, o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) contribuiu na apresentação aos estudantes da pertinência dessa prática, através do estudo de programas governamentais, como a Política Nacional de Alfabetização (PNA) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Diante do que fora apresentado, conclui-se que a formação leitora, prática crucial para uma boa formação em todos os aspectos do desenvolvimento da criança, dá-se através do incentivo recebido nos ambientes familiar e escolar, desde a contação de histórias, por meio da oralidade, até o incentivo à leitura autônoma dos sujeitos. Para tanto, essas duas bases que embasam a prática da leitura devem tornar conscientes suas responsabilidades nesse processo. Dessa forma, o crescimento intelectual, iniciado na infância, irá se perpetuar por toda a vida, dentro e fora do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BOTINI Gleise Aparecida Lenhaverde. FARAGO. Alessandra Corrêa. Formação do leitor: papel da família e da escola. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro - São Paulo, 1 (1): 44-57, 2014. Acesso em: 27 de maio de 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **PNA: Política Nacional de Alfabetização**. Brasília, MEC, SEALF, 2019b. 54 p.

CALDIN, Clarice. **A Função Social da Leitura da Literatura Infantil**. Santa Catarina: Florianópolis, p. 47-58. 2003. Acesso em: 19 de maio de 2021.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches; FARIA, Moacir Alves de. **A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil**. FAC/São Roque, 2009. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://docs.uninove.br/artef/ac/publicacoes/pdf/v6-2016/artigo-ana-lucia-sanches.pdf> Acesso em: 19 de maio de 2021.

CESAR, Cintia et. al. As Contribuições da Contação de Histórias como Incentivo à Leitura na Educação Infantil. **Revista Interação**, n. 2, 2º Semestre, 2014.

CHAGAS, Adriana M. das Virgens. **A leitura e o processo de alfabetização e letramento**. Faculdades Integradas de Aracruz,

2015. Disponível em:
http://www.faacz.com.br/portal/conteudo/iniciacao_cientifica/programa_de_iniciacao_cientifica/2015/anais/a_leitura_e_o_processo_de_alfabetizacao_e_letramento.pdf
Acesso em: 19 de maio de 2021.

FAILLA, Zoara. (Org.). **Retratos da leitura do Brasil 5**. São Paulo: Sextante, 2020. Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br> Acesso em: 06 de Julho de 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortêz, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 6. Ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Cleide. **A Importância da Leitura**. Educa Mais Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/a-importancia-da-leitura> Acesso em: 25 de maio de 2021.

MILIOLI Lorena dos Santos. BOONE Maruza B. **A Importância da Leitura no Processo de Alfabetização nas Séries Iniciais**. Faculdade Multivix, Cariacica - Espírito Santo, 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/importancia-da-leitura-no-processo-de-alfabetizacao-nas-series-iniciais.pdf> Acesso em: 25 de maio de 2021.

NASCIMENTO, Suzana Camarinha Sobral do. **TECENDO E ENTRETECENDO LEITURAS**: O papel da escola na formação de novos leitores. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-Unirio. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:
<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/SuzanaCamarinhaSobraldoNascimento.pdf> Acesso em: 27 de maio de 2021.

NETA, Emília Santana Vieira. SILVA, Débora Regina Machado Silva. A importância da família na alfabetização da criança. **Revista Interação**, n. 2, 2º Semestre, 2014

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro. Qualitymark, 1999.

Capítulo 6

**LETRAMENTO LITERÁRIO: A
LITERATURA AFRO-
BRASILEIRA FEMININA EM
SALA DE AULA**

**Andressa Almeida dos Santos
Cássia da Silva**

LETRAMENTO LITERÁRIO: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA FEMININA EM SALA DE AULA

Andressa Almeida dos Santos⁶

Professora da educação básica da rede pública do estado do Ceará. Graduada em Letras pela universidade regional, bolsista do programa de iniciação científica PIBIC/FUNCAP, andressa.almeida@urca.br

Cássia da Silva⁷

Superintendente Escolar da 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (19ª CREDE/CE), professora de Literatura da URCA/Campus Missão Velha. Coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea - GLICON da URCA/MV. Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), cassia.silva@urca.br

RESUMO: É indiscutível que estamos diariamente em contato com a herança cultural africana, trazida por africanos escravizados ao nosso país; dentre comidas, danças, músicas e costumes, herdamos também um forte senso de ancestralidade que se faz cada dia mais presente na essência da diáspora negra brasileira. Essa ancestralidade se manifesta de diversas formas, podendo ser através de imagens, sons, crenças religiosas e por meio da literatura. Visto isso, e amparadas pela lei 10.639/2003 – que torna obrigatório o ensino de cultura e história africana e afro-brasileira nas escolas de educação básica brasileira – decidimos levar por meio da literatura a figura e os escritos de escritoras afro-brasileiras para sala de aula visando desenvolver, para além, das habilidades de compreensão leitora dos alunos, trazer para debate pautas que sobressaem o literário. Posto isto, O presente trabalho é resultado de parte das atividades realizadas dentro da pesquisa da bolsa de iniciação científica partir do segundo bimestre do ano de dois mil e vinte um e apresenta uma estratégia didática para a promoção do letramento literário voltado para obras de autoria afro-brasileira e feminina. Para tal optamos por trabalhar com uma sequência básica de letramento literário proposta por COSSON (2014), a qual é dividida em quatro etapas sendo: motivação, introdução, leitura e interpretação. Como base literária trabalhamos com poemas e contos de escritoras brasileira, moçambicana e cabo-verdiana, sendo os textos respectivamente o conto *Olhos D'água* e o poema *Vozes Mulheres* de Evaristo de Conceição Evaristo, o conto *Campeão de coisa nenhuma* de Dina Salústio, e poema *Súplica* de Noémia de Sousa. As atividades foram desenvolvidas com estudantes de sétimos anos da Escola de Ensino Fundamental Filemon Teles e alunos

⁶ Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri – URCA. andressa.almeida@urca.br

⁷ Doutora em Letras Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Cassia.silva@urca.br

dos terceiros anos na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral André Cartaxo, ambas localizadas na cidade de Mauriti-CE.

Palavras-chave: Letramento Literário. Literatura afro-brasileira. Educação Básica.

ABSTRACT: It is indisputable that we are daily in contact with the African cultural heritage, brought by enslaved Africans to our country; among food, dances, music, and customs, we also inherit a strong sense of ancestry that is increasingly present in the essence of the black diaspora Brazilian. this ancestry manifests itself in different ways, which can be through images, music, religious beliefs and through literature. In view of this, and supported by law 10.639/2003 - which makes the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture mandatory in Brazilian basic education schools - we decided to bring the figure and writings of Afro-Brazilian writers to the classroom through literature. class aiming to develop, in addition to the students' reading comprehension skills, to bring to debate topics that stand out from the literary. That said, The present work is the result of part of the activities carried out within the research of the scientific initiation scholarship from the second quarter of the year two thousand and twenty one and presents a didactic strategy for the promotion of literary literacy focused on works of Afro authorship. - Brazilian and female. For this, we chose to work with a basic sequence of literary literacy proposed by COSSON (2014), which is divided into four stages: motivation, introduction, reading and interpretation. As a literary basis, we work with poems and short stories by Brazilian, Mozambican and Cape Verdean writers, the texts being respectively the short story *Olhos D'água* and the poem *Vozes Mulheres* by Evaristo by Conceição Evaristo, the short story *Campeão de coisa nenhuma* by Dina Salústio, and poem *Súplica* by Noémia de Sousa. The activities were carried out with seventh-year students from the Filemon Teles Elementary School and third-year at the High School André Cartaxo, both located in the city of Mauriti-CE.

Keywords: Literary Literacy. Afro-Brazilian literature. Basic education.

INTRODUÇÃO

Partindo do desejo de, para além da literatura trabalhada em sala de aula, apresentar aos alunos obras e autores que estão fora do cânone nacional, que é majoritariamente masculino, europeu e branco, surgiu o desejo de levar para o cerne da sala da aula uma referência de literatura afro-diaspórica, feminina e preta para ser discutidas com os alunos.

Visto isso, embasadas pela lei 10.639/03 que prevê o ensino obrigatório de história e cultura afro-brasileira em sala de aula, optamos por trabalhar com a sequência básica de Letramento Literário proposta por Cosson (2014) tendo como base literária contos e poemas de autoras como Conceição Evaristo, Dina Salústio e Noémia de Sousa. O recorte aqui feito contempla quatro aulas ministradas em duas escolas da cidade de Mauriti-Ce, sendo a primeira a Escola de Ensino Fundamental Filemon Teles, onde as aulas ocorreram no mês de setembro de 2021, de forma

remota devido à pandemia de *covid-19*; e a segunda, a E.E.M.T.I André Cartaxo, onde as aulas foram ministradas no mês de outubro de forma presencial seguindo todos os protocolos de segurança.

DESENVOLVIMENTO

Como foi apresentado na seção anterior, o presente trabalho é resultado da prática em sala de aula que buscou levar para o ambiente escolar a produção literária de escritoras e afro-brasileiras visando apresentá-las, assim como seus escritos, aos alunos das escolas em que atuamos; buscando, além do desenvolvimento das habilidades de compreensão leitora dos alunos, trazer para discussão pautas que sobressaem o literário dando espaço para abordar desde a ancestralidade até os processos de formação da identidade masculina; indo da poética Evaristiana ao fazer poético de Noémia de Sousa. Para isso, amparadas pela lei 10.639/2003 (que torna obrigatório o ensino de cultura e história africana e afro-brasileira nas escolas de educação básica brasileira) optamos por trabalhar com contos e poemas, visto que, por serem textos menores, a abordagem destes em sala de aula se daria de forma mais dinâmica.

Posto isto, optamos por trabalhar com os contos *Olhos D'água* de Conceição Evaristo, *Campeão de coisa nenhuma* de Diná Salústio e com os poemas *Vozes mulheres* também da Conceição Evaristo e *Súplica* de Noémia de Sousa. Para tal, utilizamos de uma sequência básica (COSSON, 2014) adaptada ao conteúdo programático como plano norteador para o ensino da literatura. A sequência já citada é dividida em quatro etapas sendo elas: Motivação, introdução, leitura e interpretação.

O recorte aqui feito contempla um total de quatro aulas, sendo duas aplicadas nas turmas de segundo ano do ensino médio da E.E.M.T.I André Cartaxo e outras duas ministradas nas turmas de 7º ano da Escola de Ensino Fundamental Filemon Teles.

A primeira obra abordada com os alunos do sétimo ano do fundamental foi o conto *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo, nesta aula optamos por trabalhar com a temática da ancestralidade presente no texto, para tal utilizamos a seguinte sequência como plano norteador:

- I. Motivação: Apresentação do Adinkra Sankofa e do ditado relacionado a ele, visando a instigar a curiosidade do discente e começarmos a adentrar na questão da ancestralidade presente no conto.

- II. Introdução: apresentação do livro *Olhos D'água* (2014) para os alunos e traços relevantes sobre a escrita e atuação da autora.
- III. Leitura: Inicialmente foi feita uma leitura prévia, individual e silenciosa por cada aluno, depois foi feita uma leitura coletiva e em voz alta, promovendo pausas estratégicas em determinados momentos para comentários relevantes sobre o parágrafo ou trecho lido.
- IV. Interpretação: Os alunos, por meio do microfone ou via *chat* do *Google Meet*, expuseram suas interpretações da obra abordada e foi percebido que a ancestralidade, a relação do elemento água como orixá Oxum e a simbologia por trás da figura dos olhos d'água tão recorrente ao longo da obra foi um dado recorrente em todas as interpretações que tivemos como resposta. O fazer literário de Evaristo também foi uma pauta recorrente nas interpretações, mais especificamente a forma como ela descreve temas e situações extremamente difíceis e violentas de forma sutil e poética.

A segunda aula com a turma foi voltada para o poema *Vozes mulheres* também da Conceição Evaristo e seguindo as etapas da sequência básica:

- I. A motivação: realização de uma dinâmica sobre matemática ancestral com alguns alunos a fim de prepará-los para a receberem o poema.
- II. A introdução: apresentar, para os alunos, o livro *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017) e traços relevantes sobre a escrita e atuação de Conceição Evaristo.
- III. A leitura: Foi solicitado que, inicialmente, os alunos fizessem uma leitura silenciosa, e a posteriori fizessem uma leitura em voz, promovendo pausas em cada estrofe para que fossem feitos comentários referentes ao verso ou à estrofe lida.
- IV. Interpretação: O momento de interpretação ocorreu de forma a deixar o aluno totalmente livre para expor o que tinha entendido do poema, nossa participação nesse momento deu-se apenas de modo a auxiliar e complementar algumas informações referentes às respostas dos alunos.

Com os alunos de ensino médio da escola André Cartaxo, decidimos por trabalhar com obras de escritoras de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) na tentativa de apresentá-los e aproximá-los das literaturas africanas de língua portuguesa, para tal optamos por trabalhar com *“Mornas eram as noites”* (1994)

da autora Dina Salústio, mais precisamente o conto *Campeão de coisa nenhuma* e com o poema *Súplica* de Noémia de Sousa.

Na aula reservada ao conto de Dina Salústio, também foi feito uso da sequencia básica proposta e adaptada.

- I. **Motivação:** A aula teve início com uma breve abordagem histórico-geográfica dos países que falam a língua portuguesa ao redor do mundo dando ênfase aos países do continente africano, mais especificamente, Cabo Verde, país da Dina Salústio, que seria o tema da aula do dia.
- II. **Introdução:** A introdução consistiu na apresentação do livro *Mornas eram as noites* (1994) e da escritora Dina Salústio, para tal utilizamos de recursos midiáticos como slides e vídeos.
- III. **Leitura:** Em primeiro momento foi feita uma leitura silenciosa e individual e posteriormente uma leitura coletiva com pausas em trechos e parágrafos para a discussão.
- IV. **Interpretação:** O momento de interpretação aconteceu de forma simultânea com a leitura e foi destacada majoritariamente por alunos a forma de como a sociedade condiciona a construção de uma identidade masculina ideal e como esta é apresentada e desconstruída ao longo do texto. A interpretação ocorreu de forma a mesclar trechos do conto com relatos pessoais e os distintos pontos de vista da turma.

Continuando o estudo sobre as literaturas africanas de língua portuguesa trabalhamos também com o poema *Súplica* da Noémia de Sousa, tal qual foi feito quando tratamos da literatura cabo-verdiana, também iniciamos a aula com uma abordagem histórico-geográfica de Moçambique, passando pelo processo de ocupação portuguesa até a independência. Feita a contextualização ocorreu a aplicação de sequência elaborada.

- I. **Motivação:** Como motivação foi apresentado um vídeo do cantor Emicida durante apresentação da música “Mufete” – que tem como prólogo o poema de Noémia de Sousa.
- II. **Introdução:** A introdução consistiu na apresentação da autora, suas obras e importância literária para Moçambique.
- III. **Leitura:** A leitura seguiu dinâmica das sequências anteriores, primeiro fazendo uma leitura silenciosa e posteriormente uma leitura em grupo fazendo pausas

para pesquisar o significado de palavras no poema que os alunos não conheciam.

- IV. **Interpretação:** Após a leitura, abrimos para um momento de conversa em que os alunos pudessem expor suas interpretações acerca do texto e assim o fizeram. O fato de as heranças culturais de um país – no poema representado pela música – permanecerem cravados na identidade de seu povo mesmo que ainda distantes da terra natal foi um dado recorrente em todas as respostas.

CONCLUSÃO

Por fim, ao avaliar pela execução e o retorno positivo tanto de alunos como de professores das escolas em que trabalhamos, fica evidente que a proposta inicial de apresentar a literatura afro-brasileira em sala de aula alicerçada na sequência básica, proposta por Cosson (2014), foi bem sucedida. Mesmo com o formato remoto – caso da escola Filemon Teles – impossibilitando um contato mais próximo com as turmas, o retorno dos alunos às etapas da sequência foi muito satisfatório e atendeu a nossa proposta inicial de levar para a sala de aula textos literários de autoria feminina e negra e discuti-los com os discentes. Esperamos que os docentes percebam aqui como as etapas da sequência básica, quando contextualizadas a vivências dinâmicas dos educandos, (re)ativam sentimentos que somente o contato com a literatura pode proporcionar. Assim, uma abordagem didática, planejada em prol do letramento literário, pode ser motivadora e ao mesmo tempo humanizadora (CANDIDO, 1995) num contexto de ensino público onde ainda há contrariedades e dúvidas sobre o porquê e o que se ensinar quando se fala em texto literário.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei 10.639** de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In **Vários escritos**. 3. ed. Revista ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- EMICIDA. Súplica/Mufete – sesc Pinheiros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-vVyHLqEU>. Acessado em: 18 nov 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

SALÚSTIO, Diná. **Mornas eram as noites**. 2ª edição. São Paulo: Nandyala, 2002.

SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. São Paulo: Kapulana, 2016.

Capítulo 7

**OS DESAFIOS DOS SURDOS
NO SÉCULO XX: ENTRE
PERCALÇOS E CONQUISTAS**

**Cleidianne Costa da Silva
Elisberta de Oliveira Araujo
Jéssica Girlaine Guimarães Leal**

OS DESAFIOS DOS SURDOS NO SÉCULO XX: ENTRE PERCALÇOS E CONQUISTAS

Cleidianne Costa da Silva

Discente do curso de Licenciatura Plena em Letras/LIBRAS pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - Caraúbas/RN. E-mail: cleidianne2019@gmail.com

Elisberta de Oliveira Araujo

Discente do curso de Licenciatura Plena em Letras/LIBRAS pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - Caraúbas/RN. E-mail: elisberta28oliveira@gmail.com

Jéssica Girlaine Guimarães Leal

Mestra em Ciências da Linguagem - PPCL/ UERN, Licenciada e bacharel em Letras Libras. Docente no Curso de Licenciatura Plena em Letras/LIBRAS na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - Caraúbas/RN. E-mail: jessicagirlaineifpb@gmail.com

Resumo: A sociedade vem passando por uma multiplicidade de transformações das mais diversas ordens, mas ainda nos dias atuais, os surdos enfrentam várias dificuldades. Esses entraves não são de hoje, vem atravessando a história, na antiguidade as pessoas surdas eram vistas como seres incapazes de pensar ou agir, viviam excluídos da sociedade, passavam por torturas, tendo até suas vidas ceifadas, percorrendo um longo caminho para que hoje possa gozar de plenos direitos como cidadãos. Neste artigo objetivamos fazer um resgate da trajetória dos surdos desde a antiguidade até a contemporaneidade, destacando pontos relevantes e apresentando os percalços e as conquistas das múltiplas conquistas que os surdos vêm obtendo até a atualidade. A metodologia nesta pesquisa é de cunho bibliográfico, contamos como aporte teórico com Skliar (2016), Strobel (2015), Goldfeld (2000), que contribuíram de forma significativa para elaboração deste trabalho. Os resultados apontam que os surdos, cada dia mais tem intensificado sua luta árdua por espaços dentro sociedade, reconhecemos que muito já foi conquistado, porém a luta ainda continua em prol de pautas que tangenciam sobre igualdade social, políticas linguísticas e educacionais para que sejam legitimados, e assim de fato consigam ser incluídos ao invés de serem inseridos dentro do meio social como vem comumente ocorrendo.

Palavras-chave: História; Educação; LIBRAS; Inclusão.

THE CHALLENGES OF THE DEAF IN THE 20TH CENTURY: BETWEEN OBSTACLES AND ACHIEVEMENTS.

Abstract: Society has been going through many transformations of the most diverse orders, but nowadays, deaf people face several difficulties. This trouble is not a new thing, has been happening since ancient times, where deaf people were seen as people that cannot think or act they lived excluded from society. In addition, they were tortured, and many times their life did not worth anything. It was difficult for them to conquer their rights to live like citizens. In this research paper, the aim is to rescue the trajectory of the deaf from antiquity to contemporaneity, showing relevant points and presenting obstacles and achievements of many achievements that the deaf people have been getting until today. This study is research with bibliographic nature and based on the theoretical contributions of Skliar (2016), Strobel (2015), Goldfeld (2000). In addition, our results show that deaf people day by day are fighting for their rights, and is not easy to get space in society. We know that some rights were conquered, but the fight keeps on to achieve more rights that bring more benefits to the deaf population like social equality, language, and educational policies, all these things need to be legitimized. Moreover, they need to be included instead of being inserted into the social environment as is commonly happening.

Keywords: History; Education; LIBRAS; Inclusion.

1 Introdução

O presente trabalho é oriundo a partir da disciplina de História e Cultura Surda do Curso de Licenciatura Plena em Letras Libras na Universidade Federal do Semiárido Rural-UFERSA Campus Caraúbas situada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, onde somos alunos como também fazemos parte da comunidade surda, aceitamos o desafio, numa tentativa de buscar desvendar tudo que o há por trás da história do povo surdo, elencando os desafios que as pessoas surdas ainda enfrentam em pleno século XXI.

Sabemos que as pessoas surdas sofreram vários tipos de preconceitos, havendo várias barreiras e direitos que lhes foram negados na sociedade, com passar dos tempos foram mudando os olhares do meio social sobre as pessoas surdas, porém o preconceito persiste em pleno século XXI, onde alguns indivíduos dentro da sociedade vê que os surdos como inúteis, fracassados, doentes, "anormais" e não dão oportunidade de emprego a esses indivíduos, como também não tem direito a tradutores intérpretes em locais públicos, a falta de comunicação com a população majoritária é um fator preocupante e acaso eles apresentem dúvida grupo de pessoas que dominam a Libras é bastante restrito. Por termos uma população majoritária ouvinte, monolíngue e a língua de sinais pertencentes a uma comunidade minoria,

entendemos a extrema importância que haja tradutores intérpretes de Libras em locais públicos para auxiliar o sujeito surdo e permitir acessibilidade linguística. Há quem julgue ou quem acredite que os surdos já conseguiram tudo o que eles almejam ou consideram que pelo simples fato deles estarem no meio social como indivíduos em alguns pontos eles estão inseridos.

Ainda sobre isso, percebemos que na legislação os direitos já se encontram bem delineados, porém na prática sua efetividade tem deixado muito a desejar, sabemos que a educação é direito basilar na educação do sujeito surdo. No contexto educacional deve haver um tripé colaborativo - professor, TILSP e aluno surdo - para educação desse sujeito, porém a realidade que observamos evidencia que nem todas as escolas do ensino fundamental tem contado com a presença do tradutor intérprete em sala. Os TILSP são profissionais que percebemos sua expressiva presença a partir do ensino médio até a graduação, nos deixando preocupados e reflexivos com os períodos escolares antecedentes. Sentimos de maneira geral uma falta de sensibilização por parte do poder público para questões que envolvem o sujeito surdo e garantia de direitos que visem sua plena cidadania. Sendo assim, nos questionamos será que os Surdos estão sendo inseridos ou incluídos dentro da sociedade? Esses são alguns pontos que nos levam a investigar e que movem esta pesquisa.

Este trabalho artigo está dividido em três tópicos. O primeiro capítulo descreve o surdo da antiguidade até a idade média relatando sobre o sofrimento do sujeito surdo diante da sociedade, as dificuldades na comunicação, direitos negados, e os possíveis educadores que ao longo do tempo auxiliaram e colaboraram com a educação de surdos em diferentes países. No segundo capítulo, iremos discorrer sobre o surdo na contemporaneidade, mostrando os possíveis avanços e alguns contrapostos perante a comunidade surda, o terceiro percorremos os desafios e conquistas na educação de surdos, mostrando os avanços, e conquistas que os surdos vêm tendo dentro da sociedade. Quando falamos dos entraves não podemos nos esquecer de discorrer sobre esse cenário pandêmico atípico que estamos vivenciando, em virtude da Covid 19, iniciado desde de meados de março de 2020 e com as medidas restritivas de isolamento com vista a contenção da disseminação do vírus. Todo esse cenário mudou as formas como vinha fazendo-se educação e requerendo novos recursos, com isto, alguns alunos ficaram sem estudar por diversos fatores, principalmente de ordem econômica, por falta de condições de compra de aparelhos tecnológicos.

Por fim, trazemos nossas considerações buscando responder às questões que

movem esse trabalho, buscando compreender como vem se dando a forma de inclusão desse sujeito na sociedade e se estão alinhando-se com os anseios desses sujeitos.

2 O surdo na antiguidade

Na antiguidade o cenário desses indivíduos era de extrema tristeza e crueldade, naquela época os surdos eram pessoas desprovidas de qualquer direito como ser humano, inclusive suas próprias vidas viviam em risco. Muitos eram lançados ao mar, feitos de escravos e submetidos a castigos impiedosos. Neste período, por eles não conseguiam se expressar por meio da língua oral eram considerados como loucos, isolados em abrigos, porque na visão da sociedade eles eram vistos como “anormais”, por isso que eles não podiam ter uma educação. Essa ideia se sustentava no seguinte pressuposto de Aristóteles “considerava os surdos também mudos, e acreditava que a linguagem dava condição de humano para o indivíduo, sendo o surdo considerado não-humano se não tivesse a linguagem”. (BEGROW, 2010)

Os indivíduos surdos naquele período não tinham protagonismo diante da sociedade, e eram vistos de acordo com a sociedade ao qual estavam inseridos, isto é, eram vistos por meio de diferentes olhares perante a sociedade dentre diferentes países. Apresentamos-lhes um breve relato sobre os diferentes olhares que a população tinha sobre o povo surdo.

Na Grécia e na Roma consideravam os surdos como pessoas incompetentes, eles não poderiam conviver dentro da sociedade como pessoas normais, diante disto eles não conseguiriam ler e escrever se eles não sabiam falar, mas esse papel eles não assumiram dentro da sociedade pelo fato de não serem considerados capazes, o indivíduo só era representado no meio social se ele falasse, como eles não poderiam falar não tinham voz ativa.

No Egito o sujeito surdo era visto como se fosse Deuses eles eram adorados pela população, pois eles achavam que as pessoas surdas serviriam de mediadores entre os deuses e os faraós, passando a serem respeitados pelo povo Egípcio. A visão da população egípcias há uma diferença entre os gregos e romanos, enquanto os egípcios respeitavam e eram adorados por todos, já os gregos e romanos eram discriminados e não deixavam exercer nenhum tipo de cidadania dentro da sociedade por serem incapazes e chegavam até o sacrifício sendo escravos.

Com o passar do tempo a sociedade vai se modificando e a forma como esses sujeitos são vistos também acompanha cada sociedade. Se na antiguidade o surdo e a sua legitimidade enquanto ser humano era questionado, na idade média essa questão começa a ser repensada, inclusive já se abre viabilidade para casamento e recebimento de herança com autorização do papado, uma vez que essa realidade não era para todos, e sim para aqueles abastados socialmente. Veremos adiante mais detalhadamente.

2.1 Na idade média

Nesse período a igreja católica detinha grande poder na sociedade ditando a forma como se olhava o sujeito surdo. Eles eram vistos como pessoas incapazes não podiam se casar, e principalmente se os dois fossem surdos, só poderia casar com a autorização do papa, eles também não tinha o direito de receber suas respectivas heranças, nem mesmo comungar na igreja, pois como não falavam, então a igreja suponha que eles não teriam como salvar suas almas, já que pelo fato deles não conseguirem se comunicar através da língua oral eles não teriam como confessar seus pecados para Deus e se redimir. Quanto à educação era relegada apenas a filhos de famílias nobres para que só assim ter condições de receber educação e de boa qualidade.

Na idade média os educadores europeus tentaram motivar o mundo com seus princípios e práticas pedagógicas, com suas histórias contadas e com apoio de alguns teóricos. Ponce de Leon, foi um dos que ajudou os surdos e desenvolveu o alfabeto manual, a escrita e também a oralização, fundando uma escola com educadores para alguns surdos, porém nem sempre todos tinham esse privilégio de poder estudar. De acordo com isso, Goldfeld discorre que:

[..] a língua de sinais e sua aplicação na educação e na vida dos surdos, que, aliados a uma grande insatisfação por partes dos educadores e dos surdos com o método oral, deram origem a utilização da língua de sinais e outros códigos manuais na educação da criança surda. Naquela década, Dorothy Schiffler, professora e mãe de surdo, começou a utilizar um método que combinava a língua de sinais em adição à língua oral, leitura labial, treino auditivo e alfabeto manual (GOLDFELD, 2002, p. 31-32).

Alguns teóricos ficaram insatisfeitos com a língua de sinais por ela apresentar expressividade no uso o que para eles era muito feio, buscavam a reabilitação do

sujeito e está se dando única pelo uso da fala, e nesta perspectiva emerge o método oral. Durante anos esse método foi utilizado e se mostrando insuficiente e ineficaz, levando a discussões e retomada no uso dos sinais com vista a suprir o aprendizado dos surdos.

Em 1530 os monges beneditinos, na Itália, usavam um método de sinais para dialogar entre eles, mas não podiam descumprir o seu voto de silêncio entre os monges e os surdos. Então, o espanhol Pedro Ponce de León, monge beneditino foi quem criou a escola para os surdos, começando a desenvolver o alfabeto manual, assegurando que eles iriam começar aprender a soletrar as palavras, e garantindo ser os primeiros educadores dos surdos. Juan Pablo Bonet, padre espanhol que deu sequência ao trabalho de León, ensinando os surdos a falar e ler usando outra estrutura que foi o método oral.

2.2 Na idade moderna

Neste período observamos os olhares quanto à educação de surdos se modificarem, onde a metodologia empregada por Bonet era a oralização, ele acreditava que os surdos conseguem falar e ler, não obteve tanto êxito quanto o esperado, mais adiante temos o médico Britânico John Wallis que ao observar as tentativas sem sucesso praticadas anteriormente, propõe ensinar os surdos a escreverem utilizando apenas os gestos ao invés da oralização.

Com o decorrer dos anos em 1712, temos a criação do primeiro Instituto de Surdos-Mudos em Paris, proposto por Michel de L'Épée, este instituto reconhecia que as pessoas surdas tinham a sua própria língua para se comunicar. L'Épée foi um importante educador reconhecido por suas contribuições para o ensino de pessoas surdas. Como podemos observar ao longo dos tempos houveram várias iniciativas de educadores e seus múltiplos métodos no intento de que os surdos pudessem se comunicar.

A maior parte desses educadores buscou caminhos para ajudar os Surdos dentro da sociedade, pois como podemos analisar nem sempre eles podiam lutar por seus direitos, como sabemos a surdez pode acometer os indivíduos em qualquer fase de sua vida e sob variados fatores.

E sendo através dessas estratégias e métodos que se deram início a jornada educacional dos surdos, pois alternativas de ensino e reabilitação dos sujeitos eram

escassas e a visão de sujeito bastante estigmatizada.

De acordo com Skliar, os sujeitos surdos são vistos como diferentes diante da sociedade ouvintista, pelo fato da perda de um dos seus sentidos audição, porém os mesmos não deixam de ser menos capazes por conta disso, basta revê-los com outros olhos para perceber o quão plural e diversos é o seu ser, sua cultura e convívio estando adentrados em sua comunidade surda, como cita o mesmo:

“O surdo tem diferença e, não deficiência, e a preocupação que pretendo explorar aqui, antes de tudo, trata de diferença e diversidade. O que importa é como assumimos o sujeito surdo. Fala-se, hoje, frequentemente, biculturalismo entre surdos ou então se usa o termo bilinguismo (Skliar,2016, p.56)”.

As pessoas surdas são cidadãos igual a qualquer outro indivíduo, ao qual se diferencia apenas por não ter o sentido da audição, tendo a língua de sinais como seu meio de comunicação, mas são totalmente capazes de viver dentro comunidade. Para viver e transitar dentro da sociedade é necessário fazer uso de uma linguagem, a língua é uma ponte que vai ligar o mundo com as pessoas seja ela oral ou gestual, para o sujeito surdo a sua língua natural de comunicação aqui no Brasil se dá por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). A Libras é língua de modalidade gestual-espacial, sendo de grande relevância para comunidade surda, onde as informações transitam por meio das mãos, das expressões faciais e corporais, uma língua muito rica em detalhes.

2.3 O surdo na contemporaneidade

A idade contemporânea nos trouxe a visão clínica, que o surdo poderia ser “salvo” na sociedade, isso se daria por sua fala e uso de aparelho fonador que através desse aparelho eles iam conseguir escutar e poder ajudar na sua fala, e tentar viver possivelmente “bem” dentro da sociedade. Segundo Wrigley (1996, p. 71) ele relata que a política ouvintista continuou prevalecendo dentro do modelo clínico, as pessoas e suas tentativas de reparar e curar a surdez como se fosse um defeito ou uma doença mal curada e que se tinha tratamento para tal doença.

Esse período é marcado pelo protagonismo no ensino voltado para pessoas surdas, temos Laurent Clerc 1785-1869 e Thomas Gallaudet 1787-1851 ambos foram responsáveis pela introdução dos sinais e pela educação institucionalizada para os

surdos nos Estados Unidos, em busca de implantarem os sinais junto com a educação para os surdos. Em 1817, foi dada abertura a primeira escola pública para surdos em Hartford, Connecticut.

No ano de 1864 foi fundada a primeira faculdade para surdos por Edward Gallaudet, filho de Thomas Gallaudet, o atual nome da faculdade é Gallaudet University, neste período estavam em discussão melhor método empregado para o ensino das pessoas surdas, Alexandre Graham Bell, representante do oralismo trouxe a pauta de discussão suas ideias de reabilitação do sujeito mediante a fala. No ano de 1872 deu sua singela contribuição com a criação de uma escola para alunos surdos, onde utilizavam o método oralista com os surdos, onde o principal objetivo era fazer com que os mesmos falassem. Com o decorrer dos anos o método oralista foi ganhando cada vez mais espaço diante da educação dos surdos, até que no ano de 1880 aconteceu o Congresso de Milão um marco importante e de muito sofrimento para os indivíduos surdos, pois foi definido o método oralista que passaria definitivamente a ser utilizado, sendo proibido o uso de língua de sinais pelo indivíduo surdo, ao qual os principais protagonistas não tiveram como se manifestar e ter vez na votação do congresso, onde o oralismo ganhou unanimemente.

Mesmo diante de tanto forçar os surdos a falar, pouquíssimas conseguiram atingir os objetivos propostos e por não obter êxitos, passaram a reavaliar o método e então foi dando início a uma nova forma de educação denominada como “Comunicação total”, esta tinha como principal meta o uso de qualquer estratégia que pudesse permitir o resgate na comunicação das pessoas surdas. Este modelo combinava a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, entre outros recursos que colaboraram com o desenvolvimento da língua oral, para a satisfação e aprendizado da comunidade surda. Porém a comunicação total não surtiu tantos resultados como esperado, pois, fazia uso das duas línguas: a fala e os sinais (bimodalismo) ao qual são duas línguas com estruturas diferentes, ambas distintas tornando difícil o processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdo.

Diante do fracasso com a comunicação total, eis que surgiu o bilinguismo ao qual seu método consiste em trabalhar com duas línguas no contexto escolar, onde são utilizados a língua de sinais do país que em nosso caso é a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a L1 para se expressar e comunicar diante da sociedade, e a Língua Portuguesa para o uso da escrita, como a L2. Esse método ganhou amplitude e tem sido pauta de reivindicações da grande população surda, pois acredita-se que

ele vai de encontro aos anseios desse público de ensino instrumentalizado pela sua língua materna. Percebemos um aumento significativo de escolas que adotaram essa proposta, porém para o grande contingente de surdos julgamos insuficiente sendo necessário a interiorização e expansão.

Sentimos que mesmo diante de tantas lutas e sofrimentos o sujeito surdo vem ganhando espaço e se destacando cada dia mais, discorreremos mais adiante sobre os desafios e as conquistas que esses sujeitos vêm galgando.

3 Desafios e conquistas na educação de surdo

Normalmente o indivíduo surdo tem seu contato com a língua de sinais tardiamente, acontece muito das vezes na fase adulta, é partindo desse conhecimento e desse encontro com sua própria língua que o sujeito surdo passa a descobrir e conhecer pessoas que interagem e se comunicam por meio da língua gestual/espacial, passam a frequentar e participar como membros de associações de surdos, percebendo assim que não estão sozinhos no mundo e que tem várias pessoas que como eles escutam com os olhos e falam com as mãos. Na comunidade surda ele inicia uma descoberta de si e de tudo que o cerca. Dentro das comunidades temos o povo surdo.

O povo surdo são grupos de pessoas que partilham de uma mesma língua, têm costumes, histórias e tradições que são bastante comuns entre eles, e que fazem parte de uma comunidade surda.

Sobre a comunidade Padden e Humphries afirma:

“Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para os alcançar (Strobel.2015 p. 37 Apud Padden e Humphries.)”

Uma comunidade surda não é composta apenas por pessoas surdas, mas também por pessoas ouvintes que lutam e buscam pelas causas surdas. A marca das comunidades surdas é organização em busca de reivindicações políticas, nelas temos sujeitos que vestem a camisa e vão juntamente com os sujeitos surdos em busca de seus ideais sempre no sentido de reconhecimento dos Surdos dentro da sociedade.

A comunidade surda vem cada vez mais se destacando na sociedade, sua organização se dá por meio de associações. As associações têm como finalidade ajudar os sujeitos surdos a evoluir com a comunidade surda, quando o surdo não tem contato com a Libras, eles se inserem nas associações para adquirir mais conhecimento e se sentirem mais incluídos dentro da sociedade. E esse contato de grupos, ao qual levam os mesmos a motivarem e fazer parte desde times de futebol levando a disputarem campeonatos nacionais, como também grupos de dança, e cargos com grandes renomes como é o caso de líderes governamentais como também Miss.

No ano de 1987 surge a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) como sendo uma entidade filantrópica, a mesma não se tem interesse em fins lucrativos, porém com intuito da defesa por políticas linguísticas, direito por educação, cultura, emprego, saúde e assistências social em favor de atender a comunidade surda brasileira, como também reivindicar pelo que é seu por direito. Para que hoje as associações possuam essa visibilidade, o ponto inicial se deu através do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) por meio do dispositivo Lei 10.436/02 homologada no dia 24 de abril de 2002, esta afirma:

Parágrafo único: “Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas Brasil”. (BRASIL,2002)

Como percebe-se a Libras tem sua própria estrutura e gramática, sendo distinta da língua portuguesa. A Lei está regulamentada pelo decreto de nº 5626/05 em seu Art. 2º afirma: “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras”, onde torna evidente e ressalta a importância da língua em questão para a comunidade surda, sua comunicação e determinados fins.

Diante de tantos percalços e lutas, a comunidade surda ganha destaque com suas vitórias e conquistas diante da sociedade, um fator importante são os avanços no campo de acessibilidade e recursos tecnológicos, como por exemplo telefones onde o indivíduo surdo pode se comunicar através de chamadas de vídeos,

babás eletrônica que apresenta alarmes vibratórios para chamar atenção do surdo, a campanha com sensor onde a luz apaga e acende para informá-los que tem alguém na porta, na televisão contamos a janelinha com intérprete de Libras repassando toda a informação ou a própria legenda para que o surdo possa estar acompanhando o que está sendo falado, essas conquistas e avanços são apenas alguns em inúmeros avanços que os surdos vem conseguindo na atualidade.

Dentre todas as conquistas a mais plausível e fator de orgulho é a Libras, se comunicar por ela sem impedimentos para os surdos representa ganhos em todos os âmbitos de sua vida, porém há vários pontos que ainda carecem de atenção, principalmente no âmbito educacional, pois a legislação tangencia sobre a necessidade de inserção da Libras nos variados níveis de ensino conforme podemos ver a seguir:

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

A educação de surdos enfrenta várias dificuldades entre elas a do acesso aos profissionais qualificados, percebemos a escassez em muitas instituições para lecionar e se comunicar com o sujeito surdo dentro da sala de aula, havendo assim entraves na comunicação e inserção do indivíduo.

No intuito de otimizar a comunicação dos surdos nos mais variados espaços temos os intérpretes. Este profissional recebeu reconhecimento recente por meio da Lei 12.319/10. O intérprete deve atuar em duas frentes conforme explicita a lei: “Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa”, onde o mesmo está apto a interpretar e fazer a tradução do português para a Libras dentro da sala de aula, como também em locais públicos que o surdo esteja inserido.

As pessoas com deficiência nos últimos anos tiveram nos anos ampliação significativa no que concerne a política pública para promoção de acessibilidade e inclusão. Uma lei importante é a LBI (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), lei sob número 13.146/15, esta é destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais

por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Ainda sobre a LBI, percebemos que ela possibilita algumas melhorias na educação dos surdos, sendo de grande valia para esse grupo que é menos favorecido na sociedade. Temos outras legislações de suma importância como é o caso da Lei 13.005/14 do Plano Nacional de Educação - PNE, esta possui prazo de vigência de dez anos para cumprimento, estando inserida no rol da educação, ela apresenta como uma de suas metas e estratégias a criação de escolas bilíngues para os alunos surdos:

“4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.”

Como podemos ver, a meta evidencia a relevância dos surdos estudarem a sua língua natural Libras como sua L1 e o português como a sua segunda língua L2, assim como abrange sujeitos com outras especialidades como é o caso de pessoas cegas e o sistema braille como meio de ensino.

Como cita Thoma (2014) sobre os objetivos das escolas bilíngues:

O objetivo é garantir a aquisição e a aprendizagem das línguas envolvidas como condição necessária à educação do surdo, construindo sua identidade linguística e cultural em Libras e concluir a educação básica em situação de igualdade com as crianças ouvintes e falantes do português. (THOMA, 2014, p.06)

Thoma (2014) ainda relata sobre as recomendações que são impostas por 001/2010 do CONADE onde mostra:

Na recomendação nº38, que trata especificamente da avaliação do ENEM, a Comissão Assessora recomenda que as provas sejam, de fato, acessíveis por meio da construção e disponibilização de instrumentos de comunicação em formatos acessíveis; da produção de materiais e da garantia de que todas as informações relativas ao Exame sejam disponibilizadas em formatos acessíveis; (THOMA, 2014, p.16)

Ao qual torna explícito a importância de se ter acessibilidade durante exames de avaliação institucionais que vão desde o ENAD (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), como Provinha Brasil, até mesmo o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) dentre outros, para que assim possa haver melhor entendimento,

desempenho e aprovação do sujeito com deficiências distintas.

Diante do cenário atual em meio a pandemia (COVID-19), as aulas que antes eram presenciais, hoje se encontram de maneira remota, voltada para área tecnológica, ao qual deixa um tanto quanto a desejar, pois na maioria dos casos os discentes sejam eles surdos, ouvintes ou de distintas necessidades e deficiências, em muitos casos não se tem um aparelho de telefone para assistir as aulas, nem tão pouco internet para fazer esse acompanhamento, e para aqueles sujeitos que necessita de um acompanhamento específico ou de tecnologias assistivas que se era na maioria dos casos disponibilizados pela própria instituição de ensino, diante dessa circunstância acabam não usufruindo ou dispendo de tais recursos, levando assim a uma perda significativa , quando não se tem um retardo em seu ensino e aprendizagem.

Os sujeitos surdos, através das consecutivas lutas eles conseguiram o ENEM traduzidos, buscando assim que as provas sejam acessíveis e possam ter melhor desempenho na respectiva prova. Ainda sobre isso, no momento de realização das provas eles podem contar com apoio diretivo dos intérpretes, bem como aditivo de uma hora a mais para realização das provas, o que podemos considerar favorável para realização do exame e assim almejar uma vaga nos cursos de formação em nível superior.

Além da legislação de cotas para deficiência, a grande maioria das universidades tentam abrir as portas para a população surda e indivíduos com dificuldades distintas. Algumas universidades no intuito de alargar o ingresso dos surdos optam por promoverem vestibulares internos acessíveis ao qual realizam a tradução do Português para a Libras auxiliando os surdos como também a utilização do braille ajudando assim aos cegos e pessoas com baixa visão.

A luta não para por aqui, a comunidade surda busca incansavelmente pelos seus direitos, isto é, por educação de qualidade, que seja inclusiva, onde possam estudar em escolas bilíngues ao qual possam ser alfabetizados e que as demais escolas possam introduzir a Libras como sendo disciplina obrigatória dentro da sua grade curricular tal qual como preconizado na Lei 10.436/02, como sendo o divisor de águas para o ingresso desses indivíduos em universidades onde possam permanecer até o final e consigam concluir a sua graduação, sem abandonar o curso por motivos de não compreender ou por dificuldades de comunicação e interação com demais colegas de classe, almeja-se que possam ser capacitados para o mercado de trabalho

e ingressar em suas carreiras profissionais.

4 Considerações finais

Podemos perceber o quão importante é o engajamento político desses sujeitos a reivindicação de seus direitos legitimados. Vivemos uma sociedade ainda muito preconceituosa e ignorante quanto às potencialidades dos sujeitos Surdos e que grande parte dos direitos via de regra tem sido efetivado por meio da judicialização e essas leis dão subsídio para que possam ser cumpridos. Sentimos que as legislações direcionam para pontos importantes, porém na prática sua efetividade ainda está distante de uma verdadeira inclusão. Ao longo do trabalho fizemos um panorama dos principais pontos da educação de surdos indo dos primórdios até a atualidade e como vimos não foi nada fácil para eles.

Percebemos que os surdos estão vivenciando situações de inserção nos espaços ao invés de inclusão, pois mesmo com tantos avanços ainda é notório os entraves que esses sujeitos enfrentam, sentimos a ausência de intérpretes em locais públicos e privados, a carência de profissionais qualificados e atuantes nas áreas da Libras nas escolas para dar um suporte e um repasse de conteúdo mais satisfatório. Para que haja uma comunicação propícia entre pessoas ouvintes e sujeitos surdos, acreditamos que deve ser inserido a Libras como disciplina curricular nas escolas, servindo de pontapé para mudança de postura da sociedade e isso deve ser feito a partir da base.

Outro ponto importante é o investimento na educação, aparelhagem para os alunos como por exemplo tablet, notebooks para que possam acompanhar as aulas e assim poder ter melhor desempenho escolar, bem como apostamos na formação continuada dos docentes para atendimento das pessoas surdas, pois entendemos que a educação tem passado por transformações e os professores precisam ser preparados para lidar com essas mudanças. O ensino ele só ocorre com a capacitação dos docentes, então, que as escolas possam contar com um programa de capacitação anual e contínuo. Esses são apenas alguns dos pontos que ainda precisam ser revistos e que tem se intensificado nesse cenário pandêmico.

Por fim, esperamos que seja oportunizado novos olhares para a trajetória dos surdos e para as múltiplas formas de como abstraem o mundo e tudo isso parte de uma compreensão de sua identidade cultural e de suas necessidades individuais e coletivas, valorizando assim o sujeito em sua integralidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEGROW. D. **Surdez e Linguagem**, Bahia, 7 de nov. de 2010. Disponível em: <<http://surdezelinguagem.blogspot.com/2010/11/um-breve-historico-da-educacao-de.html>> Acesso em: 05/03/2019

Portal educação, **História dos Surdos** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/a-historia-dos-surdos/12144/>> Acesso em: 06/03/2019

DORZIAT, A.; REMÍGIO, J.; PAULINO, F.; O Direito Dos Surdos À Educação: Que Educação É Essa? DORZIAT.Ana (Organizadora) de. **Estudos surdos: Diferentes olhares/** Porto Alegre: Mediação, 2011. Cap.01. p.51 a 60 Disponível: em<<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/inclus%C3%A3o-social-do-surdo-reflex%C3%B5es-sobre-contribui>> Acesso em: 06/03/2019

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sócio-Interacionista**. São Paulo: Plexus, 2002.

LÚCIA, Ana. **Neurociências em Benefício da Educação**, Rio de Janeiro, 13 de jan. de 2013. Disponível:

em<<http://neuropsicopedagogianasaladeaula.blogspot.com/2013/01/surdos-trajetorias-e-conquistas.html?m=1/>> Acesso em: 06/03/2019

MARIA, Wanilda, apostila **Fundamentos da Educação dos Surdos**.

Disponível:em<<http://www.cchla.ufpb.br/libras/wp-content/uploads/2017/02/Fundamentos-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-de-Surdos.pdf/>> Acesso em: 04/03;2019

Portal educação, **História dos Surdos** Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/a/13441>> Acesso em: 09/03/2019

SKLIAR.C.de. **A surdez: Um olhar sobre as diferenças**. 8.ed. Porto Alegre: Mediação. 2016.

STROBEL, Karin. de. **As imagens do outro sobre a cultura surda/Karin Strobel**. 3. ed. rev. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015

BRASIL. Lei nº12.319, de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 01 set. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato20072010/2010/lei/l12319.htm> Acesso em: 15/05/2021

BRASIL. Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em: 15/05/2021

BRASIL. Lei nº5.626. de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de

24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 22 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 15/05/2021

BRASIL. Lei nº13.146. de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 06 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 17/05/2021

BRASIL. Lei nº13.005. de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm> Acesso em: 17/05/2021

THOMA, ADRIANA ET AL. **Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI, BRASÍLIA-DF 2014 P. 1-24



Biografias
CURRÍCULOS DOS AUTORES

Andressa Almeida dos Santos

Professora da educação básica da rede pública do estado do Ceará. Graduanda em Letras pela universidade regional, bolsista do programa de iniciação científica PIBIC/FUNCAP.

Cássia da Silva

Superintendente Escolar da 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (19ª CREDE/CE), professora de Literatura da URCA/Campus Missão Velha. Coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea - GLICON da URCA/MV. Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Cleidianne Costa da Silva

Graduada no Curso de Licenciatura Plena em Letras/Libras Pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido- UFERSA- Caraúbas/RN.

Elisberta de Oliveira Araujo

Graduada no Curso de Licenciatura Plena em Letras/Libras Pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA- Caraúbas/RN.

Fabrcia Raquel de Oliveira Araújo

Graduanda no curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. E-mail: fabriciaraquel@alu.uern.br

Felipe Eduardo Ferreira Marta

Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Pós-doutorado pela Virginia Polytechnic Institute and State University (Virginia Tech/USA). Docente permanente no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Gilson Brandão da Rocha Filho

Mestre em Gestão Ambiental pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - MPGA/IFPE (2016.2). Graduado em Geografia pela Universidade

Federal de Pernambuco - CFCH/DCG/UFPE (2013.2). Tem experiência na área de Educação Ambiental, com ênfase em mudanças climáticas e alterações na paisagem. Foi Bolsista pelo CNPq no projeto: Tecnologias sociais para gestão e recuperação de áreas degradadas no alto trecho da bacia do Pajeú - Pernambuco. Atualmente é professor do curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central - FACHUSC e conselheiro titular da Floresta Nacional de Negreiros - FLONA Negreiros.

Jéssica Girlaine Guimarães Leal

Mestra em Ciências da Linguagem -PPCL/UERN, Licenciada em Bacharel em Letras Libras. Docente no Curso de Licenciatura plena em Letras/Libras Pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA - Caraúbas/RN.

Jonatan dos Santos Silva

Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente na rede estadual de Educação da Bahia (SEC/BA).

José Almiro Alves da Silva

Graduando do curso de licenciatura em Matemática pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte - UERN. Técnico em caprinocultura pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR. Atuando no programa de Residência Pedagógica (Resped).

Josélia Carvalho de Araújo

Graduação em Geografia: Licenciatura (1992) e Bacharelado, habilitação em Planejamento Regional (1994); Mestrado em Geografia, área de concentração "Dinâmica e Reestruturação do Território" (2004); Doutorado em Geografia, área de concentração "Dinâmica Socioambiental e Reestruturação do Território", linha de pesquisa "Dinâmica Urbana e Regional" (2017), pela UFRN. É professora do Departamento de Geografia, Campus Central, Mossoró, UERN. Professora permanente do POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN). Atua em Geografia Humana, com: geografia urbana; planejamento urbanorregional; centralidade urbana; em Ensino de Geografia, com: educação geográfica inclusiva; construção do

conhecimento; avaliação da aprendizagem; pesquisa na educação básica; planejamento e registro de aula; epistemologia da prática docente. Tem experiência também na área de comunicação, atuando junto ao Núcleo de Comunicação da Arquidiocese de Natal.

Juliana Nayara Brasil de Moraes

Graduanda no curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. E-mail: juliananayara@alu.uern.br

Lenina Lopes Soares Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e em Ciências Sociais pela Universidade Luterana do Brasil; é Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Potiguar; fez Curso de Aperfeiçoamento em Pesquisa em Educação pelo Espaço Oficina de Ciência e Arte; Mestrado e Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Líder do Núcleo de Pesquisa em Educação, Ciência, Tecnologia e Trabalho (Necttra) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Orientação Educacional, Consultoria em Organização de Instituições Educativas e Pesquisa em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ensino-aprendizagem, organização escolar, mediação pedagógica, políticas educacionais, memória e história da educação. ORCID: 0000-0002-0517-4742.

Marcos César Soares Ramalho

Graduado em Matemática pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte - UERN (2021). Bolsista no programa de Residência Pedagógica, RESPED no período de 01/11/2020 a 31/10/2021. Graduado em Engenharia de Petróleo pela Universidade de Fortaleza –UNIFOR (2009). Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Faculdades Integradas de Patos – FIP (2007) e Graduação em Engenharia de Alimentos pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2006).

Maria Helena Bezerra da Cunha Diógenes

Graduada em Ciência da Computação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2013) e em Licenciatura em Formação Pedagógica de Docentes para a EPT pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, IFRN (2017). Com Especialização em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância (2021), e Especialização em PROEJA (2017), pelo IFRN Campus Natal Zona Leste. Mestranda em Educação Profissional pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP), na linha de pesquisa: Política e práxis em Educação Profissional, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Natal Central. Bolsista CAPES. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Educação, Ciência, Tecnologia e Trabalho (NECTTRA) - CNPq,. Link ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3282-1498>.

Marlon Messias Santana Cruz

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia - Campus XII.

Míria Helen Ferreira de Souza

Professora mestre do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Coordenadora do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Orientadora do trabalho. E-mail: miriahelen@uern.br

Natália de Oliveira Gomes

Estudante do 8º período de Licenciatura em Geografia na Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central.

Priscila Freitas Conceição

Graduanda do curso de Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN. Atuando como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (Pibid).

Tatiana Dantas dos Santos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) na linha de pesquisa: Política e práxis em Educação Profissional, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Natal Central. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Educação, Ciência, Tecnologia e Trabalho (NECTTRA) - CNPq. Bolsista-pesquisadora no convênio SEAD/FAPERN (03/2019).

Jader Luís da Silveira

Organizador

Possui Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG, MBA Executivo em Saúde pela Universidade Candido Mendes - UCAM, Especialização em Análises Clínicas e Microbiologia pela Universidade Candido Mendes - UCAM, Especialização em Uso Educacional da Internet pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, Especialização em Gestão de Instituições Federais de Educação Superior na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Especialização em Docência com Ênfase na Educação Básica pelo Instituto Federal Minas Gerais - IFMG e Especialização em Docência com Ênfase na Educação Inclusiva, pelo Instituto Federal Minas Gerais - IFMG. Fundador e Membro do Conselho Editorial da Revista MultiAtual - ISSN 2675-4592 e da Revista Real Conhecer - ISSN 2763-5473. Tem experiência como Professor no Ensino Fundamental, Médio e Técnico na Rede Estadual de Ensino, além de Tutor a Distância nos cursos de formação continuada e Pós-graduação no IFMG. É Fundador e Diretor Geral do Grupo MultiAtual Educacional e das escolas integrantes.

ISBN 978-658997624-0



Editora
MultiAtual